

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

RÚBIA MARA BARBOSA MOURA

**DESFILE DO 18 DE MAIO EM BELO HORIZONTE:
A BUSCA DO ELEMENTO CULTURAL COMO POSSIBILIDADE DE
TRANSFORMAÇÃO DOS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA LOUCURA**

Belo Horizonte

2011

RÚBIA MARA BARBOSA MOURA

DESFILE DO 18 DE MAIO EM BELO HORIZONTE:
A BUSCA DO ELEMENTO CULTURAL COMO POSSIBILIDADE DE
TRANSFORMAÇÃO DOS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA LOUCURA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Izabel C. F. Passos

BELO HORIZONTE

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A Dissertação *“DESFILÉ DO 18 DE MAIO EM BELO HORIZONTE: a busca do elemento cultural como possibilidade de transformação dos significados sociais da loucura.”*

elaborada por **Rúbia Mara Barbosa Moura**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 06 de maio de 2011.

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dra. Izabel Christina Friche Passos
(Orientadora)

.....
Prof. Dr. Paulo Duarte de Carvalho Amarante

.....
Prof. Dra. Amanda Márcia dos Santos Reinaldo

Aos meus pais, Déa e Maurício, e meu irmão Breno pela presença certa, de corpo e alma, e por todo afeto que endereçam a mim, encorajando e potencializando todas as minhas produções. É na tentativa sempre insuficiente de retribuir-lhes que dedico a vocês este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Izabel, pelas sábias orientações que, à semelhança do feitio de uma peça de mosaico, foram fundamentais à construção artesanal deste trabalho. De nossas trocas, levo comigo novas inquietações.

À Nadja, pela escuta sempre cuidadosa e acolhedora e pelas dicas que não encontramos em nenhum manual ou compêndio de biblioteca. Admiro seu desejo e sua competência em formar pessoas/profissionais.

Ao meu querido Ricardo, amor-companheiro de sonhos, caminhando ao meu lado na busca incansável por uma vida mais simples, mais bela e mais rica de sentido. Junto de ti tudo me parece mais leve...

Aos meninos Di e Chi, por me mostrarem a felicidade nos momentos mais simples.

À Vó Li, por me apresentar o mundo da doçura e da delicadeza através de suas histórias, do seu afeto e sua acolhida.

Ao tio Ricardo Barbosa, por aguçar o meu afeto e minha sensibilidade com o advento de sua partida, atravessando meu processo de escrita de maneira bela, dolorida e especialmente singular. Você está aqui, no meu coração.

À Dedé, por acompanhar o processo desde o início e pelas rápidas e agradáveis visitinhas durante meu recolhimento.

Às amigas queridas, irmãs do coração, pela intensidade do afeto e pelo respeito às nossas diferenças. É a liberdade que nos aproxima.

À prima Rachel, por tudo que compartilhamos nesses trinta anos e pelo apoio e proximidade dos últimos meses. Admiro sua garra.

Às amigas Ciça e Viotti, pela densidade e beleza de nossas reflexões. Destas trocas vou aprendendo a conquistar a “liberdade ainda que tardia”.

Ao Centro de Convivência Estação Sonhos, onde minhas inquietações efervesceram e se transformaram em perguntas, especialmente ao amigo Valmir, pela amizade e reflexão cotidianas.

À Kátia, por me mostrar um caminho para minhas inquietações. Admiro-te pelo trabalho e pela sabedoria.

Ao Prof. Miguel Mahfoud, sempre acolhedor, por ter concedido minha participação em suas belíssimas e densas discussões que ajudaram a dar forma ao meu anteprojeto de pesquisa.

À Fátima, por me apontar uma direção certa e ler cuidadosamente meus primeiros escritos, ainda tão caóticos e intensos.

Aos colegas do mestrado, em especial Marcus Otávio, Roberta Vasconcelos e Cláudia Salum, com os quais compartilhei as dificuldades da minha entrada no mundo acadêmico e, agora, compartilho uma das vitórias...

Aos colegas do LAGIR, em especial à Clarissa, pela presença delicada e por ouvir minhas primeiras perguntas.

Aos alunos da graduação em Psicologia, componentes da equipe de coleta, que neste estudo tiveram papel fundamental. Sem vocês a coleta durante o desfile não seria possível.

Ao meu anjo da guarda, por me acompanhar até aqui e daqui para sempre!

*E um dia, afinal, tinham o direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia que se chamava carnaval,
o carnaval, o carnaval
Vai passar, palmas pra ala dos barões famintos
O bloco dos napoleões retintos
e os pigmeus do boulevard
Meu Deus, vem olhar, vem ver de perto uma cidade a
cantar
A evolução da liberdade até o dia clarear
Ai que vida boa, ô lerê,
ai que vida boa, ô lará
O estandarte do sanatório geral vai passar
Ai que vida boa, ô lerê,
ai que vida boa, ô lará
O estandarte do sanatório geral... vai passar.
(Chico Buarque e Francis Hime)*

*Que o sanatório geral passe e dê lugar à evolução da
LIBERDADE AINDA QUE TAM TAM!*

RESUMO

Moura, R. M. B. (2011). Desfile do 18 de maio em Belo Horizonte: a busca do elemento cultural como possibilidade de transformação nos significados sociais da loucura. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Este trabalho consistiu na investigação acerca do desfile do 18 de maio em Belo Horizonte, evento político-cultural escolhido pelos militantes mineiros como uma das formas de comemoração do Dia Nacional da Luta Antimanicomial. O objetivo foi investigar o potencial de transformação dos significados da loucura através do desfile, para tanto foram utilizados procedimentos qualitativos e quantitativos na coleta e análise dos dados através da triangulação de métodos. Os dados foram coletados em três fases correspondentes aos objetivos específicos do estudo e o processo de análise foi operado através de análise temática de conteúdo e de estatística descritiva. Na primeira fase, realizou-se a observação participante através da imersão nas reuniões de organização do desfile, cujos sujeitos foram seus organizadores, no intuito de conhecer o processo de construção de maneira detalhada. Para mapear os dados foram utilizadas categorias teórico-conceituais a partir das quatro dimensões da Reforma Psiquiátrica propostas por Amarante (2003), quais sejam, teórico-conceitual, técnico-assistencial, jurídico-política e sociocultural. Foram criadas, também, três categorias sociais, devido à diferenciação de conteúdo e/ou forma dos temas emergentes nas reuniões, conforme o grupo de pertencimento dos sujeitos. São elas: usuários, trabalhadores e gestores dos serviços de saúde mental. Através da análise constatou-se que o processo de construção do desfile traz contribuições em todas as dimensões da reforma psiquiátrica funcionando, principalmente, como espaço de reflexão do movimento, podendo ser considerado um desdobramento fundamental do Movimento da Luta Antimanicomial em Minas Gerais. Na segunda fase da pesquisa, procedeu-se a aplicação de questionário, durante o desfile, quando os sujeitos passaram a ser espectadores, cujo objetivo era investigar a identificação e os significados dados ao desfile. Estreitamente articulada a esta, a terceira e última fase foi operada através da realização de entrevistas com uma militante do movimento e com cinco espectadores que identificaram a finalidade do desfile. Os objetivos foram, respectivamente, conhecer o processo histórico que deu origem ao desfile e aprofundar na compreensão acerca dos

significados dados a este. Do histórico do desfile constatou-se que a escolha do carnaval como uma das formas de comemoração do 18 de maio foi não intencional, constituindo-se como carnaval a partir da experimentação do samba como recurso da cultura incorporado por um movimento social. Com o objetivo de construir uma nova relação entre sociedade e loucura e conscientizar a população sobre os princípios do MLA, o desfile mostrou ser eloquente, comunicando seu objetivo, basicamente, através de sua mobilidade e de recursos áudio-visuais ligados ao carnaval. Apesar de eficientes, estas formas se mostraram insuficientes, devendo o movimento investir em outras formas de comunicação/divulgação. Sobre os significados dados ao louco e à loucura o desfile apresentou impacto positivo, potencializando o processo de desconstrução de antigos significados, dando evidências de que o uso do carnaval como elemento cultural estratégico é uma direção certa na construção de um novo lugar social para o dito louco.

Palavras-chave: Movimento da Luta Antimanicomial; Desfile do 18 de Maio; Carnaval; Saúde Mental.

ABSTRACT

This work consisted on the investigation concerning the May 18 parade in Belo Horizonte, a political and cultural event chosen by the local militants as a way to celebrate the National Antimanicomial Day. The purpose was to investigate the transformation potential of the meanings of madness through the parade, for which were used both qualitative and quantitative procedures to collect and analyze data through triangulation methods. Data were collected in three phases corresponding to the specific intents of the study, and the analysis process was operated using thematic content analysis and descriptive statistics. In the first phase took place a participant observation, by the immersion on the organization meetings of the parade, whose research subjects were the organizers and the objective was to know the construction process in a detailed manner. To map the data were used theoretical and conceptual categories from the four dimensions of Psychiatric Reform, proposed by Amarante (2003), which are: theoretical-conceptual, technical-assistencial, juridical-political and sociocultural. We also created three social categories due to the differentiation of content and / or shape of the emerging themes in the meetings according to the belonging group of the participants. They are: users, workers and managers of mental health services. Through the analysis it was found that the construction process of the parade brings contributions in all aspects of psychiatric reform, working mainly as a space for reflection upon the movement, may being considered a fundamental deployment of the Antimanicomial Movement in Minas Gerais. In the second phase of the research, questionnaires were applied during the parade, when the subjects researched became the parade viewers, and the purpose was to investigate which identification emerged and what meanings were given to the parade. Closely linked to this phase, the third and final stage was operated through interviews with a movement militant and five spectators who identified the purpose of the parade. The objectives were, respectively, know the historical process that led to the parade and go deeply into the understanding of the meanings given to it. From the historical of the parade was ascertained that the choice of carnival as one of the forms of celebration of May 18 was not intentional, becoming carnival by the experimentation of samba as a cultural resource embedded by a social movement. Aiming to build a new relationship between society and madness and create consciousness in the public about the principles of the MLA (Antimanicomial

Movement), the parade proved to be eloquent, communicating its goal primarily through his mobility and audio-visual resources linked to the carnival. Although effective, these forms showed themselves as insufficient, leading the movement to think in the investment of other forms of communication / dissemination. About the meanings given to the “crazy” and the “madness”, the parade showed a positive impact leveraging the deconstruction process of old meanings, giving evidences that the use of the carnival as a strategic cultural element is a right direction in the construction of a new social place for the called “crazy”.

Keywords: Antimanicomial Movement; May 18 Parade; Carnival; Mental Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logomarca FMSM.....	40
Gráfico 1 – Espectadores que declararam conhecimento em relação ao que estava acontecendo(%).....	74
Gráfico 2 – Espectadores que declararam o motivo pelo qual estavam no local no momento do Desfile do 18 de maio(%).....	75
Gráfico 3 – Espectadores que identificaram o desfile do 18 de maio em relação à sua finalidade.....	78
Gráfico 4 – Espectadores que declararam conhecer o Movimento da Luta Antimanicomial(%).....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CEBES – Centro Brasileiro de Estudos de Saúde

CERSAM – Centro de Referência em Saúde Mental

CFP – Conselho Federal de Psicologia

DINSAM – Divisão Nacional de Saúde Mental

FHEMIG – Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais

FMSM – Fórum Mineiro de Saúde Mental

MLA – Movimento da Luta Antimanicomial

MNLA – Movimento Nacional da Luta Antimanicomial

MS – Ministério da Saúde

MTSM – Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental

REME – Movimento de Renovação Médica

RENILA – Rede Nacional Internúcleos da Luta Antimanicomial

SMSA/BH – Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. CAMINHOS METODOLÓGICOS	22
2. O MOVIMENTO DA LUTA ANTIMANICOMIAL E O DESFILE DO 18 DE MAIO COMO UM DESDOBRAMENTO FUNDAMENTAL DESTA LUTA.....	28
3. O DESFILE DO 18 DE MAIO EM BELO HORIZONTE: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA	38
3.1 TREZE ANOS DE HISTÓRIA.....	38
3.2 O DESFILE SOB A PERSPECTIVA DE SEUS PROTAGONISTAS	44
4. A PERSPECTIVA DOS ESPECTADORES.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS: “LUTA EM FORMA DE CARNAVAL”	87
REFERÊNCIAS	94
ANEXO 1 – MODELO QUESTIONÁRIO	100
ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO FMSM	102
ANEXO 3 – MANIFESTO DE BAURU	103
ANEXO 4 – ATA DE REUNIÃO	105
ANEXO 5 – 18 DE MAIO: DIA NACIONAL DA LUTA ANTIMANICOMIAL - 2010.....	109
ANEXO 6 – FOLDER.....	117
ANEXO 7 – FOTOS.....	119

INTRODUÇÃO

O movimento brasileiro de Reforma Psiquiátrica teve suas primeiras expressões no final da década de 1970, incitado pela crítica ao modelo asilar e hospitalocêntrico que caracterizava a assistência psiquiátrica. Este movimento eclodiu num cenário nacional marcado pela luta em prol da redemocratização do país e pela reemergência dos movimentos sociais, após anos de repressão e censura impostos pelo regime militar.

As críticas contundentes ao aparato manicomial foram desencadeadas pelas condições precárias, desumanas e violentas que caracterizavam o atendimento psiquiátrico, culminando numa série de denúncias e reivindicações a partir da eclosão do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM)¹ em vários pontos do país. Segundo Paulo Amarante (1995, p. 51), este movimento é considerado “o ator e sujeito político fundamental no projeto da reforma psiquiátrica brasileira”,² pois dele se originaram propostas de transformação do campo assistencial e incisivas críticas ao saber psiquiátrico, tendo como característica a não institucionalização, uma estratégia contra a perda de autonomia, à burocratização e à cronificação do movimento. Caracteriza-se, também, por ser múltiplo e plural, sendo “o primeiro movimento em saúde com participação popular” (AMARANTE, p. 57).

No percurso do MTSM, Amarante (1995) apontou três trajetórias, quais sejam, a alternativa, a sanitarista e a de desinstitucionalização, sendo esta iniciada na segunda metade dos anos 1980, marcando uma ruptura no processo da reforma psiquiátrica brasileira com a ampliação das propostas de transformação para além do campo técnico-assistencial, articulando-se a este os campos teórico-conceitual, jurídico-

¹ Segundo Amarante (1995), o uso da preposição “em” no nome do movimento pretendeu ampliar a participação de simpatizantes e militantes da sociedade em geral, não se restringindo somente aos trabalhadores deste campo. Sobre o termo “trabalhadores”, Ramos (2004) afirma ser, a um só tempo, uma sinalização de que o movimento não se restringia à categoria médica e uma evidência de filiação ideológica esquerdista dos componentes do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES) e do Movimento de Renovação Médica (REME).

² Ao fazer essa consideração a respeito do MTSM em seu livro *Loucos pela Vida* (1995), Amarante assinala que esta é uma posição tomada por ele e os outros autores que participaram da pesquisa que deu origem ao livro. Posição com a qual compactuo enquanto pesquisadora e trabalhadora do campo da saúde mental.

político e sociocultural. Pela ruptura instaurada, é que o conceito de desinstitucionalização será mister para as discussões deste estudo.

A trajetória de desinstitucionalização teve como marco o II Congresso Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental, ocorrido na cidade de Bauru em 1987. Este evento marcou o nascimento do chamado Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), que tem sua radicalidade expressa no lema de ordem “por uma sociedade sem manicômios”.³ Neste congresso instituiu-se, ainda, o Dia Nacional da Luta Antimanicomial, comemorado anualmente no dia 18 de maio. Entre as inovações que caracterizam o MLA estão a incorporação das associações de usuários e seus familiares ao movimento e a criação de novas modalidades de cuidado que, norteadas pela égide da superação do aparato manicomial, levou à implantação de uma rede territorial de serviços de saúde mental substitutiva ao hospital psiquiátrico.⁴ E, mais do que isso, o movimento propõe pensar a loucura para além das fronteiras assistenciais, convocando a sociedade a refletir e reconstruir sua relação com o louco.

Nesta direção, a comemoração do 18 de maio é concebida por Amarante (1997) como estratégia, cujo objetivo é fazer com que se envolva a sociedade nesta importante causa, demonstrando a premência das manifestações de cunho científico e cultural que acontecem em inúmeras cidades brasileiras nesta data. Na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, não é diferente. Entre as inúmeras formas de comemoração destaca-se o desfile da escola de samba Liberdade Ainda que Tam Tam ou desfile do 18 de maio — uma manifestação política do MLA com características carnavalescas, realizada há 13 anos na capital mineira e eleita objeto desta pesquisa.

Farei, aqui, um breve recorte acerca da constituição deste objeto no cotidiano do meu percurso pessoal e profissional como trabalhadora de um serviço substitutivo da rede de saúde mental do município Betim-MG. Minha vinculação com esta rede deu-se no ano de 2007, quando fui nomeada em concurso público e vim a ocupar uma das vagas de terapeuta ocupacional. Nesta ocasião estavam abertas vagas para a área hospitalar e para a de saúde mental; minha escolha por esta veio concretizar um desejo nascido das experiências como estagiária quando ainda era graduanda. Tais

³ Segundo Lígia Lückmann e Jefferson Rodrigues (2007, p. 403), “atualmente, esta discussão é retomada, principalmente em Santa Catarina, sob a égide ‘por uma vida sem manicômios’, já que a sociedade pode também ser o manicômio”.

⁴ Atualmente esta rede é constituída pelos seguintes equipamentos: Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) ou Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Convivência e Cultura, Residência Terapêutica e equipes de saúde mental na Atenção Básica.

experiências foram realizadas no ambulatório de saúde mental da Faculdade de Ciências Médicas-MG e num hospital psiquiátrico da rede de serviços da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG),⁵ em Belo Horizonte, ocasião na qual surgiram meus primeiros estranhamentos.

Iniciei, então, minha prática no Centro de Convivência da Saúde Mental que, segundo definição do Ministério da Saúde, é um dos dispositivos públicos que compõem a rede de atenção substitutiva em saúde mental, que é um dos “equipamentos concebidos fundamentalmente no campo da cultura e não exclusivamente no campo da saúde”, aí residindo seu papel estratégico rumo à construção de um novo lugar social para o louco — elemento essencial à Reforma Psiquiátrica (BRASIL, 2005, p. 41).

Entre outras atribuições, minha prática neste serviço viabiliza a realização e participação, com os usuários,⁶ em oficinas e outras atividades coletivas (assembléia de usuários, familiares e trabalhadores, reunião de familiares, entre outras), tidas como o eixo norteador deste trabalho (BRASIL, 2005b). Também entre as atividades coletivas estão as culturais, que acontecem fora do espaço físico do Centro de Convivência, tais quais visita a museus, teatros, exposições, pontos turísticos e culturais da capital mineira e dos municípios da região metropolitana, além da participação em eventos culturais diversos, sendo as comemorações do 18 de maio um deles.

O que me ocasionou inquietação foi o fato de a comemoração desta data trazer consigo uma movimentação tamanha que seria possível dizer que, anualmente, é o evento que mais mobiliza trabalhadores, usuários, familiares e gestores do campo da saúde mental. Devido a minha inserção na saúde mental participei, pontualmente, de algumas reuniões de organização do desfile do 18 de maio em Belo Horizonte, nos anos de 2008 e 2009. Num primeiro momento ia para acompanhar alguns usuários do município de Betim, mas, concomitantemente, minhas inquietações reapareceram, pois comecei a perceber que para o desfile acontecer era necessário um processo cuidadoso

⁵ Criada em 1977, a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMG) está vinculada à Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES) e é prestadora de serviços de complexidade secundária e terciária exclusivamente para o Sistema Único de Saúde (SUS). A rede FHEMIG é uma das maiores gestoras de hospitais públicos do País — são 20 unidades assistenciais, sendo sete localizadas no interior do Estado de Minas Gerais e 13 na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MINAS GERAIS, n.d.).

⁶ Segundo Maria Stella Goulart (2006, p. 4), “os textos normativos brasileiros recentes trabalham com uma terminologia que traduz os doentes mentais como usuários dos serviços de saúde mental. Assim, se tínhamos anteriormente pacientes que eram objeto, passivo, de ações técnicas ou terapêuticas, agora, a pretensão é de que esses sujeitos existam na condição de cidadãos, que demandam e usufruem serviços ofertados por agências públicas”.

de organização e criação que envolvia um coletivo formado por gestores, trabalhadores e usuários do campo da saúde mental, entre outros militantes.

Além das reuniões, tive a oportunidade de desfilar com a escola de samba, momento no qual experimentei a materialização de uma manifestação política metaforizada pelos mais diversos elementos carnavalescos, tais como fantasias, samba enredo, trio elétrico, bateria, mestre sala e porta bandeira. Nesta experiência pude constatar que outro elemento fazia parte do cenário deste evento: os espectadores — elemento fundamental quando se considera que o desfile do 18 de maio é uma festa que busca reconstruir a relação entre sociedade e loucura (BOTTI & SANGIOVANNI, 2008).

Através da efervescência produzida pela experiência pessoal foi que o problema da pesquisa se delimitou: a proposta da Luta Antimanicomial, metaforizada pelos elementos carnavalescos, afeta a população a ponto de produzir transformações nos significados sociais da loucura?

A partir de pesquisa bibliográfica percebe-se que abordar as experiências da loucura, pensando sua presença e produção no espaço sociocultural, é um dos pontos fundamentais no processo da Reforma, que prima por mudanças profundas não somente nos aspectos jurídicos, políticos e assistenciais, mas, sobretudo, “nos valores e significações sociais em torno da loucura e da doença mental” (PASSOS, 2003, p. 2).

Também, através de pesquisa bibliográfica, foram encontrados documentos, relatórios e publicações de órgãos oficiais do Ministério da Saúde, ou vinculados a ele, nas esferas federal, estadual e municipal (MINAS GERAIS, 2006; NILO *et al.*, 2008; BRASIL, 2005, 2007) e, até mesmo, uma publicação conjunta dos ministérios da Saúde e da Cultura (AMARANTE & LIMA, 2008) apontando a cultura como elemento estratégico de transformação das relações entre sociedade e loucura. Fato que ocorreu também nos escritos de importantes autores tais quais Amarante (1997, 2000, 2003), Mark Napoli Costa (2003), Ana Marta Lobosque (2001), Ana Marta Lobosque e Mírian Abou-Yd (1998), Fernando Tenório (2002), entre outros.

Especificamente, sobre o desfile do 18 de maio em Belo Horizonte, nas fontes pesquisadas encontram-se informações acerca da identificação do evento, suas características, seus objetivos e seus significados (LOBOSQUE, 2001; BELO HORIZONTE, 2008; NILO *et al.*, 2008; BOTTI & SANGIOVANNI, 2008), evidenciando, porém, uma escassez de publicações que tratem detalhadamente de sua

origem, da justificativa de escolha do carnaval como forma de intervenção e de sua efetividade diante de seus objetivos. Em comunicação pessoal, Yvone Magalhães Duarte⁷ confirmou a escassez destes dados e informou que o desfile de Belo Horizonte é um dos eventos comemorativos do 18 de maio mais organizados do território brasileiro.

Passos (2003, p. 11) afirma que uma particularidade do campo da Reforma Psiquiátrica brasileira é a grande produção de experiências, projetos e reflexões não publicados formalmente. Afirma, também, que poucos trabalhos “tratam da dimensão propriamente social do processo de desinstitucionalização, isto é, do retorno do ‘doente mental’ ao convívio social”. Diante da lacuna que se instala sobre um tema tão caro à Reforma Psiquiátrica, qual seja, a convivência da loucura na cidade, este estudo buscou investigar o potencial de transformação dos significados da loucura através do desfile do 18 de maio junto à sua população de espectadores. Mais especificamente, buscou-se apreender a origem e os sentidos do processo de escolha do carnaval como uma das formas de comemoração do 18 de Maio, investigar se os espectadores reconhecem o desfile do 18 de Maio enquanto festejo carnavalesco e/ou sua razão de ser e apreender o(s) significado(s) dado(s) ao desfile por seus espectadores.

No intuito de explicitar os caminhos escolhidos para tratar do objeto pesquisado, no primeiro capítulo, faço uma abordagem descritiva sobre o percurso metodológico desta dissertação, que se caracterizou pela combinação metodológica de procedimentos qualitativos e quantitativos, conhecida como triangulação de métodos. Em seguida, introduzo o segundo capítulo com um breve recorte histórico acerca da constituição do Movimento da Luta Antimanicomial, recorrendo principalmente ao texto de Amarante (1995), no qual o autor recapitula minuciosamente as origens do MLA através do MTSM. O autor sinaliza, ainda, a influência do paradigma italiano da desinstitucionalização em suas ações, — paradigma este que, por perpassar a discussão feita neste estudo, será esclarecido nesta parte introdutória a partir dos textos de Amarante (1995, 1997, 2000, 2003) e Franco Rotelli (1990). No que segue, abordo ainda no capítulo 2 os princípios da bandeira da Luta Antimanicomial a partir das contribuições de Amarante (1995, 1997, 2000, 2003), Lobosque (2001, 2007), Lobosque e Abou-Yd (1998) e Eduardo Vasconcelos (2000, 2008) — militantes pioneiros do movimento com produções fundamentais à compreensão deste processo.

⁷ Membro da coordenadoria geral do Conselho Federal de Psicologia (CFP), gestão 2008-2010 (Comunicação Pessoal, 12 nov, 2009).

No terceiro capítulo, introduzo o leitor no campo empírico da pesquisa. Com fins analíticos, divido este capítulo em duas partes. Na primeira, faço uma descrição pormenorizada sobre as origens do desfile do 18 de maio em Belo Horizonte e da escolha do carnaval como forma de intervenção, com dados obtidos, basicamente, através de entrevista de pesquisa. Na segunda parte, descrevo as observações das reuniões de preparação e criação do desfile do ano de 2010, quando os dados foram colhidos através de observação participante. Nesta parte apresento e discuto os dados à luz da conceituação da Reforma Psiquiátrica proposta por Amarante (2003).

No quarto capítulo, apresento a perspectiva dos espectadores do desfile colhida através de questionário para levantamento de opinião, aplicado no momento do desfile, e de entrevistas posteriores com os espectadores que reconheceram o desfile enquanto festejo carnavalesco e/ou sua razão de ser.

No quinto e último capítulo teço as considerações finais acerca dos resultados obtidos, incorporando na discussão o conceito de cultura, na perspectiva de Clifford Geertz (1989), a análise histórica do carnaval na Idade Média e na Renascença, feita por Mikhail Bakhtin (1987), e a análise do carnaval brasileiro feita por Roberto DaMatta (1973, 1980, 1986, 1997). Nos dois últimos, o carnaval é entendido como ritual que pode transformar a realidade social.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho baseou-se num estudo de tipo exploratório composto por procedimentos mistos — quantitativo e qualitativo — de coleta e análise de dados. A escolha pelo estudo exploratório teve como finalidade pesquisar o desfile do 18 de maio, possibilitando o conhecimento acerca de sua origem e de seu impacto nos espectadores. Segundo Antônio Carlos Gil (1999, p. 43), este tipo de estudo “é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado”, característica que se aplica ao desfile.

No processo de coleta de dados foram utilizados os procedimentos qualitativos de observação participante e realização de entrevistas,⁸ além do procedimento quantitativo de aplicação de questionário. Esta combinação metodológica é conhecida como triangulação de métodos e, segundo Mirian Goldenberg (2004, p. 63), “tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo”.

Na primeira fase da pesquisa, realizei observação participante através de imersão no processo de criação e organização do desfile, participando das reuniões semanais do coletivo organizador. As reuniões aconteceram de janeiro a março de 2010 e os dados coletados foram registrados em diário de campo. A imersão foi escolhida por ser uma forma privilegiada de engajamento com os sujeitos e teve por objetivo descrever o processo de construção do desfile através da observação de suas estratégias de intervenção cultural, da qualidade da discussão, da descrição do cenário, do surgimento das propostas, da identificação dos participantes e da elucidação das etapas. Segundo Maria Cecília Minayo (2004, p. 135), por ser fundamental à pesquisa qualitativa, este procedimento é reconhecido por alguns autores não só como estratégia de investigação, mas “como um método em si mesmo”. Através da imersão no grupo foi possível conhecer o cotidiano deste — o que foi fundamental para auxiliar a compreensão do objeto estudado em sua complexidade.

⁸ A pesquisa foi realizada de acordo com a resolução CNS Nº196, de 10 de outubro de 1996, observando-se os aspectos éticos tais como anuência dos sujeitos de pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por todos os entrevistados (modelo no ADENDO 1) e autorização do Fórum Mineiro de Saúde Mental (FMSM) para realização da observação participante (ANEXO 2).

A segunda fase caracterizou-se pela aplicação de questionário para levantamento de opinião imediata dos espectadores (modelo no ANEXO 1). A coleta foi realizada durante o desfile, em pontos específicos de seu trajeto, no centro de Belo Horizonte, e teve por objetivo investigar se os espectadores reconheciam o desfile enquanto festejo carnavalesco e/ou sua razão de ser. O questionário foi elaborado em consonância com os objetivos citados e mesclou questões abertas e fechadas. Para sua aplicação recorri ao auxílio de uma equipe de coleta composta por 26 estudantes do curso de graduação em Psicologia,⁹ aos quais apresentei o projeto de pesquisa e orientei quanto à aplicação do questionário.

Para operacionalizar esta etapa da coleta, pesquisei detalhadamente o trajeto do desfile, tanto por mapas, a fim distribuir de maneira otimizada a equipe de coleta e cobrir todo o percurso, quanto, também, pela sua experimentação, quando circulei pelas ruas por onde passaria o cortejo, no intuito de observar as características do entorno. Assim, os aplicadores foram devidamente distribuídos ao longo do trajeto, aplicando o questionário no momento em que os espectadores, selecionados aleatoriamente, presenciavam o evento. Àqueles que identificaram a finalidade do desfile, foram solicitados dados pessoais como nome e contato telefônico para a realização de entrevista, posteriormente.

O questionário é um instrumento de *Survey* que, segundo Gil (1999, p. 70), se caracteriza “pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. O autor aponta, ainda, as vantagens deste método, quais sejam: conhecimento direto da realidade, já que as próprias pessoas informam acerca de suas percepções e opiniões; quantificação dos dados, permitindo codificá-los e correlacioná-los com outros dados; e economia e rapidez, pela possibilidade de “obtenção de grande quantidade de dados em curto espaço de tempo”, o que se aplica a este estudo visto que o tempo para coleta limitou-se à passagem do cortejo (p. 71).

Não foi possível testar previamente o questionário, uma vez que este foi confeccionado especificamente para este evento. Sobre o pré-teste, Gil relata ser uma forma de “evidenciar possíveis falhas na redação do questionário” (1999, p. 132), porém, como a coleta foi realizada na tarde do desfile, com transeuntes do centro da

⁹ A participação no desfile foi uma das atividades da disciplina eletiva “Saúde Mental no Brasil: Experiências Inovadoras”, ofertada pela Profa. Dra. Izabel Passos no curso de graduação em Psicologia da UFMG. Além dos alunos desta disciplina, participaram da pesquisa outras duas alunas que também cursavam Psicologia na Faculdade Pitágoras, Campus Betim-MG.

capital mineira, não foi possível ter contato, antes deste momento característico, com o grupo específico.

A escolha por aplicar os questionários nos espectadores durante o evento teve considerável importância para a compreensão do objeto pesquisado, pois, como afirma DaMatta (1986, p. 9), o contato é um ingrediente fundamental dos rituais — no caso em questão, o carnaval.

(...) o cinema e a TV (cada qual a seu modo, mas numa gradação palpável) suprimiram um dos ingredientes mais importantes do drama (e do rito) que é, precisamente, a possibilidade de dar alguma coisa de volta, diretamente e em cima da hora, aos seus criadores e oficiantes. Isso é que, ao meu ver, constitui a magia do teatro, dos concertos e dos rituais, sendo possivelmente — como já estamos fartos de saber no Brasil — a semente das transformações profundas que tais atos dramáticos podem causar na vida de cada um de nós.

Na terceira e última fase foram realizadas entrevistas com alguns espectadores e com uma militante do MLA. Dos espectadores que identificaram a finalidade do desfile, e aceitaram deixar seus dados pessoais, cinco foram selecionados, conforme disponibilidade para entrevista, que teve por objetivo apreender o(s) significado(s) dado(s) ao desfile. Quanto à militante, o objetivo da entrevista foi investigar a origem da escolha do carnaval como uma das formas de manifestação do MLA, uma vez que esta informação não foi encontrada no levantamento bibliográfico. O critério para escolha do entrevistado baseou-se em ter este acompanhado o processo originário do desfile, podendo informar detalhadamente como ele foi se configurando.

Segundo Minayo (2004, p. 109-134), a entrevista é um instrumento privilegiado para coleta de dados devido a sua capacidade de revelar “condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos”, além de contribuir para a compreensão das “relações que se dão entre atores sociais tanto no âmbito das instituições como dos movimentos sociais”, podendo representar a fala de determinado grupo social. Outro fator que motivou esta escolha foi a possibilidade, que a entrevista proporcionou, de conhecer o fenômeno com mais profundidade, o que não foi possível com a aplicação do questionário. Cabe, aqui, um breve comentário acerca do uso da triangulação de métodos, método eleito para ser utilizado neste estudo.

Segundo Mauro Serapioni (2000), há um grande volume de publicações sobre o polêmico debate das vantagens e desvantagens no uso dos métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa no campo social, mas grande parte destes

estudos ainda se concentra em contrapor as duas abordagens. Na direção contrária, alguns trabalhos buscam refletir sobre as estratégias de integração entre as perspectivas, como aponta Goldenberg (2004). A autora afirma que a combinação de métodos na coleta e análise dos dados deve ser feita considerando-se, primeiramente, a particularidade do objeto pesquisado. Dessa forma, é possível uma percepção ampliada da complexidade de um problema, além de viabilizar o cruzamento das conclusões obtidas pelo pesquisador. Outro aspecto lembrado pela autora é de que “a premissa básica da integração repousa na ideia de que os limites de um método poderão ser contrabalançados pelo alcance de outro” (*idem*, p. 63).

Na mesma perspectiva, Minayo (2007, p. 22) afirma que entre a abordagem quantitativa e qualitativa “há uma oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa”. Portanto, foi a partir destas considerações que se optou pela combinação metodológica neste estudo.

O processo de análise e interpretação dos dados foi realizado através de análise de conteúdo e de estatística descritiva. Tanto o diário de campo das observações quanto as entrevistas de pesquisa, transcritas na íntegra, foram submetidas à análise de conteúdo de tipo temática, assim como as questões abertas do questionário, cujos dados deste foram analisados a partir de estatística descritiva.

A análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas de análise das comunicações, uma delas a análise de tipo temática, que consiste em “descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2004, p. 99) ou, ainda, “a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso” (MINAYO, 2004, p. 209).

A operacionalização da análise temática se deu em três etapas, sendo que a primeira caracterizou-se pela pré-análise, que consistiu na leitura flutuante do material coletado no intuito de conhecer o texto e se deixar invadir por impressões. A segunda consistiu na exploração do material a partir da codificação e categorização das unidades de análise selecionadas que, no caso da análise temática, foram palavras, frases ou parágrafos que apresentaram relevância, segundo os objetivos da pesquisa. Neste caso, a categorização foi de tipo não apriorística, visto que os temas emergiram das respostas

dadas pelos sujeitos. A terceira e última etapa consistiu no tratamento e interpretação dos dados, na qual os resultados do questionário foram submetidos a operações estatísticas simples, apresentadas por métodos gráficos e numéricos, no intuito de pôr em relevo as informações obtidas, as quais foram confrontadas com os dados das questões abertas, das observações e das entrevistas. Quanto à análise destas últimas, foi realizada, segundo a afirmação de Minayo (2004), através de variantes existentes na abordagem da análise temática, uma vez que buscou tratar os resultados trabalhando os significados, em vez de operações estatísticas.

Esclarecidos os caminhos metodológicos, finalizo este capítulo com uma reflexão em torno da minha imersão neste campo, a qual se deu de duas formas, simultâneas e interconectadas, como pesquisadora e como trabalhadora do campo da saúde mental. Nas reuniões de organização do desfile, por exemplo, por mais que me apresentasse das duas formas, o coletivo se dirigia a mim como trabalhadora. Como representante e trabalhadora do município de Betim-MG, neste coletivo, acompanhava alguns usuários, levava sugestões e esclarecia dúvidas levantadas pela equipe e por outros usuários do Centro de Convivência, ao mesmo tempo em que, como pesquisadora, as registrava em meu diário de campo. O mesmo se deu durante o desfile, já que enquanto aplicava os questionários, vários colegas de trabalho e usuários perguntavam sobre minha fantasia para participar do desfile.

Esta experiência diz do movimento de refletividade e autocrítica contínuos a que o pesquisador deve se submeter a partir de sua relação com os sujeitos e o campo, discussão explicitada por Goldenberg (2004, p. 45) ao alertar sobre o controle do *bias*.¹⁰ A autora relata, em recusa à pretensa neutralidade, que o pesquisador deve ter “consciência da interferência de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema estudado” e que o caminho para prevenir tal interferência é reconhecê-la, descrevendo de maneira clara e sistemática todos os passos do processo de pesquisa.

Ainda sobre a imbricação dos papéis de pesquisadora e trabalhadora da saúde mental, afirma Mertens (2003, citado por CRESWELL, 2007, p. 187):

O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem ele é na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo. Essa introspecção e esse reconhecimento de vieses, valores e interesses (ou *refletividade*) tipifica a pesquisa qualitativa atualmente. O eu

¹⁰ Em nota de rodapé, Goldenberg (2004, p. 44) comenta que “a utilização do termo em inglês é comum entre os cientistas sociais. Pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito”.

pessoal torna-se inseparável do eu pesquisador. Isso também representa honestidade e abertura para pesquisa, reconhecendo que toda investigação é carregada de valores.

Assim, o que no início da pesquisa se apresentou como um dilema — o duplo papel — foi posteriormente se configurando como exercício de reflexão inerente a este tipo de estudo, sem deixar de trazer os tensionamentos e indagações constantes, típicos da interação com o campo e os sujeitos.

2 O MOVIMENTO DA LUTA ANTIMANICOMIAL E O DESFILE DO 18 DE MAIO COMO UM DESDOBRAMENTO FUNDAMENTAL DESTA LUTA

Neste capítulo, o Movimento da Luta Antimanicomial (MLA) será abordado sob dois aspectos: o primeiro versará acerca das configurações históricas que lhe deram origem e, o segundo, o fator que colaborou para que o desfile do 18 de maio se tornasse um desdobramento fundamental para esta luta. Os aspectos históricos serão recapitulados sinteticamente, uma vez que estes já foram bastante documentados por autores de referência para o movimento (AMARANTE, 1995, 1997; VASCONCELOS, 2008). Considerando-se, ainda, a afirmação de Lüchmann e Rodrigues (2007) de que o MLA não construiu uma teoria própria, serão utilizados, também, alguns escritos através dos quais o movimento se instrumentaliza (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2003; LOBOSQUE, 2001, 2007).

Segundo Vasconcelos (2008), o Movimento da Luta Antimanicomial nasceu em 1987, fruto da radicalização dos objetivos estratégicos do processo brasileiro de reforma psiquiátrica, sendo esta traduzida pela expressão *por uma sociedade sem manicômios*, evidenciando a recusa do hospital psiquiátrico como recurso de assistência e apontando para a influência direta da experiência italiana de desinstitucionalização neste movimento.

Para melhor compreensão do surgimento do MLA é necessário contextualizar que a reforma psiquiátrica brasileira teve suas primeiras expressões no final dos anos 70 — mais especificamente entre os anos 1978 e 1980 —, momento histórico caracterizado pela contestação ao regime militar e pela eclosão de movimentos sociais rumo à redemocratização do país. Em seu livro, *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*, Amarante (1995) faz uma descrição cuidadosa sobre este contexto, dividindo-o, com fins analíticos, em três trajetórias que serão recapituladas de maneira sucinta.

A trajetória alternativa refere-se a este momento inicial do processo que, segundo o referido autor, caracterizou-se pela queda do regime autoritário e pela reorganização dos movimentos sociais, fazendo emergir as manifestações no setor da saúde, que tiveram como importantes articuladores o Centro de Estudos Brasileiros

(CEBES) e o Movimento de Renovação Médica (REME), nascidos em 1976.¹¹ Originado a partir destes articuladores surgiu, então, o Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental, (MTSM)¹² “ator e sujeito político privilegiado na conceituação, divulgação, mobilização e implantação das práticas transformadoras” em prol de uma nova política de saúde mental (AMARANTE, 1995, p. 106).

Outros atores sociais foram apontados no início do processo de reforma,¹³ porém este estudo focará mais especificamente o MTSM, visto que Amarante (1995) reconhece este movimento como o principal articulador e fomentador do projeto brasileiro de reforma psiquiátrica. O verdadeiro marco da constituição do MTSM e da eclosão do processo de reforma psiquiátrica deu-se em 1978, a partir da deflagração de uma greve nas quatro instituições que compunham a Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM), órgão do Ministério da Saúde no qual se formulavam as políticas de saúde do subsetor saúde mental. Esse episódio, conhecido como “Crise da DINSAM”, iniciou-se após denúncia feita por médicos de uma dessas instituições a respeito de irregularidades, tais como torturas, corrupções e fraudes, encontrando apoio no CEBES e no REME, o que fez com que a crise tivesse repercussão nacional.

Foi esta a conjuntura que deu origem ao Movimento de Trabalhadores da Saúde Mental (MTSM), cujo objetivo era:

(...) constituir-se em um espaço de luta não institucional, em um *locus* de debate e encaminhamento de propostas de transformação da assistência psiquiátrica, que aglutina informações, organiza encontros, reúne trabalhadores em saúde, associações de classe, bem como entidades e setores mais amplos da sociedade. (AMARANTE, 1995, p. 52)

¹¹ Segundo Amarante (1997, p. 163), a criação do CEBES e da Revista Saúde em Debate tiveram “o objetivo de produzir e organizar o pensamento e as práticas críticas no campo da saúde pública” enquanto a criação do REME tinha “o propósito de dar um fim ao peleguismo que vinha dominando o setor sindical desde 64”.

¹² Ver nota de rodapé 1.

¹³ No livro *Loucos pela vida*, Amarante (1995) trata cuidadosamente de algumas considerações históricas da reforma psiquiátrica brasileira e é nesta seção que o autor descreve, além do MTSM, outros atores deste processo. Antes de iniciar sua discussão alerta sobre a “tensão destes grupos na composição dos diversos cenários de resistência ou manutenção das formas hegemônicas de lidar com a loucura” (p. 106). Quanto aos atores cita-se: o Setor Privado formado pelos “empresários da loucura”; a indústria farmacêutica composta pelos “entusiastas dos medicamentos”; e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), “braço social da indústria farmacêutica” visto que legitima seus produtos e defende o uso dos medicamentos como recurso primordial, ou mesmo exclusivo, no trato com a loucura. Cita-se, ainda, as associações de usuários e familiares que, assumindo radicalmente outra direção, posicionam-se de maneira crítica diante das instituições psiquiátricas. Percebe-se, assim, que o processo de reforma inclui atores sociais de tipos e interesses totalmente diferentes, às vezes contrários a ele.

Inicialmente, naquela ocasião, o MTSM trazia, como pauta de reivindicações, questões salariais dos trabalhadores, implementação de programas de formação de recursos humanos, crítica às relações entre instituição, clientela e profissionais, questionamentos acerca do modelo médico-assistencial e sobre as condições de atendimento. Pode-se perceber que as reivindicações oscilavam entre demandas trabalhistas e mudanças na assistência psiquiátrica, emprestando ao movimento um caráter heterogêneo e indefinido nesse período.

A fim de permanecer na cena política nacional, o MTSM começou a organizar uma série de eventos científicos pelo país, principalmente nos anos de 1978-1979. Dentre estes estão o V Congresso Brasileiro de Psiquiatria ou “Congresso da Abertura”, realizado em outubro de 1978, na cidade de Camboriú, momento em que, pela primeira vez, os movimentos em saúde mental se reuniram com os setores conservadores e fizeram apontamentos críticos acerca da política privatizante de saúde. Neste mesmo período, no Rio de Janeiro, foi realizado o I Congresso Brasileiro de Psicanálise de Grupos e Instituições, importante momento de interlocução com mentores dos processos de reforma, que ocorriam em outros países, dentre os quais pode-se citar: Erwing Goffman, Franco Basaglia, Félix Gattari, Robert Castel. Sob o auxílio da CEBES, Basaglia ainda ministrou outras conferências pelo Brasil (AMARANTE, 1995; LÜCHMANN e RODRIGUES, 2007). Estes encontros fomentaram a constituição de fóruns, nos quais se discutiu sobre as instituições psiquiátricas, discussões estas fortemente influenciadas pela experiência italiana, que viria a ser adotada como inspiração ao MTSM e, mais amplamente, à experiência brasileira (AMARANTE, 1995; GOULART, 2006; RODRIGUES & CUNHA, 2007).

Dando continuidade aos eventos, em janeiro de 1979, na cidade de São Paulo, foi realizado o I Congresso Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental, caracterizado por um novo direcionamento do movimento, no qual as questões referentes à assistência psiquiátrica adquiriram maior relevância, em detrimento das questões trabalhistas, subtraindo-lhe o caráter indefinido e heterogêneo das reivindicações de outrora.

Em novembro do mesmo ano, na cidade de Belo Horizonte, foi realizado o III Congresso Mineiro de Psiquiatria, um evento de ampla participação pública que contou novamente com a participação de Basaglia e Castel, envolvendo trabalhadores e usuários dos serviços de saúde mental, familiares e jornalistas.

A segunda trajetória, denominada sanitária, iniciou-se nos primeiros anos da década de 1980, quando trabalhadores da saúde mental decidiram pela sua incorporação estratégica nas instituições públicas numa tentativa de inserir as propostas da reforma nas políticas sociais. Devido à sua imbricação com o Estado nesta fase, o MTSM ficou caracterizado como tecnicista ou reformista, “no sentido de operar reformas sem objetivar mudanças estruturais” (AMARANTE, 1995, p. 67).

Um importante evento marcou a passagem da trajetória sanitária para a trajetória da desinstitucionalização: a I Conferência Nacional de Saúde Mental, em junho de 1987, marcada por seu “sucesso relativo”, nas palavras de Rotelli e Amarante (1992, p. 39). Isso porque o Ministério da Saúde (MS) buscou dar um caráter mais congressual e científico ao evento, tirando-lhe o aspecto de participação democrática e popular, fato que o MTSM rejeitou, retomando a condução política da conferência (AMARANTE, 1997; TENÓRIO, 2002). Paralelamente, o MTSM reuniu-se em outro encontro no qual emergiu a necessidade de repensar as diretrizes e estratégias deste movimento, propondo-se, para isto, a realização do II Encontro Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental enquanto um movimento crítico em relação à Conferência de Saúde Mental.¹⁴

Todos os acontecimentos mencionados resultaram num impacto crescente do movimento que produziu o fortalecimento da reforma psiquiátrica pelo país, tendo como ponto culminante o referido encontro dos trabalhadores realizado em 1987, na cidade de Bauru-SP, ocasião na qual o MTSM se radicalizou e marcou uma ruptura ao proclamar a necessidade da extinção dos manicômios, criando o lema de ordem, *por uma sociedade sem manicômios*, e abrindo caminho para o nascimento do movimento que se autodenominou Movimento da Luta Antimanicomial (AMARANTE, 1995; MINAS GERAIS, 2006; VASCONCELOS, 2008).

Segundo Amarante (1995, p. 95), a inserção da palavra manicômio no lema do movimento foi proposital e estratégica, posto que esta palavra fora “tradicionalmente reservada ao manicômio judiciário, para denunciar que não existe diferença entre este ou um hospital psiquiátrico qualquer”. O autor comenta, ainda, que o referido lema foi escolhido estrategicamente, concatenado à renovação política e teórica do movimento que se caracterizou pelo endereçamento do debate acerca da loucura à sociedade e,

¹⁴ Este encontro realizado paralelamente à conferência foi convocado pela Plenária de Saúde Mental, formada por dissidentes do MTSM caracterizados por sua postura crítica quanto às diretrizes e estratégias do movimento e por serem adeptos da experiência italiana (AMARANTE, 1997).

ainda, pela ruptura radicalmente expressa na proposta de se pensar a loucura para além das fronteiras assistenciais.

Segundo Abou-Yd e Silva (2003), a ruptura radical com o manicômio transcende o fim do hospital psiquiátrico e significa, a um só tempo, tomar como ponto de partida a crítica para a forma de olhar e conceber a loucura, contrapor-se à negatividade patológica, ultrapassar os limites da clínica na busca pela inclusão social e substituir a hierarquia dos discursos e técnicas por formas partilhadas de poder não só entre os profissionais, mas também entre usuários e familiares. Desta forma, patenteou-se, assim a forte, influência da luta antimanicomial italiana no percurso do movimento brasileiro, o que pode ser corroborado pelas palavras de Amarante (1995, p. 81):

Assim, no campo teórico-conceitual dos referenciais do MTSM, com o lema “por uma sociedade sem manicômios”, ressurgiram o projeto de desinstitucionalização na tradição basagliana, que passava a ser um conceito básico determinante na reorganização do sistema de serviços, nas ações de saúde mental e na ação social do movimento.

O referido autor (1995, 1997, 2000) informa que o termo desinstitucionalização surgiu, nos Estados Unidos, como forma de se referir a um conjunto de medidas de desospitalização, o que significou apenas operar com a extinção dos hospitais/manicômios. Redescrito por Basaglia, o termo foi então concebido como processo de desconstrução/desmontagem dos discursos e práticas que reduziam a loucura a doença, desconstrução proposta pela negação da instituição psiquiátrica enquanto saber e poder, colocando em xeque o conceito de doença mental.

Segundo o autor (AMARANTE, 2003), é Rotelli quem vem se debruçando à tarefa de redefinir o conceito. Fruto deste esforço, Rotelli (1990, p. 30) foi categórico ao afirmar que a ênfase já não é mais na doença e sua “cura” mas no verdadeiro objeto, qual seja, “a existência-sofrimento do paciente em sua relação com o corpo social”, mirando um projeto de “invenção de saúde e de reprodução social do paciente”. A desinstitucionalização é, definitivamente, “o processo prático-crítico que reorienta instituições e serviços, energias e saberes, estratégias e intervenções em direção a este tão diferente objeto” (ROTELLI, 1990, p. 91).

Esclarecido o conceito, e posta sua influência no cenário brasileiro, vale ressaltar, ainda, que o chamado Congresso de Bauru inaugurou uma fase inovadora do movimento com a participação efetiva das associações de usuários e familiares, “dissolvendo-se enquanto agremiação de técnicos e reconstruindo-se enquanto

Movimento Social” (AMARANTE, 1997, p. 170). Sobre este aspecto, ressalta-se a pluralidade e multiplicidade que caracterizaram o movimento e que o transformaram no “primeiro movimento em saúde com participação popular, não sendo identificado como movimento ou entidade da saúde, mas pela luta popular no campo da saúde mental” (AMARANTE, 1995, p. 57).

Do Congresso de Bauru, além da transformação do MTSM em Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), inaugurou-se uma nova fase com desdobramentos no campo assistencial tais como o surgimento do primeiro CAPs, em 1987, na cidade de São Paulo-SP, e a inovadora experiência de Santos- SP, em 1989, com a “implantação de um sistema psiquiátrico que se definia completamente substitutivo ao modelo manicomial”, que se constituiu como marco da reforma psiquiátrica brasileira (AMARANTE, 1995, p.83). Já no campo jurídico-político houve a elaboração do projeto de lei conhecido como Projeto Paulo Delgado (DELGADO, 1989) que, após um período de 12 anos de tramitação no Congresso Nacional, converteu-se na Lei Federal nº 10.216.¹⁵ Outro produto deste evento foi o Manifesto de Bauru (ANEXO 3), que se caracterizou como registro da fundação do Movimento da Luta Antimanicomial, direcionando-o nesta fase inicial (SILVA, 2003). Além disso, foi instituído o Dia Nacional da Luta Antimanicomial, que fora inicialmente previsto para 13 de maio em referência à aprovação da Lei nº180, na Itália, e a Abolição da Escravatura no Brasil, mas acabou se fixando no dia 18 deste mês (AMARANTE, 1995). Segundo Tenório, instituir uma data para comemorar a luta é uma forma de “potencializar o poder de aglutinação de maiores parcelas da sociedade em torno da causa” (2002, p. 35).

A data (18 de maio) é comemorada de maneiras diversas, nas diferentes regiões do país. Segundo Amarante (1997, p. 175) as comemorações se dão:

(...) com organização de eventos não apenas de caráter tecnocientífico (congressos, debates, seminários), mas de caráter cultural (teatro, cinema, exposições de arte, blocos de carnaval), que têm como propósito envolver segmentos da sociedade na percepção da questão da loucura/doença mental e na resposta assistencial e cultural para com as mesmas.

Diante de todas essas inovações, Amarante (2000, 1995) comenta sobre a ruptura produzida pelo Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, apontando que

¹⁵ A Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001, dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível no *site* do Ministério da Saúde.

as propostas deste diferenciou-se das predominantes na década de 60, já que estas objetivavam somente transformações de ordem técnica,¹⁶ enquanto que o MTSM engendrou, de maneira singular, novas práticas e novas concepções teóricas em torno da saúde mental que repercutiram nos âmbitos sociocultural, jurídico-político e do modelo de assistência, dando origem, posteriormente, a uma “rede de serviços articulados entre si [que] segue uma lógica inteiramente diversa daquela do hospital psiquiátrico, buscando a liberdade, a participação social e a cidadania de seus usuários” (MINAS GERAIS, 2006, p. 34).

Sobre o MLA, Lobosque (2007) afirma que ele pode ser entendido como uma concepção de reforma: Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, reforçando a perspectiva radical de uma sociedade sem manicômios. A autora esclarece, ainda, o significado do termo Movimento Nacional da Luta Antimanicomial:

Movimento – não um partido, uma nova instituição ou entidade, mas um modo político peculiar de organização da sociedade em prol de uma causa; *Nacional* – não algo que ocorre isoladamente num determinado ponto do país, e sim um conjunto de práticas vigentes em pontos mais diversos do nosso território; *Luta* – não uma solicitação, mas um enfrentamento, não um consenso, mas algo que põe em questão poderes e privilégios; *Antimanicomial* – uma posição clara então escolhida, juntamente com a palavra de ordem indispensável a um combate político, e que desde então nos reúne: POR UMA SOCIEDADE SEM MANICÔMIOS. (LOBOSQUE, 2001, p. 102)

Ao referido movimento compete a definição de um modelo, defendido por seus militantes, cobrando do poder público a efetivação de suas propostas, que se configuram a partir de princípios, quais sejam:

Primeiro princípio: a consideração da dimensão subjetiva nas experiências da loucura em particular, e na luta política em geral (...) segundo princípio: a extinção do hospital psiquiátrico e sua substituição por um modelo assistencial radicalmente diverso (...) terceiro princípio: a abordagem das experiências da loucura deve apontar para sua presença e produção no espaço da cultura (...) quarto princípio: a questão da identidade e da autonomia da organização do movimento antimanicomial (...) quinto princípio: aliança com outros segmentos da sociedade civil organizada participando numa luta política por transformações estruturais da sociedade. (LOBOSQUE, 2001, p. 19-20)

¹⁶ Amarante (1995, p. 87) comenta sobre a problemática conceitual em torno do termo “reforma” psiquiátrica, imbuído de uma significação paradoxal, uma vez que traz consigo a ideia de “transformações superficiais, cosméticas, acessórias, em oposição às ‘verdadeiras’ transformações estruturais, radicais e de base”.

Para atingir estes princípios, alguns autores afirmam que o movimento tem conquistado importantes espaços, tais quais, presença na Comissão Nacional de Reforma Psiquiátrica do Ministério da Saúde, representação nos conselhos municipais e estaduais de saúde, nos fóruns sociais, entidades de categorias, movimentos populares, setores políticos e participação nas Conferências Nacionais, Estaduais e Municipais de Saúde Mental. Registrou-se sua presença em mais de quinze estados brasileiros através de núcleos articulados em forma de rede, na tentativa de descentralizar suas ações. Esta forma de organização está para além do âmbito estratégico, visto que funcionar como rede encerra maiores possibilidades de articulação, organização e mobilização, preservando, em sua essência, o princípio da solidariedade presente no compartilhamento de princípios e valores (GOULART, 2006; LÜCHMANN & RODRIGUES, 2007; LOBOSQUE, 2003).

Estes núcleos foram se formando nos serviços de saúde mental em articulações municipais e estaduais como, por exemplo, os fóruns e núcleos estaduais,¹⁷ compostos por lideranças de profissionais e de usuários e familiares que, na busca de uma sociedade sem manicômios, vêm promovendo uma série de encontros, como os congressos bianuais e os encontros semestrais nacionais, sendo o primeiro realizado na capital baiana. Deste I Encontro Nacional da Luta Antimanicomial, em 1993, pode-se ressaltar dois pontos importantes: a elaboração da carta sobre os direitos dos usuários e familiares dos serviços de saúde mental, e a abordagem do *princípio da intervenção cultural*, no qual a cultura foi apontada como possível mediadora na transformação das práticas sociais na relação com o louco e a loucura (AMARANTE, 1997, p. 175).

Outros quatro encontros nacionais aconteceram, o último ocorrido em 2001, quando o movimento experimentou, nas palavras de Vasconcelos (2008, p. 94), uma “crise organizativa e política interna”, sobre a qual Lobosque (2003) aponta como causas: conflito na escolha de representantes para a Comissão Nacional de Reforma Psiquiátrica, mau funcionamento das secretarias nacionais, esvaziamento das plenárias semestrais, dificuldade de articulação entre os núcleos, crescimento numérico dos participantes em detrimento da formação política destes — gerando empobrecimento dos debates.

¹⁷ Vasconcelos (2008) localizou registros destes fóruns no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás, São Paulo, Ceará e em Minas Gerais, e dos núcleos, os quais caracteriza como uma forma similar e de menor dimensão, no Rio de Janeiro, Pará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte, além da existência de um Fórum Interestadual que agrega Ceará, Piauí e Maranhão.

Este contexto gerou uma divisão interna no movimento, que se desdobrou em duas correntes, quais sejam, a Rede Nacional Internúcleos da Luta Antimanicomial (RENILA) e o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial (MNLA).¹⁸ Embora Vasconcelos (2008) considere que o pluralismo de visões seja uma característica interessante aos movimentos sociais, afirma que a polarização tem se tornado tensa, com embates pessoalizados e demarcação geográfica dos núcleos e fóruns, visto que a corrente oposta não se faz presente na grande maioria dos estados. E mais, “cada uma das correntes tem realizado encontros nacionais e regionais de forma autônoma” (VASCONCELOS, 2008, p. 95).

No contexto mineiro, registra-se a existência do Fórum Mineiro de Saúde Mental (FMSM), núcleo de militância antimanicomial constituído em 1994, integrado atualmente à RENILA. Vale ressaltar que a presença do estado mineiro no cenário nacional da reforma psiquiátrica vem se destacando desde o já mencionado III Congresso Mineiro de Psiquiatria, em 1979, avaliado por Barreto (1999) como marco inaugural da Reforma Psiquiátrica Mineira. Pretendendo uma participação ampla, para além dos debates profissionais, este evento fez emergir, durante os meses que o precederam, uma série de denúncias divulgando as barbáries ocorridas dentro dos manicômios. Segundo Barreto, “numa decisão histórica, o Secretário de Saúde abriu as portas de todos os hospitais psiquiátricos públicos à imprensa” (1999, p. 206), culminando nas produções mineiras de Hiram Firmino, com a série de reportagens “Nos Porões da Loucura”, e de Helvécio Ratton, com o filme “Em Nome da Razão”, que publicizaram e explicitaram a desumanidade destas instituições.

Após esse evento, em 1980, a Direção Geral da FHEMIG e o Secretário de Saúde apoiaram a instalação do Projeto de Reestruturação da Assistência Psiquiátrica Pública, que viria a ser superado alguns anos mais tarde, com o advento do MLA e sua proposta de desinstitucionalização. No intuito de abolir o hospital psiquiátrico, foi elaborada e sancionada a Lei nº 11.802,¹⁹ Lei da Reforma Psiquiátrica de Minas

¹⁸ Quanto à atuação destas correntes, Vasconcelos (2008) e Passos (2008, p. 26) mencionam que a RENILA tem um “aparato organizacional e econômico forte” pela ligação com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e seus Conselhos Regionais (CRP), enquanto o MNLA, não tendo conquistado apoios institucionais, é tido como ‘desarticulado’, tendo se utilizado de poucos recursos comunicativos e, conseqüentemente, pouca visibilidade pública, embora preservando a participação dos usuários.

¹⁹ Lei Estadual/MG nº 11.802, de 18 de janeiro de 1995: “dispõe sobre a promoção da saúde e da reintegração social do portador de sofrimento mental; determina a implantação de ações e serviços de saúde mental substitutivos aos hospitais psiquiátricos e a extinção progressiva destes; regulamenta as internações, especialmente a involuntária, e dá outras providências”.

(BARRETO, 1999). Deu-se início, então, à progressiva implantação de ações e serviços substitutivos ao manicômio nas diversas cidades mineiras, objetivando prestar assistência integral à pessoa com sofrimento mental (MINAS GERAIS, 2006). Além deste fato, a ampliação da participação de familiares e usuários no III Congresso impulsionou, nos anos 1990, a constituição de suas próprias associações, contexto de surgimento do FMSM. Sobre as atividades deste fórum, comenta Adriana Castro (2008, p. 222):

(...) os militantes se articulam em torno de uma aposta (por uma sociedade sem manicômios) e de idéias que ganham formas e fazem surgir novos projetos que buscam inscrever no campo da cultura e no espaço da cidadania a experiência da loucura.

Uma forma singular desta inscrição tem se materializado durante as comemorações do Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Em Belo Horizonte, a data é comemorada com atividades diversas, como debates, exposições e desfile carnavalesco. Este último, enfocado como tema deste estudo, é marcado pelo protagonismo do FMSM em sua criação e organização.

Segundo Amarante (1997, p. 175), a realização de atividades de cunho tanto científico quanto cultural tem o intuito de envolver a sociedade “na percepção da questão da loucura/doença mental e na resposta assistencial e cultural para com as mesmas”. Diante do propósito de considerar tais questões, para além do campo assistencial, o autor propõe uma nova conceituação da Reforma Psiquiátrica, na qual aponta que esta se configura a partir de quatro dimensões²⁰ que se articulam de maneira dinâmica, sendo elas: dimensão epistemológica ou teórico-conceitual, dimensão técnico-assistencial, dimensão jurídico-política e dimensão sociocultural, sendo esta destacada pelo autor por expressar “o objetivo maior do processo de reforma psiquiátrica, ou seja, a transformação do *lugar social* da loucura” (AMARANTE, 2003, p. 53).

É no bojo dessas comemorações que um exemplo singular se destaca: o desfile carnavalesco da Escola de Samba Liberdade ainda que Tam-Tam, eleito pelos militantes mineiros do Movimento da Luta Antimanicomial como uma das formas de comemoração do 18 de maio.

²⁰ As dimensões propostas por Amarante (2003) serão trabalhadas, pormenorizadamente, na análise dos dados, o que justifica somente citá-las neste momento.

3 O DESFILE DO 18 DE MAIO EM BELO HORIZONTE: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

3.1 Treze anos de história...

Neste capítulo apresento o campo empírico da pesquisa. Na primeira parte faço uma descrição detalhada acerca das origens do desfile do 18 maio e da escolha do carnaval como uma das formas de manifestação do MLA, com dados obtidos através de entrevista de pesquisa. Na segunda, descrevo minha incursão no campo empírico, quais sejam, as reuniões de criação e organização do desfile de 2010, apresentando e analisando os dados obtidos em observação participante.

Os dados sobre a constituição originária do desfile se baseiam na entrevista feita com Marta Soares,²¹ terapeuta ocupacional da rede municipal de saúde de Belo Horizonte e militante da luta antimanicomial — escolhida neste estudo por seu histórico de 15 anos no movimento, sendo uma das articuladoras na operacionalização do evento e referência técnica de um serviço que está articulado com o desfile desde sua origem, o Centro de Convivência São Paulo, localizado na regional nordeste de Belo Horizonte. Além disso, foi a partir da localização deste serviço que se iniciou uma interlocução na comunidade, resultando na inserção da saúde mental no desfile de carnaval oficial da cidade.

Segundo a entrevistada, ela passou a conhecer e se envolver com a luta a partir de seu ingresso na rede de saúde mental, que se deu no ano de 1995, com sua inserção num centro de convivência. Em relação às primeiras manifestações do 18 de maio, acredita ela ter havido algum movimento antes de sua entrada, posto que a rede substitutiva de atenção à saúde mental de Belo Horizonte começou a ser implantada em 1993, porém as primeiras manifestações de que se tem notícia são as passeatas conduzidas por trabalhadores do Instituto Raul Soares.²² Além desta passeata, da qual participavam somente os trabalhadores, eram realizados, também, encontros institucionais, nos quais se discutia sobre a luta antimanicomial.

²¹ A entrevistada autorizou a revelação de sua identidade neste estudo.

²² O Instituto Raul Soares, o qual compõe o complexo de saúde mental da rede FHEMIG (Fundação Hospitalar de Minas Gerais), foi inaugurado em setembro de 1922 e oferece assistência psiquiátrica para adultos nas modalidades ambulatorial e de urgência, além de atividades de ensino e pesquisa, configurando-se enquanto serviço de caráter hospitalar.

(...) um grupo de trabalhadores saía do Raul, vinham em passeata pela Avenida Brasil. Eram poucos e vinham gritando, dizendo palavras de ordem Avenida Brasil afora até a Praça Sete. Num ato simbólico, assim, de sair do lugar de confinamento para a cidade (...) (entrevista de pesquisa)

No ano de 1996, a rede de saúde mental de Belo Horizonte começou a realizar uma pequena feira de produtos antimanicomiais na Praça Sete, na qual cada serviço substitutivo tinha uma barraca para apresentar os produtos de suas oficinas. Esta atividade estava concatenada às orientações da política de saúde mental em consolidação na cidade, que preconizava “sair dos espaços ou dos serviços (...) então aproximar-se da cidade e dialogar com ela” (entrevista de pesquisa).

E ali, cada serviço tinha uma barraca e as pessoas iam passando, vendo, perguntando. Eu lembro que numa das vezes aconteceu uma oficina aberta, uma oficina bem no centro da cidade (...) (entrevista de pesquisa)

Já em 1997 o formato de feira foi abandonado e um pequeno grupo de trabalhadores e usuários resolveu sair em passeata pelo centro da cidade, num trajeto curto, utilizando uma indumentária nomeada *parangolé*, cantando uma música parodiada, elaborada por usuários:

canta, canta minha gente/
deixa a tristeza pra lá/
com a saúde mental/
encantar BH.

A entrevistada caracterizou como caótica esta primeira manifestação, pois esta não tinha um formato específico. Relatou que durante a passeata os participantes tiveram dificuldade para lembrar a letra parodiada e acabaram por gritar o refrão de uma música de sucesso naquela época: “Ah! Eu tô maluco!”.

Em 1998 o coletivo de militantes do Fórum Mineiro de Saúde Mental (FMSM) se reuniu para pensar uma estrutura para esta manifestação, ocasião em que foi apresentado o primeiro samba enredo, de autoria da militante Ana Marta Lobosque e o músico Weber Lopes. A letra foi inspirada na comemoração do cinquentenário da carta dos Direitos Humanos.

Nós estávamos reunidos numa roda, da qual participavam principalmente técnicos. Usuário deveria ter um ou dois, no máximo. Era uma reunião

durante a semana, à noite, no SindSaúde, e a gente começou a pensar um formato diferente (...) dando nomes para os grupos (...) a gente deu o nome de alas depois, porque aí já tinha samba, né?! Então era carnaval. Então vira escola de samba, né?! (entrevista de pesquisa)

Outro dado diz respeito à relação existente entre o surgimento do desfile e o da Escola de Samba Liberdade Ainda que Tam-Tam. Segundo Marta Soares, o surgimento da escola de samba foi algo consequente à introdução de um samba durante a manifestação, o que deu origem a toda esta formatação carnavalesca que permanece até os dias de hoje.

Então tá! Já que tem samba, vamos organizar esse negócio parecido com escola mesmo, né? Então vamos dar o nome de ala, e aí cada ala, né, tem um subtema, então tem um eixo (...) (entrevista de pesquisa)

Quanto ao nome da escola, este é uma referência à frase contida na logomarca do FMSM (FIGURA 1), logomarca esta que fora criada por um usuário de um dos centros de convivência, fato este que evidencia o protagonismo do fórum na condução e sustentação deste evento.



Figura 1

Apesar de não ter havido grande participação dos usuários nestas primeiras reuniões de organização, o evento de 1998 congregou grande número deles na avenida, pois a rede de saúde mental tinha uma relação muito estreita com FMSM, conseguindo agregá-los para a manifestação. Tais informações corroboram a afirmação de Nadja Botti e Amecélia Sangiovanni (2008) que, em pesquisa sobre os significados dos desfiles do 18 de maio em Belo Horizonte, identificaram o ano de 1998 como marco inicial na consolidação do evento enquanto desfile carnavalesco — o que pode ser confirmado pela presença de samba enredo, alas, fantasias, mestre-sala, porta-bandeira e trios elétricos, informações também citadas por Celi Santos, animador oficial do desfile

(SANTOS, 2008). Foi, também, a partir deste ano que o itinerário do desfile passou a incorporar mais ruas da região central de Belo Horizonte, o qual vem sendo mantido.

Do ano de 1999 a 2003, o samba enredo foi produzido por um mesmo usuário,²³ período em que, a partir da apresentação do samba, a formatação do desfile era elaborada em consonância com a letra produzida, ou seja, era o samba que fundamentava a temática e norteava todo o processo de produção do desfile. Neste período, mais especificamente no ano 2000, inaugurou-se uma nova metodologia na organização, a partir das discussões em formato de rodas, com ampla participação dos usuários da rede de saúde mental e, no referido ano, com a participação de outras instituições:

(...) nós fizemos, o Centro de Convivência São Paulo junto com o Galba Veloso, — eu lembro direitinho — a Casa Verde (...) nós produzimos um foguete numa serralheria. (...) E a discussão dessa ala, de como que ela seria, foi feita numa roda, em várias rodas no Centro de Convivência São Paulo, com os usuários do São Paulo, com os pacientes do Galba. Foi muito bacana, assim, de pensar o conceito assim. (entrevista de pesquisa)

A partir de 2004, outro evento foi inserido nas comemorações, qual seja, o concurso de samba enredo. Este concurso foi a solução pensada para ampliar a participação de outros interessados, possibilitando uma escolha mais democrática do samba. Em seu primeiro ano de realização houve cinco letras concorrentes, número que aumentou para dezessete no ano de 2010, contando inclusive com a participação de cidades como Diamantina e Ipatinga, fato que evidencia a capilarização do movimento no estado.

Em 2005, outra novidade: a inauguração da bateria da escola de samba. Funcionando desde o seu início com o apoio dos trios elétricos, a escola não tinha uma bateria constituída, o que se deu a partir da iniciativa de um monitor de centro de convivência que trabalhava com oficinas de percussão e que levou a proposta de montar a bateria para uma das reuniões de organização do desfile, ideia que foi acolhida e vem sendo efetivada. Porém, devido à extensão do trajeto, a bateria não consegue tocar durante todo o desfile, optando a organização por manter a mistura de bateria e trio elétrico.

Quanto à sua composição, a bateria não está constituída por um grupo fixo, pois os usuários participantes nem sempre são os mesmos e, acrescido a este fato, houve

²³ Cujas identidade será preservada pela não autorização de sua divulgação.

a saída do antigo coordenador, que foi substituído por outro monitor da rede de saúde mental. Registra-se, também, a participação dos adolescentes do Programa Fica Vivo,²⁴ da regional Nordeste/BH, que compõem a bateria da Escola de Samba Unidos do Onça.

Destes dados, pode-se inferir, portanto, que a escolha do carnaval como uma das formas de comemoração do 18 de maio foi, na verdade, um processo não intencional e que não se pretende acabado; que começou com formato de feira e passeata e se constituiu como carnaval a partir da experimentação do samba como recurso da cultura, incorporado por um movimento social, e que vem fortalecendo sua constituição enquanto escola de samba.

Mas se por um lado a escolha pelo carnaval pode ser caracterizada como não intencional em sua gênese, por outro sua manutenção ao longo dos últimos 13 anos não pode ser entendida da mesma maneira.

Eu acho que o formato ele facilita o diálogo (...) facilita o encontro, ele facilita a troca. Ela é uma intervenção política? [referindo-se à manifestação] É. Mas ela é alegre, ela é irreverente. É relaxada no sentido de que não tem ninguém jogando nada pra cima, não tem ninguém bravo com ninguém, né?! Nós “tamo” aqui pra pensar, nós “tamo” aqui pra sentir principalmente. (entrevista de pesquisa)

Neste trecho fica notável que a manutenção do formato é uma estratégia do movimento que objetiva uma ação afirmativa através da alegria, da ousadia e da aposta de que o desfile pode ser um momento de reflexão e interlocução da cidade com a loucura. Corroborando esta interpretação, Botti e Sangiovanni afirmam que um dos significados deste desfile é o de ser “uma festa popular que visa criar novas relações entre sociedade e loucura” (2008, p. 29). Ao que Marta Soares acrescenta:

(...) o carnaval é uma festa do povo (...) identidade brasileira, né?! O samba, essa forma de resistência popular, é o povo! É o povo se alegrando de alguma maneira assim, ou se apresentando (...). O carnaval enquanto proposta, o carnaval enquanto participação e o carnaval na cultura brasileira, tem um lugar muito especial (...) a linguagem é fácil, né, atingir a população, ou chegar até as pessoas (...) Porque [o desfile] é uma mistura, no fundo é uma manifestação político-cultural, você não separa isso. O 18 de maio é uma intervenção política. (...) você intervém politicamente na cultura usando

²⁴ O Fica Vivo é o Programa de Controle de Homicídios criado em 2003 com intuito de intervir na sociedade antes que o crime aconteça, reduzindo os índices de homicídio. Caracteriza-se como ação conjunta desenvolvida pelo Governo do Estado em parceria com as Polícias Militar e Civil, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Ministério Público, o Poder Judiciário e as prefeituras municipais. O programa funciona em comunidades de elevado risco social, oferecendo aos jovens de 12 a 24 anos acompanhamento e oficinas diversas (MINAS GERAIS, n.d.).

como recurso aquilo que (...) o povo usa (...), é uma festa da cultura brasileira. (entrevista de pesquisa)

Outro fato que diz respeito aos usos que o movimento faz do elemento carnavalesco refere-se à parceria com a escola de samba Unidos do Onça. Essa parceria começou em 2005 quando esta escola, em articulação com o Centro de Convivência da regional Nordeste, buscou o FMSM para discutir sobre a história de Barbacena, tema a ser explorado pela escola no carnaval oficial. A partir desta interlocução, a saúde mental foi convidada a desfilar na Unidos do Onça — no carnaval oficial da cidade de Belo Horizonte —, o que tem se repetido até a atualidade e que se desdobrou na inserção de um dos centros de convivência na diretoria desta escola. Sobre esta participação, Marta Soares comenta:

Os usuários ficam numa alegria de poder estar ali (...) pros usuários é muito bacana, aí vai familiar, vai vizinho, amigo de não sei quem, vai centro de saúde. (...) A gente vai pros ensaios nos sábados que antecedem [o carnaval] e se mistura. (entrevista de pesquisa)

No início desta pesquisa, tinha como uma das hipóteses que a capacidade do desfile de transformar os significados da loucura fosse potencializada a partir de sua inserção no carnaval oficial da cidade, entretanto percebi que, estrategicamente, desfilar fora do carnaval oficial, comemorando o dia da luta antimanicomial, é uma forma de dar maior visibilidade ao movimento, visto que o que está em jogo é sua causa, sua intervenção política. O que não descarta a possibilidade da inserção no carnaval oficial trazer impacto positivo na transformação dos significados da loucura.

Por fim, o uso do elemento carnavalesco como uma das estratégias do MLA remete-nos à revisão de literatura apresentada por Lúchman e Rodrigues (2007) acerca das dimensões dos movimentos sociais, quais sejam, suas ações e impactos no campo cultural e suas investidas e efeitos no campo institucional. Tais dimensões serão consideradas, neste estudo, como modos estratégicos de intervenção do MLA através do desfile, discussão realizada na análise dos dados obtidos em observação participante, apresentada a seguir.

3.2 O desfile sob a perspectiva de seus protagonistas

Nesta seção descrevo e analiso as observações realizadas nas reuniões de preparação do desfile, registradas em diário de campo, que ocorreram entre os meses de janeiro e março de 2010. A observação participante teve por objetivo obter uma compreensão aprofundada do processo sob a perspectiva dos atores que produzem o desfile, tendo como foco a descrição do cenário, a identificação dos participantes, a caracterização da discussão a partir dos temas elencados, o processo de surgimento das propostas, a elucidação das etapas e as estratégias de intervenção cultural do desfile.

O processo de construção do desfile foi iniciado no ano anterior ao de sua realização, na última reunião do Fórum Mineiro de Saúde Mental, que ocorreu no dia 05 de dezembro de 2009. Nesta ocasião foi apresentada a proposta do projeto de pesquisa, sendo solicitada a autorização do Fórum para a realização das observações, o que foi votado e, por unanimidade, aceito (ANEXO 4). Nessa mesma reunião foi eleita uma comissão organizadora que ficou responsável por marcar e divulgar data, hora e local das reuniões.

Para a organização do desfile de 2010 foram necessárias oito reuniões, com frequência semanal, às quartas-feiras, sendo a primeira realizada no dia 20 de janeiro e a última no dia 10 de março. Estes encontros tinham início marcado para as 18h, com duração média de duas horas, mas, devido ao atraso de participantes que vinham de locais distantes da cidade ou de outros municípios, dava-se início minutos após o horário marcado — atraso justificado no intuito de aguardar a chegada dos atrasados.

Neste ano, em especial, o processo sofreu alteração devido à organização das conferências distritais e municipal de Saúde Mental, especificamente as de Belo Horizonte, fazendo com que o assunto aparecesse como informe nas reuniões e delimitasse um prazo, a fim de que o processo de construção não se prolongasse tanto e não coincidissem com as datas destas conferências.

Com exceção das duas primeiras reuniões, que foram realizadas no auditório da Secretaria Municipal de Saúde (SMSA/BH), todas as outras aconteceram num espaço cedido temporariamente para este fim, a Casa do Jornalista, na região central de Belo Horizonte. Neste local nos reunimos em uma sala ampla, cheia de grandes janelas, que ficavam abertas e permitiam, por um lado, a interação entre seu interior e um

corredor que dava acesso a outros compartimentos da Casa e, por outro, permitia interagir com o saguão de entrada, local onde havia um recepcionista, o qual muitos cumprimentavam ao chegar. Na sala, as cadeiras ficavam dispostas em forma de círculo, confirmando a continuidade da metodologia das rodas de discussão comentadas por Marta Soares. Esta disposição permitia que todos se vissem, tornando-se, assim, em outra forma de interação, agora entre os próprios componentes do grupo.

A operacionalização dos encontros ocorreu através da distribuição e leitura da ata da reunião anterior, que normalmente era elaborada e digitada por trabalhadores ou representantes da coordenação estadual ou municipal de saúde mental, servindo como registro das discussões. Observou-se, num trecho da entrevista de pesquisa, a importância desta forma de registro:

A ata, acho que ela garante a memória, né?! E o que foi combinado anteriormente ou o que foi que aconteceu, né?! Então você garante uma certa memória porque nem todo mundo que está aqui hoje, esteve na última. Então “cê” garante a continuidade de um processo que vai sendo alterado mesmo, ele vai mudando e vai se transformando. Mas a ata ela garante, de uma certa forma, um registro histórico, né, assim, daquele processo. (...) Começou assim e chegou nisso. (entrevista de pesquisa)

Na sequência da reunião acontecia a apresentação de cada participante, que anunciava ao coletivo seu nome e o da organização ou instituição a qual representava. Este aspecto foi comentado, com veemência e inspiração, por Marta Soares, em entrevista:

O apresentar eu acho f-a-n-t-á-s-t-i-c-o porque é o que vai dar o sentido de pertencimento, assim: “Estou aqui”, “eu sou fulano”, né, “eu vim de lá”, “eu pertenço”, (...) “eu tenho um nome e faço parte aqui”. Eu acho que isso é fundamental e é o que, na contemporaneidade, isso tem ficado muito solto e algumas pessoas sofrem disso assim, né?! Desse sentido de pertença. “Eu não sou de lugar nenhum, eu não sou de ninguém”. (...) é o mínimo de borda, né, que cê vai dar, né, pra algumas coisas, assim. “Então tá! Eu vim de lá, eu sou... eu sou de algum lugar” ou “eu represento”. Pra ajudar, né, as pessoas nessa... nessa organização, nessa percepção de si no mundo e de que, né, é possível, né, algumas coisas são possíveis, por mais capengas que sejam os recursos. Então esse sentido de pertencimento, (...) eu acho que é Benedetto, o italiano, ele vai falar disso, né, que uma das coisas que o portador de sofrimento mental mais sofre é disso, né?! Desse não sentimento de pertencimento. (...) Ele vai falar de uma coisa assim: de tá na comunidade, de tá por ali, como uma forma de enraizamento mínimo, (...) pra não ficar tão solto, né, tão ao léu assim. Do ponto de vista dessa organização mesmo, assim. (entrevista de pesquisa)

A questão do pertencimento, elucidada no trecho acima, guarda uma relação muito próxima ao conceito de habitar, proposto por Saraceno (1999). O autor o define o grau de propriedade (não necessariamente material) e de contratualidade do sujeito em relação ao espaço no qual vive e à organização simbólica e física deste. E mais, habitar significa considerar a dimensão subjetiva na reaquisição do direito ao uso dos espaços pelo sujeito como forma de ressignificar sua inscrição nestes. Neste sentido, o ato de se apresentar e de representar algo ou alguém pode ser entendido como forma de habitar este espaço físico e simbólico — que é um também espaço da cidade — e que se constitui exclusivamente para pensar o desfile.

Durante a apresentação dos participantes foram constatadas ausências de familiares de usuários, bem como de usuários dos serviços infanto-juvenis e de representantes dos hospitais psiquiátricos. A hipótese para a ausência de familiares pode ser a dificuldade do desfile em se capilarizar. Quanto aos usuários infanto-juvenis, estes são normalmente acompanhados por familiares ou outros acompanhantes em sua circulação social, tendo a ausência de familiares um duplo impacto. Por último, notou-se que a representação dos hospitais psiquiátricos nas reuniões não ocorreu da forma registrada no primeiro desfile, evidenciando que sua interlocução com o movimento talvez já não exista mais. Sobre este aspecto lembram Lüchmann e Rodrigues (2007) que uma das potencialidades do MLA está em sua complexa composição identitária (usuários, familiares e trabalhadores). Portanto, incitar a participação de cada um destes atores em espaços de reflexão do movimento só vem potencializar suas ações.

Após a apresentação e leitura da ata, dava-se início à pauta de discussão do dia e às inscrições daqueles que quisessem se expressar, método normalmente orientado por algum trabalhador ou gestor. Este método de inscrição, também usado nas reuniões do FMSM e em outros eventos da saúde mental, se dá pela anotação dos nomes dos participantes que desejam comentar, perguntar ou sugerir algo, possibilitando uma melhor organização das propostas e viabilizando, de forma democrática, a participação de todos.

Nestas reuniões esteve presente uma média de 30 a 35 pessoas, entre usuários (grupo majoritário), estagiários, representantes de instituições, tais quais, Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP/MG) e do Espaço Saúde (coletivo de estudantes e trabalhadores da área da saúde de Minas Gerais), trabalhadores e gestores dos serviços substitutivos de saúde mental de Belo Horizonte e cidades da região

metropolitana, tais como, Betim, Brumadinho, Contagem, Esmeraldas, Igarapé, Ribeirão das Neves e São Joaquim de Bicas. Foram registradas, ainda, a presença de representantes das seguintes entidades: Associação Verde Esperança (BH), Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Belo Horizonte (ASSUSAM), Vida-Que-Te-Quero-Vida (Associação de usuários, familiares e trabalhadores de Betim), Associação de Trabalho e Produção Solidária da Rede de Saúde Mental de Belo Horizonte (Suricato), Fórum Mineiro de Saúde Mental de Minas Gerais (FMSM), Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG), Coordenação Municipal e Estadual de Saúde Mental, Conselho de Saúde e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Importante destacar que as presenças variaram ao longo do processo, entretanto notou-se que algumas entidades, serviços e municípios estiveram mais freqüentes, quais sejam, ASSUSAM, FMSM, Coordenação Municipal e Estadual de Saúde Mental, usuários e trabalhadores da rede de serviços substitutivos de saúde mental de Belo Horizonte, Betim e Igarapé. Esta assiduidade pode ser entendida como uma implicação nitidamente forte com a militância, exercendo estes atores um papel fundamental de sustentação da luta antimanicomial.

A reunião de abertura do processo foi identificada como desdobramento da referida reunião do FMSM e orientada, inicialmente, por representantes da Coordenação Municipal e Estadual de Saúde Mental. Como sugestão de pauta, os gestores propuseram: a realização de análise de conjuntura do MLA, a elaboração de estratégias para ampliar o coletivo tanto organizador quanto participante do evento e a sugestão de temas a serem abordados no desfile. Foi neste momento que o processo de criação propriamente dito foi desencadeado, pois, a partir destas propostas, muitos presentes se manifestaram — principalmente os usuários.

Na análise conjuntural, um fato de repercussão mundial foi lembrado pela gestão, o terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010, oito dias antes do início das reuniões. Talvez, devido à magnitude da catástrofe, que foi notícia na mídia mundial durante os dias que se seguiram, e/ou devido à forma como ela afetou os telespectadores, durante todo o processo o coletivo fez paralelos entre o MLA e o referido terremoto, usando-o de forma metafórica para pensar as questões do movimento, o que poderá ser percebido durante a análise das observações.

Os dados obtidos a partir de observação participante foram submetidos à análise de conteúdo de tipo temática não apriorística.²⁵ Neste sentido, durante uma primeira análise exploratória, percebi que as categorias teórico-conceituais que definem as dimensões do processo de reforma psiquiátrica, propostas por Amarante (2003), poderiam ser úteis para mapear o conteúdo que surgiu na preparação do desfile. São elas: teórico-conceitual, técnico-assistencial, jurídico-política e sociocultural. É preciso salientar que o surgimento das propostas e dos temas não foi estanque, pois assim como as dimensões propostas por Amarante (2003), o processo foi complexo, dinâmico e se deu pelo entrelace e a simultaneidade da emergência dos temas pelas categorias de participantes.

Percebi, ainda, que a forma de abordagem dos temas que emergiram nas reuniões apresentavam diferenças conforme o tipo de vínculo social dos sujeitos com o movimento e sua relevância para o processo. Preservaremos a identidade dos sujeitos, elucidando, apenas, a categoria de participantes a qual pertence. Assim, três categorias distintas foram identificadas, a saber: usuários, trabalhadores e gestores dos serviços de saúde mental. Para outros participantes, que compareceram numa quantidade expressivamente menor, composta por estudantes e demais simpatizantes do movimento, não foi criada uma categoria, uma vez que suas contribuições não foram relevantes para os objetivos deste estudo.

Parafraseando Amarante (1995), esta categorização dos participantes não deve ser entendida como sinônimo de *status* ou classe social, ela é adotada e explicitada pelo próprio grupo e tem correlação com o tipo de contribuição trazida por cada um desses segmentos. Tal tipificação é corroborada por Maths Jespersen (citado por Vasconcelos, 2000), uma das principais lideranças suecas no movimento social da saúde mental, que afirma haver interesses diferentes entre as categorias de militantes.

Início a análise pela dimensão epistemológica ou teórico-conceitual, a qual trata do “conjunto de questões que se situam no campo da produção de saberes, que dizem respeito à produção de conhecimentos, que fundamentam e autorizam o saber/fazer médico-psiquiátrico” (AMARANTE, 2003, p. 49). Trata-se, portanto, de um olhar crítico sobre os efeitos produzidos pelos conceitos médicos-psiquiátricos, bem como da construção de novas categorias para se pensar as ações em saúde mental.

²⁵ Segundo Campos (2004), neste tipo de análise as categorias emergem a partir dos dados obtidos no trabalho de campo.

O primeiro tema, e um dos que apareceu com maior frequência durante todas as reuniões, foi uma contundente crítica ao ato médico.²⁶ O assunto, sempre polêmico no campo da saúde, foi trazido pelos usuários no contexto da análise de conjuntura do MLA e provocou manifestações diversas de todos os participantes, todos argumentando que o ato médico seria um retrocesso, uma reiteração da lógica manicomial e da hegemonia de um só saber — o saber médico — em oposição à nova lógica de cuidados, claramente defendida pelo MLA, na qual “nenhum saber ocupa o centro” (MINAS GERAIS, 2006, p. 44). O que pode ser complementado com a concepção de saúde mental de Saraceno (1999), que defende o envolvimento de múltiplos atores e saberes nesta prática.

A usuária que elencou o tema é representante de uma das associações de usuários e familiares e, ao trazer a crítica, citou a relação de poder advinda deste ato que tenta recentralizar o saber na figura do médico. Esta crítica evidencia uma postura politizada, podendo-se pensar que este tema é discutido e compartilhado no coletivo do qual ela é representante. Essas associações são importantes espaços de reflexão e fortalecimento do movimento frente à divulgação feita pela mídia em defesa do tradicional modelo médico-biológico como forma de tratamento (PASSOS, 2009).

A pedido de um usuário, que não sabia o que era o ato médico, um dos gestores esclareceu sobre a querela que envolve os profissionais da saúde. Comentou que este ato significa uma interferência nas ações das outras categorias profissionais, evidenciando um retorno à centralização do poder, o que é contra os princípios preconizados pelas políticas do Sistema Único de Saúde (SUS). Ponderou com o grupo que a crítica a este ato deveria ser contemplada no desfile sim, mas não ser o foco.

Ancorada na discussão sobre o ato médico, surgiu o tema dos significados da loucura, abordado principalmente pelos usuários, que trouxeram relatos pessoais sobre os efeitos, ainda atuais, da vinculação da loucura à irracionalidade, desajuste, perigo e/ou doença (AMARANTE, 2003; PASSOS & BEATO, 2003; RODRIGUES & CUNHA, 2007). Sobre este tema, Passos (2009) faz uma análise da variação história em

²⁶ O Projeto de Lei nº 7.703/06, ou PL do Ato Médico, que dispõe sobre o exercício da medicina, tem gerado inúmeras manifestações da população e, especialmente, dos profissionais da saúde. A grande questão é que com sua aprovação, várias ações de saúde executadas por outros profissionais da saúde ficarão restritas aos profissionais médicos, o que significa centralização de poder em detrimento do trabalho em equipe e redução da autonomia, tanto dos profissionais de saúde quanto dos usuários. Porém, em muitos pontos, o texto do projeto de lei não coloca explicitamente o que está por trás deste ato corporativista, ao que o coletivo das reuniões do desfile chamou de “mentiras travestidas de verdade”.

torno destes significados,²⁷ na qual expõe as transformações discursivas pelas quais passou o termo até sua apropriação e interpretação, dominante e hegemônica, pelo saber médico. Interessa, aqui, destacar, junto com Goulart (2006), que as figuras de linguagem oriundas do discurso médico-psiquiátrico não se restringem a meros “instrumentos técnicos e metodológicos, mas produzem efeitos culturais e políticos, de alocação de identidade, preconceito e desvalia” (p. 4).

Corroborando as assertivas de Passos (2009) e Goulart (2006), durante a análise percebeu-se, no conteúdo das falas de alguns usuários, temas que evidenciaram modos de significação da loucura que se identificam com percepções ora antigas, ora modernas. Na terceira reunião, um dos usuários leu um poema de sua autoria no qual aludia ao “louco racional”. A expressão gerou rejeição por parte dos gestores e acabou sendo transformada pelo processo de criação do nome da 4ª ala do desfile, qual seja, “o balanço da loucura aterremota a ditadura da razão”. Esta foi a ala proposta para os movimentos sociais, metaforizados como placas tectônicas que provocam mudanças ao se movimentarem. Mas o nome desta ala é, simultaneamente, uma mensagem de repúdio à lógica do poder dado à razão, herdada da Idade Clássica quando a oposição entre loucura e razão determinou a exclusão dos loucos, justificada por sua inscrição no campo da desordem e do desvio social, devendo, portanto, serem contidos (PASSOS, 2009).

Corroborando a análise sobre os significados da loucura, alguns usuários comentaram sobre o estigma que recai sobre as pessoas que fazem uso dos psicofármacos e que há uma vinculação entre este uso e a noção de periculosidade, segundo eles, veiculada principalmente pela mídia. No mesmo contexto, um dos usuários comentou que remédio é uma necessidade e que ele é um “louco normal”.

Ambas as colocações retratam, a um só tempo, a atualização do discurso que associa doença mental à noção de perigo social, iniciada na Idade Clássica Moderna e consolidada na Contemporaneidade, e a instituição da loucura enquanto doença, que “justificaram” a constituição do asilo como forma de segregação. Além disso, a expressão “louco normal” traz em si uma dupla evidência: o impacto da perspectiva médica marcada pelo par de opostos normalidade/anormalidade, e a caracterização da expressão, já que trazida por um usuário, como tentativa de corrigir diretamente o

²⁷ Não me deterei, aqui, a esta análise histórica. Para maiores detalhes, ver Passos (2009).

“defeito”, o que é entendido por Goffman (1975) como uma resposta do estigmatizado frente à sua situação social.²⁸

Partindo dos relatos das experiências de exclusão e preconceito vividas pelos usuários, um dos gestores comentou sobre a necessidade de se admitir a existência da loucura, esvaziando os sentidos negativos a ela vinculados e deslocando o sentido de sofrimento para tudo aquilo que caminha para posições egoístas e fechadas. Na mesma direção Marta Soares afirmou que o problema do preconceito não está resolvido e que ele sofreu uma transmutação, aparecendo em formas mais sutis na atualidade, corroborando a afirmação de Passos (2009) de que a segregação não está superada e o que se evidencia é um silenciamento sobre o assunto.

As pessoas não vão cometer a gafe de uma represália, ou de uma violação de direitos, ou de uma exclusão tão explícita e violenta assim, né?! Mas tem formas sutis de fazer isso. (entrevista de pesquisa)

Na busca por transformar este quadro, o desfile “quer colocar a sociedade para discutir um assunto que muitos escamoteiam, escondem, ou discriminam, renegam. Quer mostrar possibilidades reais de convivência com a loucura” (SANTOS, 2008, p. 3). O que está concatenado à máxima do MLA que, para além do fim dos manicômios, busca transformações profundas nas formas de conceber a loucura e se relacionar com o louco (ABOU-YD & SILVA, 2003). Nessa direção, alguns usuários expressaram suas expectativas quanto à transformação destas concepções em direção a uma identificação social mais positiva da loucura, apontando a arte como uma saída possível.

Diante da pluralidade de significados sociais, Passos (2009) lembra que loucura é um construto que se constitui sócio-historicamente e, por isso, não deve ser entendida sob uma forma genérica ou estática, mas sim considerando-se as percepções e vivências de cada momento histórico. Refletindo sobre o processo de desconstrução de alguns conceitos produzidos pela psiquiatria, Amarante (2003) supõe que essa desmontagem poderia ter como efeito a produção de novos saberes e novas práticas clínicas e sociais desdobrando-se na transformação da relação entre as pessoas envolvidas, bem como dos serviços, dos dispositivos e dos espaços. Para Goulart (2006), um reflexo desta mudança (discursiva) pode ser observado na forma de se referir ao doente mental enquanto pessoa com transtorno mental, portador de sofrimento

²⁸ Esta interpretação também é válida para a expressão “louco racional”, também trazida por um usuário e comentada anteriormente.

mental ou usuário dos serviços de saúde mental, mostrando a preservação do sujeito e de sua condição de cidadão em detrimento da patologização de seu mal.

Em estreita relação com as reformulações da dimensão conceitual, encontra-se a dimensão técnico-assistencial, que toma como ponto de partida a crítica ao modelo assistencial psiquiátrico baseado nos princípios da tutela, da vigilância, do isolamento e da punição. Foi numa forte oposição a este modelo que surgiu a proposta de reorientação da assistência através da substituição do hospital psiquiátrico por uma rede de serviços articulados entre si (MINAS GERAIS, 2006). Porém, é importante reafirmar que “o projeto antimanicomial não se reduz a uma questão técnica ou assistencial, mas busca entrelaces entre a cidade e a loucura, voltados para a dimensão essencial da cidadania” (LOBOSQUE, 2001, p. 19).

Início a análise desta dimensão comentando sobre os relatos de história de vida de alguns usuários. Um deles narrou sua trajetória de tratamento iniciada com a internação em hospital psiquiátrico e transformada a partir da implantação da rede de serviços substitutivos, quando passou a se tratar nestes. Fez um contraponto entre o hospital e o centro de convivência, um dos serviços que frequenta nos dias de hoje, avaliando como positiva a possibilidade de circular em liberdade, pois, segundo ele, foi através das relações construídas neste espaço que surgiram propostas de formação de uma associação de usuários e familiares, hoje ASSUSAM.²⁹ Este relato corrobora a afirmação de que esta rede de serviços substitutivos ao hospital se articula “de forma a criar todo um trânsito possível e necessário na família como na cidade, na cultura como na política, tendo sempre o mundo como direção” (LOBOSQUE, 2001, p. 30). Outro usuário também se referiu à internação psiquiátrica comentando que o hospício trouxe cem anos de solidão, em alusão à obra de mesmo nome, lançada em 1967, do escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez.

Por outro lado, alguns trabalhadores alertaram para a existência, atualmente, de manicômios de diferentes nomes e formas, o que pode ser traduzido como cultura manicomial. Segundo documento produzido pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (citado por KODA, 2002, p. 37), essa expressão pode ser entendida como um “conjunto complexo de representações e comportamentos coletivos sobre as relações

²⁹ “A ASSUSAM foi fundada em 15 de março de 1994, no Centro de Convivência Arthur Bispo do Rosário, que se situava no Hospital Raul Soares” (FERREIRA *et al.*, 2008, p. 229).

entre os indivíduos, destes com as instituições, sobre a loucura, sua determinação, e o modo de proceder da sociedade/instituições com a loucura”.

Em consonância com a fala dos trabalhadores, um gestor pediu que todos atentassem para a importância do não retorno do hospício, reforçando o papel do MLA como vigilante e delator no que diz respeito às condições do cuidado e do tratamento das pessoas com sofrimento mental.

De uma forma mais genérica, porém sempre precisa, o movimento antimanicomial encaminha e dá andamento às denúncias de maus-tratos e discriminações ao portador de sofrimento mental — seja a partir da apuração de denúncias de casos individuais, seja através da participação ativa em vistorias de hospitais psiquiátricos, acompanhando o poder público, parlamentares, etc. (LOBOSQUE, 2001, p. 34)

As análises da dimensão técnico-assistencial evidenciaram, no conteúdo da fala de todas as categorias analisadas (usuários, trabalhadores e gestores), um repúdio ao hospital psiquiátrico enquanto instituição assistencial. Mas não só. Corroboraram também a afirmação de Lobosque (2001), citada anteriormente, de que o louco deve viver e produzir fora do espaço institucional, considerando a loucura sempre entrelaçada à cidade, o que se ancora na dimensão da cidadania, remetendo às análises do campo jurídico-político. Neste campo da reforma, preconiza-se a revisão da legislação em busca da restituição da cidadania e dos direitos negados ao louco em decorrência das ideias de incapacidade, perigo e irresponsabilidade que lhe foram instituídas ao longo da história.

Sabe-se que o processo de alienação da cidadania do louco teve como marco o advento da loucura enquanto doença, o que justificou, na Modernidade, seu isolamento e sua segregação, produzindo o que Passos (2009) nomeia como pseudocidadania, pois, se por um lado foi concedido, enquanto um direito, o tratamento especial a partir do nascimento da instituição asilar psiquiátrica, por outro sua liberdade foi apoderada pelo saber médico. Cenário que se pretende totalmente diverso se considerarmos a causa do MLA expressa nas palavras de ordem *por uma sociedade sem manicômios*, cabendo nestes termos a luta pela cidadania do louco, condição de participação na vida coletiva garantida a todos, mas nem sempre efetivada por todos. Diante desta relação problemática entre loucura e cidadania, passo à análise das reuniões sob este aspecto.

Para fins de análise, utilizou-se a sistematização de Marshall (1967),³⁰ citada por Vasconcelos (2000), a respeito da tipificação dos direitos. Segundo o autor, os direitos civis se referem à garantia de liberdade e igualdade perante a lei, incluindo-se neste rol o direito de não ser estigmatizado por razões quaisquer. Já os direitos políticos dizem respeito à participação política exercida pelo direito ao voto e à participação em formas diversas de organização. Por último, os direitos sociais, que formam uma categoria mais ampla referente aos direitos mais básicos, ou seja, condições mínimas de bem-estar sócio-econômico.

Na categoria dos usuários, os temas mais frequentes se relacionaram aos direitos civis, observados na reafirmação categórica do direito de ir e vir, da liberdade do usuário no tratamento e do apelo à garantia da condição de cidadão do louco, claramente expresso pelo termo “cidadão-planetário”, como definiu um dos usuários ao defender uma cidadania a ser reconhecida em qualquer parte do planeta. A importância do processo de formação das associações de usuários e familiares, e seus efeitos na formação política destes, também foi tema exposto, sinalizando nesta participação o exercício de seus direitos políticos.

No campo dos direitos sociais, a pobreza gerada pela desigualdade social foi apontada pelo grupo como tendo maior visibilidade a partir dos grandes desastres naturais, que tendem a despertar a atenção do mundo, principalmente em locais onde as condições de vida são mais precárias, como no caso do Haiti.

Na categoria dos trabalhadores os temas emergentes se diferenciaram notavelmente daqueles trazidos pelos usuários, diferença presente tanto no conteúdo quanto na forma. Um dos temas foi a crítica à forma de organização social capitalista e as desigualdades sociais decorrentes desta, tendo na proposta da Economia Solidária³¹ um contraponto diante das mazelas da economia mundial. A análise do tema evidenciou sua inserção no campo dos direitos sociais.

³⁰ Sabemos das limitações e riscos implícitos numa transposição acrítica da formulação desenvolvida por este autor, já que para pensar a cidadania no contexto brasileiro é preciso considerar algumas peculiaridades. Porém, em análise exploratória, percebemos que o uso da classificação proposta por Marshall poderia auxiliar no mapeamento dos conteúdos elencados nas reuniões. Uma discussão pormenorizada pode ser encontrada em Passos (2009).

³¹ A Política Saúde Mental e Economia Solidária é parte integrante da Política Nacional de Saúde Mental, caracterizando-se como dispositivo de inclusão social pelo trabalho através de iniciativas de geração de trabalho e renda às pessoas com transtorno mental. Esta política se dá através da articulação do Ministério da Saúde e Ministério do Trabalho e Emprego e sua Secretaria Nacional de Economia Solidária (BRASIL, 2005).

Outro tema trazido por uma trabalhadora foi o papel das forças militantes e da luta antimanicomial como forma de resistência diante dos problemas gerados pelo modo capitalista. Para encorpar a discussão, mencionou um texto do revolucionário cubano Fidel Castro,³² no qual ele lembrou a importância das forças militantes ao explicitar sua preocupação com as mudanças climáticas, tema central da Cúpula de Copenhague.³³ Este evento, que havia acontecido há poucos dias, foi então mencionado na reunião do 18 de maio como incitação à necessidade de apresentar e refletir, no e através do desfile, questões de preocupação mundial, como a discussão sobre o meio ambiente. Neste contexto, o desfile foi apontado como espaço privilegiado e momento estratégico de marcar essa resistência e tensionar tais questões, o que foi expresso pelos termos *sacudir* e *abalar*, uma alusão metafórica ao impacto causado pelos grandes terremotos.

Na categoria formada pelos gestores surgiram, também, questões que, como as anteriores, apareceram em tom de alerta, porém a temática foi os ataques sofridos pelo MLA em 2009 e a relevância da Marcha para Brasília,³⁴ como resposta e produto da articulação do movimento em prol de suas reivindicações. Outro personagem comentado foi Boaventura de Sousa Santos, teórico português que pesquisa, entre outros temas, os movimentos sociais, o qual foi citado no sentido de reanimar e corroborar que é diante destes obstáculos que o movimento deve resistir e ganhar expressão. Além deste personagem foram citadas ainda três obras literárias, *As múltiplas faces do fascismo*, *Admirável mundo novo* e *1984*. Todos lembrados por tratarem das relações de poder, que se dão de diferentes formas na sociedade.

Durante as discussões, o ataque endereçado ao MLA foi traduzido como um terremoto que abalou a luta e comparado, por uma trabalhadora, com uma forma diversa de apresentação do manicômio, o que foi complementado pela interpretação metafórica da cultura manicomial funcionando como placas tectônicas que não se acomodam. O ataque também foi comentado por uma usuária que a ele se referiu como movimento manicomial.

³² O texto, com título “O mundo meio século depois – reflexões do companheiro Fidel”, foi publicado em janeiro de 2010 e encontra-se disponível no sítio eletrônico: <<http://www.granma.cu/portugues/2010/enero/mar5/mundo-meio-seculo.html>>.

³³ Conferência da ONU sobre mudanças climáticas e aquecimento global realizada em dezembro de 2009, na capital dinamarquesa Copenhague.

³⁴ Estes episódios serão comentados mais adiante.

Cabe, aqui, uma análise mais cuidadosa do conteúdo e da forma que foram utilizados para tratar de um ponto fundamental, que é a função do movimento, evidentemente reforçada na fala de trabalhadores e gestores. Mas é preciso, antes, esclarecer que essa discussão acerca da militância em torno de um movimento social caracteriza uma forma de participação na vida política e, assim, de exercício dos direitos políticos, enquadrando essa temática neste rol dos direitos.

O debate caloroso acerca da militância, suas ações e desafios, não foi trazido de maneira despreziosa, pois é necessário entender que o que está em jogo no desfile, para além de sua característica comemorativa, é a visibilidade dada ao elemento político manifestado através da causa do movimento, numa data que comemora a radicalidade que caracteriza o movimento: sua luta por uma sociedade sem manicômios.

Para falar da causa é preciso registrar a distinção de Castro (2008) entre cidadania e militância, sendo a primeira uma condição assegurada a todos, enquanto a segunda se inscreve como escolha, não como um direito. Assim, ser militante é se filiar a uma causa e sustentar ações condizentes aos seus princípios. E mais, Thairani Vinadé e Pedrinho Guareschi (2007), ao falarem da dimensão individual dos movimentos coletivos, afirmam que a militância está diretamente ligada à história pessoal de indivíduos comumente oprimidos pelo sistema social, que encontram nessa forma de luta um espaço para serem o que são e exercerem, assim, sua condição de sujeito.

Diante desta conceituação, segue trecho que define a causa do MLA:

Os militantes, trabalhadores e outros sujeitos antimanicômiais têm como causa o fim do manicômio, trabalham para tornar extinto o arcaico modo de tratamento instituído pela era moderna, e apostam que esta transformação, a superação do manicômio como lugar e valor cultural, pode gerar novas subjetividades: efeito maior da utópica sociedade sem manicômios. Não se trata, portanto, de pôr fim, apenas, ao seu representante maior — o hospital psiquiátrico, mas de ir além. Busca-se transformar a cultura, instituir um modo de relação entre sociedade e loucura, no qual a segunda não esteja associada às diferentes formas de exclusão. (CASTRO, 2008, p. 224)

Na discussão das temáticas elencadas na categoria campo político, sinalizei, anteriormente, uma distinção de conteúdo e forma no modo de participação das categorias sociais. Observei que os usuários, mesmo quando trouxeram temas enquadrados no mesmo rol de direitos, temas propostos por trabalhadores e gestores, ainda assim apresentaram um discurso de conteúdo diferente e numa forma menos argumentativa ou conceitual em relação às outras categorias. Nesta direção,

Vasconcelos (2000) aponta algumas características do movimento que têm relação direta com os dados observados. Uma delas é a dificuldade de envolver lideranças de usuários e familiares em classes sociais mais abastadas e, conseqüentemente, com maiores níveis de educação formal. Esta mobilização acontece geralmente nos grupos mais pobres, o que dificulta o surgimento de líderes com melhor preparação para encarar os complexos desafios da militância. Isto deve justificar o fato de um tema tão complexo e fundamental ao movimento, que é refletir sobre a sua causa, ter sido apresentado de maneira mais elaborada e articulada por trabalhadores e gestores, o que também pôde ser observado quando trouxeram ao debate as críticas ao capitalismo.

Outra característica é a maior dependência, tanto dos usuários quanto do próprio movimento, em relação aos profissionais, produzindo um movimento menos autonomista. Para Vasconcelos (2008), este fato pode ser entendido pela adoção de uma concepção de cidadania, ainda muito presente no movimento, pautada pela igualdade universal dos indivíduos, o que tem resultado na perpetuação da “hegemonia organizacional e política dos profissionais, já que possuem maiores recursos econômicos, culturais e organizacionais para a prática política”³⁵ (p. 100).

Uma das discussões ocorridas na última reunião de organização do desfile ilustrará melhor a questão da concepção de cidadania a que Vasconcelos (2008) se refere. A pauta em discussão era os critérios para escolha do samba enredo. Trabalhadores, representantes da comissão do concurso de samba, informaram que foram procurados por algumas pessoas para que os critérios fossem repensados. A questão central era definir se o concurso seria aberto à participação de quem se interessasse, independentemente de ter ou não vinculação com a saúde mental, o que significa que as letras compostas por usuários iriam concorrer com a população em geral. Uma representante da comissão argumentou que funcionar num sistema de “porta aberta”, como pretendem os serviços de saúde, e mais especificamente os serviços substitutivos de saúde mental, implica que a possibilidade de circular em liberdade é para sair quem está dentro e entrar quem está fora. É nessa permeabilidade que a inclusão social se efetivaria. Alguns usuários se manifestaram contra, outros a favor. Após um debate caloroso, definiu-se que permitir a participação ampliada seria uma forma de fortalecer o movimento.

³⁵ Vasconcelos (2008) afirma que esta discussão implica um debate teórico importante entre a concepção de uma cidadania especial caracterizada por uma inscrição social diferenciada do sujeito e uma concepção de igualdade universal dos indivíduos.

Esta assimetria, referente ao acesso que cada categoria tem aos recursos citados, fica evidente quando trabalhadores e gestores incorporaram ao debate reflexões de algumas obras literárias e ideias de personagens como Fidel Castro e Boaventura de Sousa Santos. Mas, se por um lado evidencia assimetria, por outro pode ser concebido como uma forma de difundir estes pensamentos e promover, mesmo que minimamente, a redução da lacuna existente neste campo de recursos. Tal interpretação pode ser corroborada por Vinadé e Guareschi (2007, p. 71):

A inserção no movimento agrega aprendizagens, possibilitando contato com situações que, em outra condição, não teriam acesso. A militância é compreendida como território de aquisição, de crescimento pessoal e profissional. Neste, os militantes dizem aprender mais sobre relações interpessoais, sobre grupos, política, sobre o mundo em geral.

De qualquer maneira, a preocupação com as estratégias de fomento à disseminação de organizações mais autônomas de usuários e familiares e com a formação política dos militantes é ainda um desafio a ser enfrentado pelo movimento (LÜCHMANN & RODRIGUES, 2007; RODRIGUES& CUNHA, 2007; VASCONCELOS, 2008).

Uma última e necessária consideração acerca do movimento é a peculiaridade de sua constituição identitária, uma vez que este conta com a participação de três segmentos, quais sejam, usuários, familiares e profissionais (LÜCHMANN & RODRIGUES, 2007; VASCONCELOS, 2000). Porém, há que se considerar, ainda, a distinção que fizemos entre gestores e profissionais, para evidenciar a dupla inserção, na gestão e na militância.

A questão da composição do MLA, destacada e reconhecida como singularidade da reforma psiquiátrica brasileira, devido à já citada participação da sociedade civil (MINAS GERAIS, 2006), implica também em fragmentações do movimento (como a comentada cisão ocorrida em 2001), muitas vezes resultantes das diferenças de poder, de recursos e de interesses entre os segmentos. Apesar de esta diversidade por vezes apresentar-se problemática, ela deve, ao invés disso, ser concebida como ingrediente potencializador na formulação de interesses, pois como nos lembram Lüchmann& Rodrigues (2007, p. 406), “os movimentos sociais são ações coletivas de caráter fragmentário e heterogêneo que destinam boa parte de suas energias e recursos para o gerenciamento de sua complexidade”.

Quanto à participação dos gestores como segmento do movimento, percebeu-se que estes se situaram, no contexto deste estudo, entre a gestão e a militância, o que é entendido como não problemático na perspectiva de Adriana Castro. Segundo Castro (2008, p. 227), que à época da escrita de seu texto era coordenadora do FMSM, além de ser psiquiatra em dois centros de saúde da rede municipal de Belo Horizonte, há uma discordância do fórum em relação aos “discursos que reduzem as possibilidades de relação entre poder público e sociedade, ao mero exercício de cooptação e rechaço”. Comenta, ainda, que “o laço que o Fórum Mineiro de Saúde Mental mantém com a Política Municipal de Saúde Mental não dilui os traços que lhe são próprios — o de ser um movimento da sociedade e de ter como causa o fim do manicômio — nem restringe sua autonomia”. Tal proximidade com a gestão chega a ser caracterizada como parceria em relação à Prefeitura de Belo Horizonte, na qual se registram momentos de diálogos entremeados por tensões e rupturas (*idem*, p. 226).

Na direção oposta, Lobosque (2001, p. 31) destaca a necessidade de distinção clara entre o lugar do poder público e o lugar do movimento, o que para ela não significa posição de neutralidade, já que os movimentos sociais “‘tomam partido’ de forma clara no campo da esquerda”. A forma como o MLA se apresenta no relatório dos Cadernos da Rede Nacional Internúcleos da Luta Antimanicomial – RENILA (2007, p. 3), é se caracterizando como movimento “autônomo, apartidário, independente de governos e administrações”. Lobosque (2001, p. 32) alerta, ainda, que o movimento, “mesmo quando apóia uma determinada administração, não pode depender política ou financeiramente do aparelho de Estado”.

Entretanto, o aparelhamento do movimento tem sido uma estratégia recorrente,³⁶ cabendo, aqui, analisar o fato tal como ele se apresentou no contexto e na atualidade deste estudo. A questão da dupla inserção pode ser interpretada como estratégica, na medida em que a aparelhagem político-institucional do movimento através do Estado e de organizações de classe, quando caracterizada pela flexibilidade e

³⁶ Aqui me refiro a dois momentos: o primeiro deles ocorrido no início dos anos de 1980, quando membros do MTSM foram incorporados ao Estado, o que produziu um afastamento com as proposições iniciais do movimento e caracterizou-se como cooptação, já que a máquina estatal utilizou-se dessa incorporação a fim de garantir a legitimidade de suas ações. O segundo deles ocorreu em 1989, quando o MLA já existia. Este momento foi marcado pela posse de governos democráticos que agregaram os princípios antimanicomiais às políticas de saúde mental, fazendo com que parte dos militantes fosse reincorporada ao Estado (AMARANTE, 1995; KODA, 2002). Nota-se que estas incursões no aparelho estatal têm características opostas, pois se no primeiro houve um afrouxamento dos princípios do movimento, no segundo ele buscou se fortalecer, o que disparou o processo de implantação dos serviços substitutivos em várias partes do país.

adequação de seu corpo político, pode culminar na sustentação e garantia de políticas afinadas aos princípios antimanicomiais (MAIA & FERNANDES, 2002).

Dessa dupla inserção podemos ainda considerar o fator financiamento, sabendo da necessidade econômica do movimento na execução de suas ações. Nesta esteira, Vinadé e Guareschi (2007, p. 71) revelam que depender de financiamentos públicos exige “uma certa sintonia com a gestão que está no poder municipal, estadual ou federal”.

Quanto ao financiamento das ações referentes ao desfile, os dados da entrevista apontam o papel do poder público:

Do financiamento (...) a grande fonte financiadora, hoje, é a Secretaria Municipal de Saúde. Que topa, né, bancar algumas coisas. (entrevista de pesquisa)

Um fato ocorrido durante a pesquisa ilustra, de maneira atual e precisa, como a aparelhagem estatal pode garantir a sustentação dos princípios do MLA. Refiro-me à vinda do psiquiatra italiano Franco Rotelli a Belo Horizonte, o qual, durante sua visita, realizou uma conferência sobre o legado da experiência italiana/triestina, participou da Conferência Municipal de Saúde Mental e do desfile do 18 de maio. No convite para a conferência de Rotelli, a indicação do local de realização do evento: auditório da Secretaria Municipal de Saúde; e duas logomarcas: da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e do SUS, ambos indicando a parceria entre o MLA, através do FMSM, com a prefeitura municipal. O fomento a estas atividades foi uma forma de reavivar e dar continuidade ao diálogo do MLA com a experiência italiana de desinstitucionalização, concretizado também no desfile, que este ano contemplou a conexão Brasil-Itália em sua 6ª ala.

Dessa forma, a sintonia com a gestão está dada, na medida em que alguns militantes são também gestores que, a um só tempo, podem funcionar como agentes mediadores e facilitadores desse diálogo e, estrategicamente, tentar garantir ao máximo a imbricação entre os princípios antimanicomiais e as políticas públicas de saúde, tendo estes atores a fala legitimada pela posição política que ocupam. Vale lembrar que a estratégia de representação do movimento nos setores públicos também foi citada como forma de fortalecimento do movimento no relatório final do I Encontro Nacional da Luta Antimanicomial (citado por LÜCHMANN & RODRIGUES, 2007).

Esse trânsito entre a gestão e a militância, comumente visto como problemático, devido à questão da manutenção da autonomia que caracteriza os movimentos sociais é visto sob um novo prisma por Vinandé e Guareschi (2007). Em seu estudo sobre a militância na contemporaneidade, eles defendem a maleabilidade das subjetividades, fator que possibilita aos sujeitos transitarem por posições distintas sem necessariamente significar uma contradição. É o funcionamento numa lógica e/e, em detrimento da lógica binária e excludente ou/ou, que na prática exige atenção contínua no exercício das funções entre uma e outra posição sem perder de vista as diferenças que as separam.³⁷

Os autores apontam, ainda, outra questão, a qual será discutida nas próximas linhas, qual seja, a existência de forças sociais poderosas e contrárias às causas que defendem os movimentos sociais. No contexto do MLA, os ataques sofridos pelo movimento, apontados por uma das gestoras, referem-se às manifestações de correntes conservadoras que partem na defesa do modelo médico-biológico e respondem aos interesses corporativos e econômicos do mercado da saúde mental. Decorrentes de uma divulgação midiática massiva, outros ataques foram disparados, entre eles o texto do escritor Ferreira Gullar, um dos que maior polêmica gerou por ter chegado a propor a revogação da Lei 10.216/01 (PASSOS, 2009).

Mas, como consta no texto de divulgação do processo de concepção do desfile de 2010 (ANEXO 5), o MLA resistiu e se mobilizou para a realização da Marcha dos Usuários por uma Reforma Psiquiátrica Antimanicomial.³⁸ Num estudo realizado por Passos (2010) sobre violência e relações de poder, a resistência é definida enquanto potência que se manifesta em resposta às tentativas de normalizar e disciplinar os indivíduos, tentativa aqui expressa pelo esforço corporativista de manutenção do aprisionador discurso médico-psiquiátrico, que teve como resposta-resistência uma

³⁷ Não é intenção aqui abordar os meandros desta questão, o que não subtrai a importância de sua menção neste contexto e, quem sabe, seu aprofundamento em futuras pesquisas.

³⁸ Organizada pela RENILA, com apoio do CFP, foi realizada em Brasília no dia 30 de setembro de 2009 a “Marcha dos Usuários por uma Reforma Psiquiátrica Antimanicomial”, que partiu em defesa do SUS, da Lei nº 10.216/01 e pela realização da IV Conferência Nacional de Saúde Mental. Reuniu 2.300 pessoas e contou com a expressiva presença do estado de Minas Gerais, que levou 23 ônibus para defender os princípios da luta antimanicomial. Outras informações podem ser encontradas no *blog* criado para divulgar o movimento: <<http://marchadosusuarios.blogspot.com/>>.

grande mobilização dos militantes, que resultou, entre outras conquistas, na realização da IV Conferência Nacional de Saúde Mental.³⁹

No citado texto sobre a concepção do desfile, outro trecho sobre a Marcha merece destaque:

Retomamos os princípios da luta, a mobilização país a fora e o protagonismo dos usuários, herdeiros daquilo que começou com os especialistas, seus porta-vozes, até a construção da condição para que esses mesmos usuários-cidadãos pudessem falar de si e por si mesmos.

A análise do trecho confirma a previsão de Vasconcelos (2000) ao dizer que, mesmo diante das características estruturais, como maior dependência dos usuários e do próprio movimento em relação aos profissionais e aos serviços, o processo de difusão das abordagens centradas no conceito de empoderamento entre os profissionais pode ter um papel fundamental, quando se trata de deslocar o poder para os próprios usuários. Foi nessa mesma direção que Marta Soares reconheceu que as reuniões de organização do desfile são espaços que viabilizam o empoderamento e a organização política dos usuários, corroborando as colocações de Vasconcelos (2000):

A elaboração, o processo de organização, de construção do 18 (...) tá mais refinado assim, no sentido de passar a palavra, de deixar o outro se apresentar, de dar conta de dizer e de escutar, né, e de organizar politicamente, né, os usuários. (...) [A] consciência do quê que são essas pessoas (...), o quê que elas são e onde elas podem intervir. Eu acho que é um espaço de empoderamento completamente, assim. Então hoje, quando a gente vê os usuários se apresentando, se colocando, tem a ver (...) com essas rodas, esses pequenos grupos (...) que acontecem nos serviços, né, eu acho que ali começa uma história. E quando essas pessoas começam a ir um pouquinho mais distante assim, né?! “Vou numa reunião pra representar”, aí vai, né, vai, escuta lá e traz, né?! Aí eles vão crescendo, assim, eles vão começando a se perceberem, assim, de uma outra forma no mundo. Isso pra mim é organização política. Da crítica e da consciência, assim, de que situação é essa, a que cada um está submetido, né, de onde vem o preconceito, né, e o quê que é possível transformar, né?! E aí eles são protagonistas (...). Se não veio a curto prazo, né?! (...) é um processo. E daqui a pouco a gente vai poder se retirar (...) da cena — a gente técnico. Eu acho que a gente vai se retirando aos pouquinhos. Vai ficando mais na coxia, vai de secretário, né?! “Anota aqui, organiza pra mim”. (entrevista de pesquisa)

Nesta fala, Marta Soares retratou uma percepção emblemática a respeito dos caminhos percorridos pelo MLA — viabilizados através das reuniões do 18 de maio —

³⁹ Maiores detalhes acerca dos temas debatidos na IV Conferência Nacional de Saúde Mental disponíveis para consulta no *website* do Ministério da Saúde, sítio eletrônico: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2011_2_1relatorio_IV.pdf>.

na busca pela restituição da cidadania e do protagonismo do louco. Evidenciou, ainda, como tem se efetivado o processo descrito por uma gestora como de emancipação política e social dos usuários.

Por se tratar de uma dimensão mirada pelo MLA, desde o seu nascimento, e por ter sido apresentada com eloquência nas reuniões de preparação do desfile é que as nuances do campo jurídico-político foram tratadas de maneira minuciosa nesta parte do estudo (Rodrigues & Cunha, 2007).

Também com características muito peculiares, a dimensão sociocultural foi bastante explorada pelo coletivo organizador, visto que esta temática perpassou todas as reuniões. Este dado, por si só, já evidencia o importante papel do desfile no fomento às atividades e reflexões que caracterizam esta dimensão, considerada por Amarante (2003, p. 53) “a que expressa o objetivo maior do processo de reforma psiquiátrica”, qual seja, construir um lugar social que dê cabimento à loucura.

Ao afirmar que o MLA preconiza o entrelace entre a cidade e a loucura, Lobosque (2001) também aponta que esta aproximação com a sociedade tem por objetivo transformar a relação que se estabelece com o louco. Assim, o tratamento em liberdade, a participação em espaços políticos, tais como, associações de usuários e familiares, a livre circulação social e a participação e intervenção na cultura são movimentações que têm trazido à cidade e seus moradores provocações a partir da presença do louco e da loucura.

Em revisão de literatura foi possível perceber que o uso privilegiado e estratégico do elemento cultural para tal fim está ligado a uma forma de conceber este elemento a partir da sua capacidade de propiciar a “recriação das idéias sobre a figura do louco ao mesmo tempo como objetivo e efeito” (LOBOSQUE, 2001, p. 31). Tal uso é apontado nos escritos de importantes autores (LOBOSQUE, 2001; LOBOSQUE & ABOU-YD, 1998, AMARANTE, 1997, 2000 e 2003; COSTA, 2003) e em diversos documentos oficiais e outras publicações, tais como, “Linha-Guia de Atenção em Saúde Mental” (MINAS GERAIS, 2006), “Política de Saúde Mental de Belo Horizonte: o cotidiano de uma utopia” (NILO *et al.*, 2008), “Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil” (BRASIL, 2005), “Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas em sofrimento mental” (AMARANTE & LIMA, 2007).

Durante as observações notou-se que as reuniões de organização do desfile têm se constituído como espaço privilegiado, no qual as concepções e usos do elemento

cultural são refletidos e materializados. Já na primeira reunião, algumas estratégias foram sugeridas, apesar de este primeiro dia ter sido caracterizado, por uma gestora, como o mais difícil, pois, a partir da proposta de análise de conjuntura, uma multiplicidade de assuntos surgiu.

Início esta análise pelas contribuições trazidas pelos usuários, já que foi esta a categoria que mais efervesceu o processo de criação e invenção, sendo os grandes responsáveis pela produção das ideias e argumentações do desfile de 2010. Os usuários mencionaram, nesta primeira reunião, a importância de se destacar no desfile, de forma esclarecedora, o que o movimento não quer e não aceita, a fim de marcar sua oposição aos citados ataques sofridos pelo MLA. À sugestão uma gestora rebateu, afirmando que o desfile já traz mensagens claras de defesa do projeto antimanicomial à população e aos políticos, afirmação que será colocada em xeque no próximo capítulo.

O tema da arte foi introduzido na segunda reunião, a partir da sugestão trazida por usuários e trabalhadores de um dos municípios da região metropolitana. Este fato evidencia o engajamento dos participantes no processo, já que ao final da primeira reunião foi solicitado aos presentes que as questões elencadas fossem discutidas nos respectivos serviços, entre usuários, técnicos e familiares, objetivando trazer novas ideias para o segundo encontro. Este processo, quando estendido aos serviços, tem um papel fundamental, pois tende a viabilizar uma participação mais implicada e menos alienada no desfile daqueles que não podem, por algum motivo, participar destes encontros.

Assim, foi sugerido um paralelo entre o MLA e a Semana de Arte Moderna de 1922, movimento que marcou uma ruptura na forma tradicional de se fazer arte, colocando em evidência as produções de artistas brasileiros. Movimento semelhante tem acontecido com as produções artísticas dos usuários, através dos incentivos e premiações conquistados pelo projeto Loucos pela Diversidade, realizado pelo Ministério da Cultura em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e mencionado pelo coletivo. Consta no relatório final da “Oficina Loucos pela Diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura” (AMARANTE & LIMA, 2008), que a produção artística das pessoas com transtorno mental, inserida no campo das expressões culturais, tem contribuído para o fortalecimento da identidade e da diversidade, na perspectiva da inclusão social através da produção de novas formas

de linguagem, contribuindo, assim, para a construção de novos sentidos sobre da loucura.

A partir dessa ideia iniciou-se a discussão acerca do papel da arte nos movimentos sociais, na qual os usuários enfatizaram que o uso deste elemento é “uma maneira de falar de si, de poder criar, de valorizar os usuários, tidos como incapazes e pessoas impossíveis de produzirem arte com beleza estética, com sensibilidade” (MINAS GERAIS, 2010), corroborando o comentário de Vinadé e Guareschi (2007) sobre a descoberta dos militantes de que a interseção entre produção artística e ação política, além de possível, é necessária. Dito de maneira mais precisa, a categoria analisada clamou pela valorização da arte dos “artistas-usuários”, nomeação dada pelos próprios usuários ao afirmarem este elemento como uma via de possibilidade para a renovação da vida e dos valores, na perspectiva da produção de uma concepção da loucura que seja associada à beleza, e não ao horror, como lembrou uma usuária.

Estes apontamentos serão analisados mais detidamente, por sua relevância, no intuito de iluminar a ideia do uso da arte na transformação dos significados produzidos acerca do louco e da loucura. Arte, aqui, entendida como umas das formas de materialização dos elementos da cultura e concebida como uma via privilegiada de mediação entre o louco e a sociedade, devido à sua capacidade de tornar visível todos os outros atributos dessa pessoa, que ficaram escondidos sob os muros dos hospícios e que hoje são revelados em inúmeras intervenções culturais, como o desfile do 18 de maio. Esta concepção está atrelada ao conceito de estigma elaborado por Erving Goffman (1975). Para o autor, o estigma é um efeito de descrédito dado à pessoa em referência a um atributo depreciativo ou, mais precisamente, da relação entre este atributo e o estereótipo (grupo de atributos negativos utilizados para classificar os estigmatizados). Esse efeito é totalizante, contaminando todos os aspectos da identidade da pessoa, já que o traço que o caracteriza como estigmatizado se sobressai, impedindo que seus outros atributos ganhem visibilidade.

Pode-se afirmar, também, que o fato de o tema da arte ter sido explorado nas reuniões do desfile é mais uma evidência de que este coletivo tem refletido e fortalecido os princípios do movimento.

Para o projeto antimanicomial a arte é um recurso a mais do qual os sujeitos podem lançar mão para se conectarem, para conviverem prazerosamente com seus semelhantes, podendo, assim, transitar pela cidade não mais como um doente, ou ainda pior, como pura representação da doença. Mas como alguém

capaz de estabelecer trocas e deste modo dar testemunho dos inúmeros efeitos de tratamento do insuportável que o laço social favorece, seja pela via da arte, enquanto produção artística, seja pelo simples fato de ver-se incluído na família, ou por ter amigos. (SILVA, 2008, p. 4)

Na esteira das estratégias culturais elencadas pelos usuários, surgiu ainda a ideia de um show após o desfile, o que foi defendido pela entrevistada Marta Soares, mostrando que há uma sintonia de ideias quanto a este aspecto:

Uma avaliação — e aí eu concordo com os meninos, com os artistas da rede, principalmente os músicos e artistas plásticos — de que na verdade você não fecha o 18 como um encontro. Ele fica como, meio um lugar de passagem, mas as pessoas não se reúnem, né, pra estarem umas com as outras porque não dá tempo mesmo. (...) Na concentração não é esse lugar do encontro ainda, né?! Mas depois que fecha, depois que encerra, há uma proposta de se fazer então um grande show, ou um grande acontecimento ou uma roda pra todo mundo trocar, conversar, se ver. (...) Então o 18, ele meio que termina em aberto. (...) A primeira ala não vê a última, a ala do meio não vê a primeira... você não vê as pessoas, né?! Você não compartilha de fato, assim aquilo que foi produzido. Porque você vai compartilhando todo o processo de construção e na dispersão, dispersou! (...) As pessoas não vão na reunião (...) pós 18 na reunião do fórum pra fazer essa avaliação junto com todos, né, assim. Pode ser um grande show. (...) vão pra praça da Estação, monta a estrutura lá e vamos (...) continuar essa festa! (entrevista de pesquisa)

Pensar em um show, como proposta de continuidade da festa e de marcação do término de mais um longo processo de construção coletiva, é, respectivamente, potencializar os possíveis efeitos da intervenção cultural do desfile e promover mais um espaço de fortalecimento dos laços entre os militantes.

Quanto à participação das categorias dos trabalhadores e gestores, observamos que, além de suas contribuições no processo de criação, ambos funcionaram, inúmeras vezes, em sintonia, exercendo outro papel, o de articuladores das discussões, articulação esta traduzida em dois aspectos, complementares e inter-relacionados — operacional e ideológico.

O aspecto operacional foi observado em ações como redação e divulgação das atas, organização da apresentação dos participantes, ordenação das inscrições para fala, intervenções para garantir a participação de todos os inscritos, organização de votações, muitas vezes necessárias para escolha democrática entre uma ou outra ideia, e, até mesmo, mediação de eventuais exaltações ou tumultos — que podem ser típicos de um coletivo tão heterogêneo e em processo de criação.

Noutras ações, tais como, a coordenação e construção das ementas das alas e condução das discussões em comissões, como a do concurso de samba enredo e de

elaboração do material gráfico de divulgação do desfile, notou-se que, para além de um funcionamento enquanto estratégia operacional, estas podem ser inseridas no campo ideológico, posto que evidenciam o cuidado das categorias citadas, no sentido de garantir o enlaçamento dos temas sugeridos com os princípios do MLA, como observado no trecho abaixo:

Marta Soares: (...) era o ano 2000, onde o eixo era “O Hospício vai pro Espaço” (...) Que tinha uma data, né, definida pelo Movimento Nacional da Luta Antimanicomial que era “Brasil sem manicômio no ano 2000”⁴⁰ (...) a letra [do samba] não falava muito disso não, então a gente foi forçando um pouquinho e conseguiu encaixar. (entrevista de pesquisa)

Este manejo, quase artesanal, da tríade criação livre, manifestação cultural e ação política exige perspicácia e compromisso ético com os militantes e com a causa em questão, manejo este que poderia significar uma tal hegemonia organizacional dos trabalhadores e gestores, como apontado na análise do campo jurídico-político. Porém, os dados obtidos, tanto pela observação participante quanto pela entrevista expõem uma nova perspectiva sobre este funcionamento:

Marta Soares: (...) desde o comecinho a produção é deles [dos usuários] (...) é escutar isso que vem deles assim, do quê que eles entendem por aquilo que tá sendo dito, que tá sendo pensado e como é que você representa isso? Então primeiro trabalha conceitualmente, depois, como é que você aplica isso, né?! Como é que você vai expressar isso sem usar palavras? Aí pronto! Cabe de tudo, né?! (entrevista de pesquisa)

Este trecho e o que se segue mostram como as reuniões de organização e criação do desfile têm se constituído como espaços de emancipação e potencialização das subjetividades, circunscritas pelos objetivos coletivizados pelo movimento.

Marta Soares: Então tem que ser a liberdade (...) tem que ser uma telinha, que não pode ser um pano que tampa, mas que deixa transpirar, que deixa respirar. Então a gente foi catar uma telinha pra fazer a bendita da roupa assim.

(...) quanto mais livre é, mais bonito fica, porque é construído junto com as pessoas, tem a cara das pessoas. Eu acho que essa é a beleza do 18, que é essa possibilidade de participar, de protagonizar. (entrevista de pesquisa)

⁴⁰ A expressão “Brasil sem manicômios no ano 2000” foi cunhada no I Encontro Nacional da Luta Antimanicomial. A ideia foi manifestar contra a meta “Saúde para todos no ano 2000”, formalizada na Conferência de Alma-Ata, em 1978, no intuito de promover saúde para todos os povos do mundo até o ano 2000. Esta meta foi concebida pelos militantes do MLA como uma utopia insustentável em detrimento às reais possibilidades da proposta de por fim aos manicômios (AMARANTE, 1997).

A positividade deste modo de conduzir o processo, através da valorização dos elementos produzidos pelos militantes, é fundamental, como afirmam Vinadé & Guareschi (2007), considerando-se que há neste ato um reconhecimento de potencialidades que, em princípio, parecem não ter visibilidade em outros contextos. Assim, os elementos produzidos nas reuniões ganharam visibilidade de várias formas, sendo uma delas sua apresentação num texto final, escrito após o término das reuniões e utilizado como um dos materiais de divulgação do desfile. Neste texto encontra-se o relato da análise de conjuntura do movimento e a argumentação do tema-eixo e de cada uma das alas (ANEXO 5). O tema-eixo é o grande tema orientador do desfile, que em 2010 foi “Solidariedade: Há em mim, há em ti”, um jogo de palavras, construído por um usuário, e um título que se refere àquilo que o movimento busca — a solidariedade à sua causa, sentimento despertado a partir da tragédia no Haiti. Todos os outros temas elencados durante as reuniões foram contemplados nas seis alas que formaram o desfile, quais sejam: a ala um, nomeada “Me empresta tudo que resta que lhe devolvo sonhos de sobra”, frase que definiu como o movimento entende a solidariedade. O intuito foi introduzir o desfile a partir de seu tema central, a solidariedade, fazendo um convite e um chamado à cidade para a união e a solidariedade. Sua composição se diferenciou das demais alas pela presença da comissão de frente.

A ala dois, “Libertar-te da dor, encontrar-te com a cor”, tida como uma das alas tradicionais do desfile, por tratar das experiências da loucura, explorou o encontro da loucura com a arte, considerando a esta como um importante recurso no cuidado e acolhimento da loucura. Este encontro foi abordado a partir da interlocução com a Semana de Arte Moderna de 1922 e preconizou levar às ruas as obras produzidas pelos usuários.

A ala três, “Todas elas cabem no nosso balão”, é outra ala tradicional, por ser um espaço para tratar dos temas da infância e adolescência. Foi intitulada com o trecho de uma música infantil para indicar que todas as crianças e adolescentes têm o direito a uma vida digna e que, independentemente de suas diferenças, todas cabem no mundo. Nesta ala registrou-se grande participação de crianças e adolescentes dos serviços e projetos voltados à infância e adolescência de Belo Horizonte e região metropolitana, acompanhados por trabalhadores, familiares e outros acompanhantes.

A ala quatro, “O balanço da loucura aterremota a ditadura da razão”, também marcada pela sua tradição nos desfiles, buscou retratar a importância dos movimentos sociais e das comunidades de resistência que, através da resistência e da luta, reivindicam a construção de outra sociabilidade. O intuito foi fazer um convite para que os diversos movimentos sociais se unam.

A ala cinco, “Que mentira é essa? Quem me tira dessa?”, é a ala das denúncias, uma delas sendo a do projeto de lei do ato médico entre tantas outras mentiras que, segundo o coletivo, são travestidas de verdade.

E a sexta e última ala, “Basaglia viu e anunciou, Bispo luziu quando endoidou”. O objetivo foi retratar as conquistas da Luta Antimanicomial com foco na conexão do Brasil com a experiência italiana, evidenciando, mais uma vez, a nítida influência da desinstitucionalização nos direcionamentos do movimento.

A coordenação e a composição das alas foram definidas nas duas últimas reuniões, a partir da escolha feita pelos participantes — em nome do serviço ou instituição que representavam. Para cada ala escolheu-se um coordenador, figura responsável por aglutinar seus respectivos componentes para discutirem, juntos, como dar forma à ideia de sua ala. A coordenação das alas ficou, em sua grande maioria, com representantes dos centros de convivência da Rede de Saúde Mental de Belo Horizonte, fato explicitado nas palavras de Marta Soares:

Todos os Centros [de Convivência] acabam fazendo isso, né, de funcionarem como barracões do 18 de maio. Tanto é que quando a gente vai chamar os coordenadores das alas atualmente, geralmente tem que ser alguém do Centro de Convivência, porque ele foi tomando essa função, foi se apropriando disso. (entrevista de pesquisa)

Após o término das reuniões de construção do desfile, norteadas pelo texto final, o coletivo se dividiu em seis subgrupos (número correspondente à quantidade de alas) e deu-se início aos desdobramentos que precederam o desfile, quais sejam, a reunião das alas e o concurso de samba enredo.

Além destes subgrupos, foram criadas algumas comissões para tarefas organizacionais, ou seja, tarefas de cunho mais burocrático, como escolha do material gráfico — cartaz e folder —, elaboração e envio de memorandos e ofícios às repartições públicas, que dão certo suporte no dia do desfile, entre outros contatos e agendamentos necessários. A composição destas comissões foi marcada, entre outros, pela presença dos gestores.

A observação participante foi realizada em uma das reuniões de ala. O objetivo destes encontros foi pensar uma maneira de dar materialidade ao conceito proposto pela ala na forma de adereços carnavalescos. A dinâmica de discussões permaneceu a mesma, em roda e com inscrições, e registrou-se a presença de usuários, estagiários e trabalhadores. A quantidade de reuniões das alas variou de acordo com o ritmo de cada grupo, sendo geralmente em número menor que as reuniões do coletivo maior.

O concurso de samba enredo aconteceu um mês antes do desfile. Neste evento foram escolhidos, além do samba a ser tocado durante o desfile, a rainha e a princesa de bateria. Para concorrer com o samba, deveriam ser enviados, à comissão organizadora do concurso, cópia da letra impressa e digital, além de uma gravação de áudio, em CD ou fita K7, até 20 dias antes do concurso. Para rainha e princesa de bateria,⁴¹ as inscrições poderiam ser feitas por telefone ou *e-mail*. Durante o evento, todos os sambas concorrentes foram cantados por seus compositores, que subiram ao palco com uma banda contratada, responsável pelo arranjo musical. A comissão julgadora foi composta de forma a priorizar jurados do meio artístico, os quais foram orientados sobre a proposta do movimento, segundo sugestão da própria comissão organizadora do concurso. Além dos concorrentes, participaram muitos usuários, trabalhadores e gestores, trazidos por ônibus e vans, vindos de lugares diversos da cidade e de outros municípios, normalmente os que participaram das reuniões de construção do desfile.

Este concurso é mais um dos recursos do desfile que potencializam a visibilidade do movimento, através de uma intervenção cultural realizada num parque cultural público da cidade, o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, espaço que tem sido utilizado para este evento nos últimos anos. Segundo Vinadé e Guareschi (2007), a visibilidade é um elemento fundamental aos movimentos sociais, pois, assim como o MLA busca efetivar mudanças através da conscientização da população sobre sua causa, todos os movimentos só terão legitimado sua luta se conseguirem atingir e mobilizar a sociedade, o que ocorre “nas ocasiões de mobilizações coletivas que trazem à esfera pública, a partir de manifestações, protestos, encontros, eventos, a condensação,

⁴¹ Ao título de rainha poderiam concorrer usuários dos serviços de adulto e, para princesa, dos serviços e projetos infanto-juvenis.

socialização, os conflitos e recriações deste mundo latente” (LÜCHMANN & RODRIGUES, 2007, p. 401).

Uma inovação do desfile de 2010, que também se relaciona às estratégias de visibilidade e divulgação do movimento, foi a construção do *blog*,⁴² que funciona como um espaço exclusivo de comunicação utilizado pelo desfile. A página virtual divulga, em forma de convite, informações completas sobre as etapas do processo, incluindo, o texto final do desfile, notícias, comentários e fotos dos eventos, tais como, concurso de samba enredo, desfile.

A última observação participante ocorreu na reunião do FMSM do dia 12 de junho de 2010. Uma das pautas deste encontro foi a avaliação do desfile — feita pelos militantes presentes, que neste espaço era em número bem menor, em relação à participação no evento. Dos pontos discutidos, foram ressaltados: a rigidez no uso dos espaços públicos para manifestações e o papel da resistência do movimento diante deste fato; a necessidade de reconhecimento do evento como movimento histórico da municipalidade, justificando sua inclusão no calendário da cidade, utilizando-se, para este fim, todo material produzido sobre o desfile; a captação de recursos, avaliada como imprescindível; e, por último, avaliou-se que o movimento ainda está atrasado, no que tange à sistematização das informações (registros de todo tipo) e da organização da parte de comunicação do evento. A avaliação foi finalizada com uma salva de palmas dos presentes.

Diante da complexidade que caracterizou o processo de construção do desfile, considera-se que este tem trazido contribuições em todas as dimensões da reforma psiquiátrica — conceitual, técnico-assistencial, político-jurídica e sociocultural —, funcionando, principalmente, como espaço de reflexão do movimento, podendo, por estes motivos, ser considerado um desdobramento fundamental do MLA em Minas Gerais. Depreende-se, portanto, que sua capilaridade, ou seu potencial de expansão, deve ser uma questão para a qual o MLA deve se atentar, no sentido de fomentar a máxima participação possível de trabalhadores, familiares, gestores, instituições e outros simpatizantes da sociedade civil.

⁴² O blog do desfile do 18 de maio de Belo Horizonte pode ser acessado no sítio eletrônico: <<http://antimanicomialbh.blogspot.com/>>.

4 A PERSPECTIVA DOS ESPECTADORES

Neste capítulo apresento o outro cenário da pesquisa de campo, o desfile do 18 de maio de Belo Horizonte, no qual os sujeitos de pesquisa passam a ser os espectadores do evento. Esta apresentação é feita em duas partes. Na primeira, descrevo brevemente o trajeto percorrido pelo desfile, caracterizando o seu entorno. Na segunda, apresento os dados, que por terem sido coletados em duas etapas, são apresentados separadamente.

Na primeira etapa, descrevo os dados coletados através da aplicação, efetuada durante o desfile, de questionário estruturado. O objetivo foi obter informações sobre as opiniões imediatas dos espectadores, procurando detectar se reconheciam o desfile do 18 de maio enquanto festejo carnavalesco e/ou sua razão de ser. Os dados quantitativos são apresentados por meio de representação gráfica, numérica e descritiva, e os dados qualitativos, apresentados segundo análise temática.

Na segunda, faço a análise dos dados incorporando as informações obtidas nas entrevistas posteriores, feitas com alguns espectadores que reconheceram no desfile os aspectos de interesse para o estudo, com o intuito de aprofundar a compreensão acerca dos significados dados ao desfile.

O desfile do 18 de maio em Belo Horizonte mantém, desde 1998, o mesmo local de concentração e o mesmo trajeto. Em 2010, a concentração foi marcada para terça-feira, dia 18 de maio, às 13h30min, no quarteirão fechado da Rua Rio de Janeiro, um dos nichos que constituem a Praça Sete.⁴³ Segundo Carmella Campici e colaboradores (2006):

A Praça Sete é reconhecida como um símbolo da cidade. É também apresentada como um ponto turístico, de aglomeração popular e utilizada pelas redes de televisão como um lugar para realizar entrevistas de opinião pública. Historicamente a Praça Sete configura-se como lugar de encontros: o ponto final do bonde, os cafés onde discussões e disputas políticas eram e são travadas, lugar de flerte após o *footing* da Avenida Afonso Pena, etc...

⁴³ Normalmente conhecida apenas por Praça Sete, a Praça Sete de Setembro foi planejada para ser o ponto central da cidade. É atravessada por duas importantes avenidas (Avenida Amazonas e Avenida Afonso Pena) e duas ruas (Rua Rio de Janeiro e Rua Carijós), formando uma composição de quatro nichos de praças e um nicho central, que contém o monumento obelisco conhecido como “Pirulito” (Campici, Fonseca, Peixoto & Gonzaga, 2006).

Foi neste espaço, marcado pela pluralidade de sentidos, que a bateria da escola de samba aqueceu seus tambores, que os desfilantes ajeitaram os últimos detalhes de suas fantasias e encontraram suas alas, e que os organizadores conferiram os participantes, já presentes, e os últimos detalhes. Panfletos⁴⁴ (ANEXO 6) começaram a ser distribuídos, ao som cada vez mais retumbante dos tambores e dos trios elétricos, que fizeram muitos transeuntes pararem, observarem e perguntarem o que estava acontecendo. Aos poucos chegaram as caravanas, eram ônibus e vans lotados de desfilantes, cores e barulho. As alas e seus respectivos componentes foram anunciados em um dos três trios elétricos e, assim, eles tomaram seus lugares. Também ao som do trio elétrico foi anunciada a presença de um convidado, o psiquiatra italiano Franco Rotelli. Segundo informação obtida na entrevista, o desfile reuniu uma média de 2.500 pessoas.

A aglomeração foi tomando a forma de cortejo que, por volta das 15h, invadiu as ruas centrais da cidade e seguiu por três longos quarteirões da Avenida Afonso Pena (sentido centro-bairro), subiu um curto quarteirão da Avenida Álvares Cabral, entrou à direita dois quarteirões levemente inclinados da Avenida Augusto de Lima e, no trecho final, desceu três quarteirões da Rua Espírito Santo, retornando à Avenida Afonso Pena, agora em sentido oposto, dispersando-se em outro nicho da Praça Sete, o quarteirão fechado da Rua Carijós.

Durante o percurso, o som dos trios elétricos e da bateria da escola de samba Liberdade Ainda Que Tam Tam tocaram o samba enredo de nome “Tec Tec Tec”,⁴⁵ intercalados por frases de ordem que expressavam a causa do movimento pelo fim dos manicômios. O desfile deste ano teve hora certa para terminar, pois num acordo entre a comissão organizadora e a BHTrans, empresa responsável pela gestão de mobilidade urbana, a dispersão deveria acontecer às 16h.

Neste cenário, aplicamos o questionário, composto por sete questões, além de um espaço reservado para registro dos dados pessoais do entrevistado, caso se enquadrasse nos critérios para participação das entrevistas. No total foram aplicados 272 questionários, dos quais 49 foram descartados. O critério para o descarte foi haver uma ou mais respostas em branco, assim a análise foi operada em 223 questionários. Descrevo, em seguida, cada uma das questões apresentando os resultados.

⁴⁴ Nestes panfletos constam uma breve contextualização do desfile, o nome, argumentação e ordem das alas, a letra do samba e os nomes de pessoas e instituições que realizaram e apoiaram o evento.

⁴⁵ “Tec” refere-se à palavra tectônica, uma alusão às placas tectônicas.

Na questão de nº 1 — “Você sabe o que está acontecendo?” — buscou-se detectar se os espectadores sabiam o que estava acontecendo (referindo-se ao que estavam assistindo). Em caso afirmativo, deveriam dizer o que era e, em caso negativo, o que lhes parecia ser. Desta questão, somente as respostas “sim” e “não” foram quantificadas, pois as respostas abertas serão apresentadas na questão cinco, na qual justifico este deslocamento.

Nesta questão, registrou-se que a maioria (62%) respondeu não saber do que se tratava, ou seja, não tinha de antemão notícia formalizada sobre o que se passava, em detrimento da minoria (38%), que afirmou saber (GRÁFICO 1).

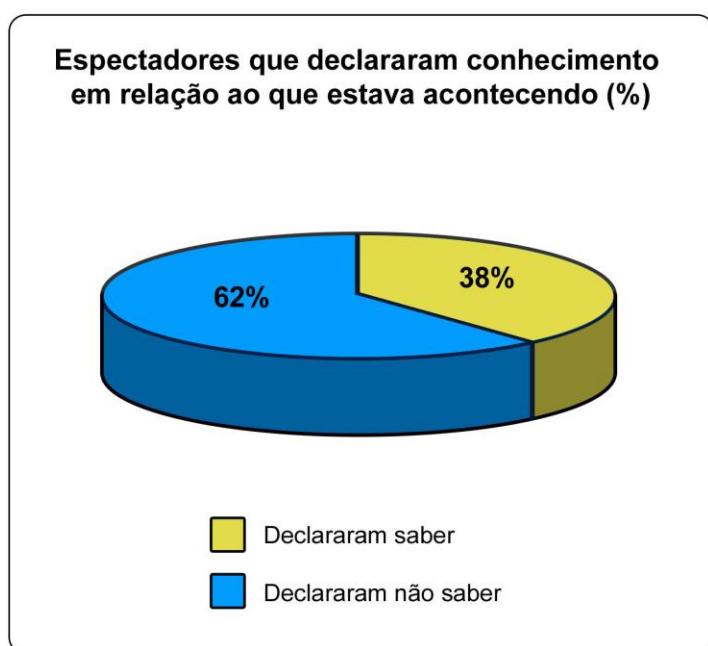


GRÁFICO 1 - Fonte: dados da pesquisa

Na questão de nº 2 — “Já havia presenciado este mesmo evento outras vezes?” — o objetivo era confrontar a consistência das respostas da primeira questão. Porém, diante das impressões da equipe de coleta, e durante a análise dos questionários, percebeu-se que esta questão era imprecisa e, portanto, sem validade. A maioria dos respondentes disse que já havia presenciado o evento, mas, como hipótese, entendeu a pergunta de forma generalizante, visto que o local onde foi realizado o desfile é, também, cenário de outros eventos e de manifestações político-culturais semelhantes.

Na questão de nº 3 — “Você está nesta região por quê?” — buscou-se conhecer por que os espectadores estavam no local do desfile. Constatou-se que 134 espectadores (60%) estavam assistindo ao desfile por serem frequentadores da região

central de BH, ou seja, trabalhavam, estudavam e/ou moravam nas imediações. Pode-se afirmar, ainda, que, deste grupo de frequentadores, a maioria era de trabalhadores desta região, a qual tem como uma das principais características ser um polo comercial e de instituições bancárias. Por este mesmo motivo, detectou-se que 80 espectadores (36%) estavam de passagem, utilizando-se destes serviços e apenas 09 espectadores (4%) foram para assistir ao desfile (GRÁFICO 2).

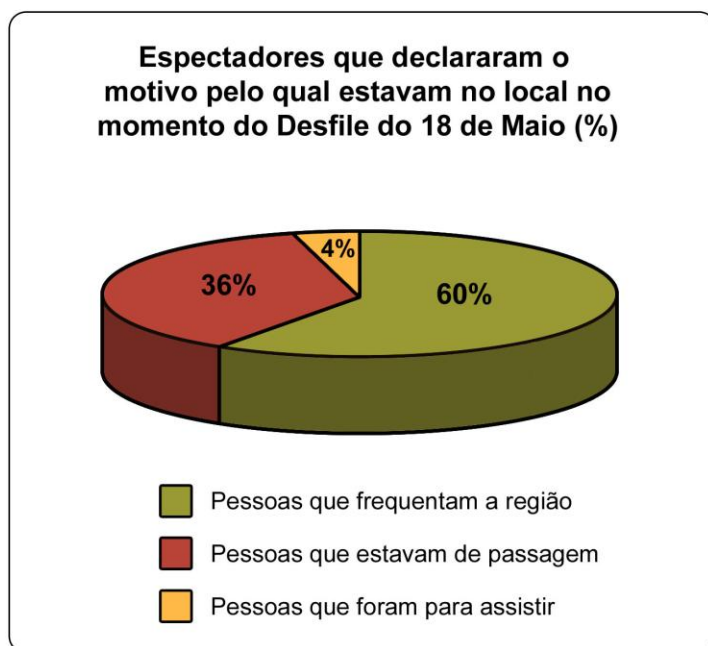


GRÁFICO 2 - Fonte: dados da pesquisa

No cruzamento dos dados das questões de nº 1 e de nº 3 percebeu-se que, apesar do grande percentual dos espectadores (60%) serem de frequentadores da região, isto não garante a identificação de um evento que acontece todos os anos, com mesmo trajeto, desde 1998, já que 62% dos espectadores declararam não saber o que estava acontecendo. Vale comentar, ainda, que o percentual de pessoas que foram para assistir (4%) é significativamente ínfimo.

Na questão de nº 4 — “O que o fez parar para assistir?” — o objetivo foi mapear os motivos que fizeram os espectadores pararem para assistir ao desfile. Vários foram os motivos elencados pelos espectadores, entre eles os efeitos áudio-visuais, — as faixas e outros elementos normalmente ligados à caracterização carnavalesca, dos quais foram mencionados os blocos, as fantasias, as cores, os carros alegóricos, enfeites e a organização do cortejo. O samba enredo ou a música, como nomeado pelos

espectadores, também atraiu pelo sentido da letra e pelas batidas, — ao mencioná-las um espectador afirmou gostar de carnaval.

Outro motivo foi a forma como o desfile afetou alguns espectadores, que se disseram emocionados, comovidos e solidários àquela manifestação, ou até mesmo identificados, como demonstrou um dos espectadores ao afirmar que “todos nós somos loucos”. Segundo algumas respostas, o evento possibilitou a aproximação das pessoas e fez pensar sobre a discriminação, além de ter mostrado que as pessoas com transtorno mental podem conviver com a população. Houve quem dissesse que nunca tinha visto uma manifestação deste tipo e que parou para ver pela beleza do movimento. Muitas pessoas também pararam por curiosidade, no intuito de entender o objetivo do evento. Por outro lado, alguns espectadores informaram que não pararam para assistir. O que ocorreu foi que estavam, por motivos diversos, em pontos pelos quais passou o desfile — cafés, lanchonetes, pontos de ônibus, estabelecimentos comerciais ou pontos de encontro.

Além dos motivos elencados, vale dar destaque a outras duas respostas interessantes. Uma das espectadoras comentou que foi assistir ao desfile porque trabalha na região e todo ano sai do seu local de trabalho para ver o evento. A outra resposta merece destaque não só por seu conteúdo, mas pelo contexto em que ela se deu. Quando o cortejo passou na porta de uma escola pública, localizada na parte final do desfile, observei crianças agarradas às grades, olhando atentamente a movimentação. Através de imagens foi possível flagrar a interação entre um aluno e um participante do desfile, numa tentativa emblemática de encontrarem suas mãos, atravessando-as entre a grade (fotos do desfile no ANEXO 7). Ao responder ao questionário, a funcionária desta escola afirmou que levou os alunos para conhecerem o movimento, a fim de discutir o tema posteriormente, em sala de aula.

A questão de nº 5 — “Que tipo de evento você acha que é este que está acontecendo?” — teve por objetivo saber que tipo de identificação os espectadores faziam do evento. Porém, durante a análise, observaram-se muitas repetições ou similaridades entre as respostas da questão nº 1 e nº 5, fato decorrente da similaridade entre as perguntas, o que não pôde ser constatado de antemão devido à inadequação de operar o pré-teste nesta pesquisa. A solução encontrada foi fazer uma análise conjunta das duas questões, já que elas buscavam captar a mesma informação, não sendo necessário invalidá-las.

Constatou-se que, se por um lado a maioria dos espectadores não soube identificar previamente o evento, como constatado na questão nº 1, por outro, no que se referiu à identificação que fizeram do evento, independente da informação prévia, foi constatado que 70 espectadores (31%) conseguiram apreender, em sua essência, o objetivo do desfile, e que outros 30 espectadores (14%) fizeram identificações que tinham alguma relação de proximidade com aquilo que o desfile pretendia comunicar. Ou seja, um total de 100 espectadores (45%) apreendeu de alguma forma o sentido do evento. Porém, 123 espectadores (55%) disseram não saber do que se tratava, ou deram respostas de conteúdo vago, ou, ainda, que não tinham nenhuma relação com a finalidade do evento.

Considerou-se que os espectadores reconheceram o objetivo quando suas respostas estavam totalmente afinadas ao propósito do evento. Constatou-se que, no conteúdo das respostas deste grupo, a palavra manicômio foi a mais pronunciada, seguida da palavra antimanicomial, à qual se notou certa dificuldade para ser pronunciada. Acompanhando a palavra manicômio, apareceram expressões e palavras indicativas de ação ora negativas, tais como, acabar com a discriminação; acabar com, combater, abolir, fechar, lutar contra, extinguir e tirar os doentes mentais de dentro do manicômio; ora afirmativas, evidenciadas por expressões e frases, tais como, luta política, luta antimanicomial e movimento de arte para melhorar o tratamento dos doentes mentais; que sejam tratados na rua e não presos; integrá-los na sociedade; deixá-los conviver com a família; reivindicar a liberdade do louco; mais diálogo ao invés de tratar só com remédio; em favor dos doentes mentais; que o tratamento aconteça em casa e não no manicômio; aproximá-los da sociedade e mostrar que podem viver livres. A palavra hospício foi pronunciada com frequência menor, enquanto a sigla CERSAM somente uma vez. Destacou-se, neste grupo, uma resposta inusitada, na qual o evento foi identificado como encontro de pessoas deficientes com a sociedade, para que esta perceba as coisas bonitas que aquelas pessoas oferecem.

Consideraram-se respostas que tiveram alguma relação de proximidade com a finalidade do desfile, aquelas que em seu conteúdo apontaram algum reconhecimento, mas sem apreender, essencialmente, a causa em questão. Neste grupo, o conteúdo das respostas apresentou as seguintes palavras e frases a respeito do evento: relacionado ao hospital psiquiátrico, passeata sobre saúde mental, internos de manicômios, trem de doido, caminhada do Galba Veloso, os doidos estão na área, desfile de deficientes e de

maluco, encontro de doido, manifestação de hospício, dia dos loucos ou dos maníacos, algo sobre doença mental e dia do manicômio. Percebeu-se uma identificação do público participante e da instituição hospital psiquiátrico, hospício ou manicômio, porém em nenhuma das respostas foi apontada a finalidade do evento.

Por último, considerou-se como respostas que não identificaram a finalidade aquelas que não apresentaram nenhum grau de proximidade com o objetivo do evento ou, ainda aqueles que disseram não saber o que era. Com fins analíticos, este grupo foi dividido em dois subgrupos, considerando os objetivos do estudo. Dos 123 espectadores que não identificaram a finalidade, 99 deles (80%) disseram não saber do que se tratava, ou apresentaram respostas de conteúdo vago, tais quais, manifestação, greve, passeata, protesto, parada, comemoração, reivindicação, folia; ou, ainda, respostas que não tinham relação com a finalidade, como promoção de igreja católica, manifestação de professores, algo relacionado à natureza, luta de salário, algo circense, o povo quer paz, manifestação para melhores estudos nas faculdades, algo relacionado ao abuso e exploração de menores. Outros 24 espectadores (20%) identificaram o elemento carnavalesco, mas não a finalidade. Neste subgrupo, o evento foi identificado como carnaval fora de época, marcha de carnaval, bloco ou grupo carnavalesco, desfile de samba e escola de samba (GRÁFICO 3).

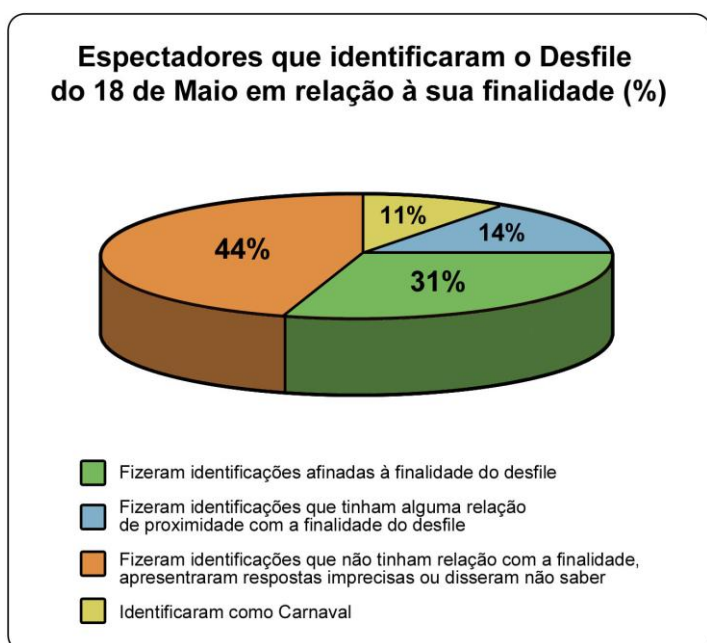


GRÁFICO 3- Fonte: dados da pesquisa

A questão de nº 6 — “Que tipo de pessoas são essas? Que grupo de pessoas está participando?” — teve por objetivo detectar como os espectadores identificavam as pessoas ou o grupo que participava do desfile. Considerando-se a classificação quanto à relação de proximidade acerca da identificação dos participantes, o conteúdo das respostas variou entre as que tinham muita ou alguma relação de proximidade e as que não tinham nenhuma relação. As respostas classificadas como muita relação foram aquelas que, de alguma forma, identificaram entre os participantes principalmente os usuários da saúde mental, visto que através deste conteúdo poderiam ser observados quais os termos usados para se referir ao dito louco. As respostas classificadas como alguma relação foram aquelas que identificaram outros participantes que, além dos usuários, também estavam no desfile. As respostas restantes foram classificadas como nenhuma relação de proximidade ou que não souberam identificar o público participante.

As respostas mais afinadas em relação à identificação dos participantes apresentaram conteúdos diversos para se referirem ao louco, nomeando-os como pessoas: que têm problema ou que não são boas de cabeça; que usam medicamento; que precisam de ou estão em tratamento; que ficam em ou que frequentam manicômio; que são de manicômio e que fazem desfile; com problema mental ou psiquiátrico; com transtorno, distúrbio ou sofrimento mental; com enfermidade; doentes ou consideradas doentes; especiais; doentes mentais ou portadoras de doença mental; normais, porém que precisam de tratamento especial ou apesar de terem problemas mentais ou com algum problema. Ou ainda como doidos, loucos, malucos, usuários ou usuários de hospital psiquiátrico; funcionários de CERSAM e os próprios doentes; pessoal (doente mental) preso; pessoal de CERSAM com mente fraca; pacientes de CERSAM que dão crise; loucura, mas tem gente mais louca que eles; internos do hospício ou do manicômio; excluídos, sofridos, discriminados; miscelânea; normais e doentes; saúde mental.

No cruzamento de dados entre as questões de nº 5 e de nº 6, percebeu-se novamente que as palavras manicômio, hospício e hospital psiquiátrico foram mencionadas em frequência maior (nove vezes no total), em detrimento da palavra CERSAM (três vezes). Um dado adicional foi que nestes casos os espectadores identificaram os participantes como internos, frequentadores ou usuários de instituições de caráter asilar. Percebeu-se, ainda, que a identificação dos participantes vinculou-se

nitidamente ao atributo de “doente” e suas variações, o que foi observado também neste trecho de entrevista:

Márcia: Eu acho sempre que eles [pessoas com sofrimento mental] têm que tomar o remédio certo pra poder ser quase igual a gente, né?! *Quase* igual, porque não é. (entrevista de pesquisa, grifo meu)

Diante destas constatações, merece destaque a resposta de um dos espectadores que, apesar de também ter identificado os participantes como pessoas que têm doenças mentais, complementou que naquele momento, e através daquela luta, eles mostraram que não eram perigosos e que poderiam conviver na sociedade e viverem livres. Outra resposta interessante foi que o espectador identificou, através da música (samba enredo), que os participantes eram pessoas que usavam medicamentos, mostrando a capacidade de comunicação deste recurso.

Nas respostas classificadas como tendo alguma relação de proximidade, a identificação dos participantes vinculou-se a categorias funcionais ou institucionais, ora mais específicas, tais como, pessoal que faz psicologia na UFMG; profissionais ou trabalhadores da área da saúde; psicólogos; acompanhantes e pessoas que atendem pessoas com sofrimento mental; funcionários do CERSAM; profissionais da área da saúde mental; que trabalha no setor hospitalar de doença mental; pessoal da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).⁴⁶ Ora mais gerais, vinculadas ou não a uma categoria funcional: grupo heterogêneo de toxicômanos e viciados que precisam de tratamento psicológico e educação; simpatizantes; usuários; doidos, familiares e amigos; pessoas envolvidas na Luta Antimanicomial, pessoas que combinaram de vir para o carnaval.

Por fim, poucas pessoas disseram não saber identificar os participantes, cujas respostas, classificadas como não tendo nenhuma relação de proximidade, apresentaram conteúdo discrepante, tais como: índio; povo esquisito; pessoas que mexem com candomblé; pessoas de alguma religião, de circo ou de congado. Ou, ainda, identificações imprecisas, tais quais: crianças, jovens, idosos ou pessoas de asilo; pessoas que foram abusadas; pessoas comuns ou normais; pessoas no fracasso e na pobreza; pessoas sem serviço, atrapalhando o trânsito; pessoas chamando atenção para alguma causa; pessoas de níveis culturais e econômicos diferentes; universitários,

⁴⁶ Representantes da APAE também participaram do desfile.

estudantes, professores, trabalhadores, funcionário público, manifestantes. Destacou-se, neste grupo, a identificação feita por um espectador de que os participantes eram sindicalistas sem o que fazer, pessoas que vivem do dinheiro dos outros, *não produzem nada, só militam* (grifo meu).

A sétima e última questão — “Você já ouviu falar no Movimento da Luta Antimanicomial?” — teve por objetivo detectar o conhecimento dos espectadores acerca do MLA. Em caso afirmativo, deveriam esclarecer de que modo passaram a conhecê-lo. Detectou-se que 142 espectadores (64%) não conheciam o movimento, enquanto 81 (36%) tinham algum conhecimento. Destes 81 espectadores, 37 (17%) conheceram o MLA através de meios de comunicação, tais como, rádio, televisão, jornal impresso e *internet*; 18 (8%) através do próprio desfile; 14 (6%) por serem usuários, familiares ou trabalhadores da saúde ou através destes; e, por último, 12 espectadores (5%) conheceram através de instituições de formação e ensino (GRÁFICO 4).

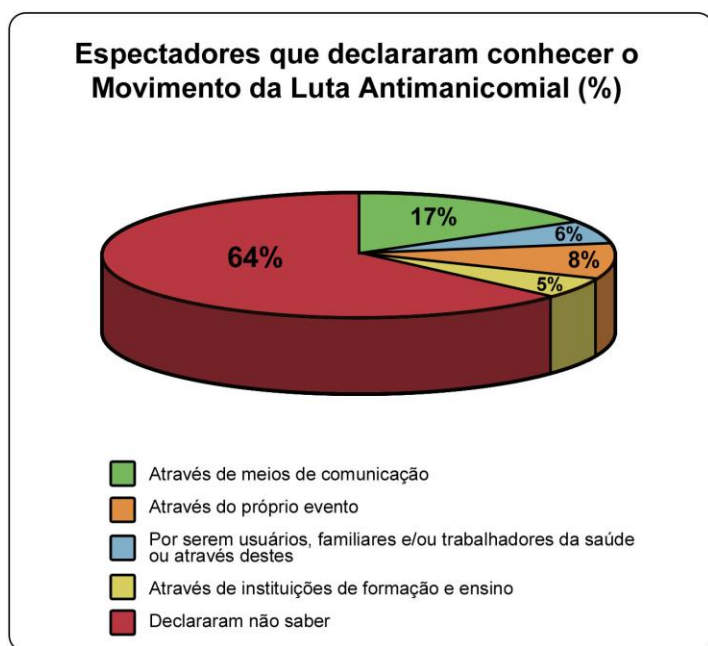


GRÁFICO 4 - Fonte: dados da pesquisa

Percebeu-se que os meios de comunicação foram os que mais contribuíram para a divulgação do movimento, entre os quais teve destaque a televisão, por ter sido mencionada mais vezes, merecendo destaque a resposta de um dos espectadores que disse ter conhecido o movimento através da novela das oito. Outro dado obtido foi que a segunda maior porcentagem deste grupo ficou conhecendo o MLA através do desfile.

Um dos espectadores disse sempre presenciar o evento, já que trabalha na banca de jornal instalada na Praça Sete, onde acontece todo ano a concentração do desfile. Alguns destes espectadores apontaram os panfletos distribuídos como fonte de informação auxiliar, além do próprio desfile.

Quanto ao grupo que conheceu o movimento pelo fato de serem ou conhecerem usuários, familiares ou trabalhadores da saúde, dois dos espectadores se identificaram como usuários, enquanto outro disse já ter sido internado; duas espectadoras foram identificadas como familiares: uma tem irmã que é paciente do CERSAM, a outra afirmou que a mãe faz tratamento nesta área; apenas um espectador se identificou como trabalhador do campo da saúde. Aqueles que souberam do movimento através de contato com terceiros afirmaram, entre outros, que conheceram algum organizador, militante ou trabalhador da saúde mental, destacando-se, aqui, um espectador que, certa vez, precisou levar um conhecido para ser atendido no hospital psiquiátrico Galba Veloso, conhecendo assim o MLA.

O último dado evidenciou a presença das instituições de formação e ensino na difusão de informações sobre o movimento. Segundo os espectadores, esta difusão ocorreu através de seminários, estágios, cursos em geral ou de graduação, sendo mencionados os cursos de psicologia e enfermagem.

No intuito de aprofundar a compreensão acerca da pluralidade de significados dados ao desfile, inicio a segunda e última etapa deste capítulo incorporando as informações obtidas em entrevistas na discussão dos dados. Os entrevistados serão identificados pelos nomes verdadeiros, uma vez que este dado não foi delimitado como confidencial por nenhum deles.⁴⁷

O primeiro aspecto tratado é a capacidade de comunicação do desfile. Percebeu-se que ele se comunica com os espectadores basicamente de duas formas, muitas vezes simultâneas: uma delas é através dos recursos áudio-visuais, tais como, os panfletos, as faixas, os apelos pronunciados pelos organizadores nos trios elétricos, a letra e as batidas envolventes do samba enredo e toda a caracterização visual das fantasias. Os dois últimos, identificados como elementos carnavalescos, evidenciaram um importante papel, por terem incitado a curiosidade, mobilizando a atenção de muitos

⁴⁷ O TCLE, assinado por mim e por cada um dos entrevistados, assegura que os dados deste último serão preservados, caso sejam delimitados como confidenciais.

espectadores, além de contribuir para a identificação positiva do evento, o que pode ser corroborado por alguns trechos das entrevistas:

Margareth [sobre as fantasias]: Eu acho que além de chamar mais atenção (...) torna o movimento assim, mais gracioso, mais leve (...). Antes, os primeiros [desfiles], era o pessoal mais “assim”, tinha umas plaquinhas (...) tudo mais silencioso, mais quieto. Então agora virou uma festa, é mais alegre e eu acho que isso chama mais o pessoal que tá na rua a ver e, a partir do visual, talvez um ou outro possa se interessar pelo movimento, sabe, chamar a sociedade. (...) Tá vendo que eles podem participar de tudo, inclusive dum carnaval normal como todo mundo (...) não precisa eles serem isolados, que eles podem conviver ali e participar que ninguém nem vai saber se tem ou se não tem problema. (entrevista de pesquisa)

Ricardo: Acho que as pessoas se contagiam (...) param pra assistir, embora algumas talvez não entendam o que tá acontecendo ali (...). Eu acho que as pessoas param pra ver. Não é que elas empolgam, mas na verdade elas se contagiam mesmo, elas se sentem... elas entram no clima da comemoração, da manifestação. (entrevista de pesquisa)

Maria Heloísa: Então essa oportunidade [através do desfile] dela [pessoa com sofrimento mental] passear, dela se mostrar, se fantasiar (...) de se travestir de outra coisa: “eu tô sadia, eu to dançando, eu to participando de uma coisa muito maior que eu...” (entrevista de pesquisa)

A outra forma de comunicação é através de sua mobilidade. Considerando as características da Praça Sete e seu entorno, somadas à constatação de que alguns espectadores acabaram assistindo ao desfile por estarem parados em pontos do trajeto, pode-se concluir que por ser móvel, e percorrer as ruas centrais da capital, este aspecto do desfile influencia e amplia seu impacto na população. A partir desta análise, a hipótese inicial, de que os espectadores não reconhecem a finalidade do desfile, foi refutada.

Porém, mesmo constatando-se a eloquência do evento, essas formas de comunicação não são suficientes, o que pôde ser confirmado a partir do cruzamento de dados: os maiores percentuais⁴⁸ indicaram que, mesmo sendo frequentadores da região, muitos espectadores afirmaram desconhecimento em relação ao propósito do desfile, reforçando a necessidade de potencialização de seus recursos comunicativos. A análise evidenciou, também, que o conhecimento dos espectadores quanto às propostas assistenciais que funcionam em substituição ao manicômio é significativamente escasso, dado de grande relevância, visto que “o objetivo do desfile é conscientizar a população sobre os objetivos da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial”

⁴⁸ Na questão de nº 1, 62% dos espectadores declararam não saber do que se tratava o evento; na questão de nº 3, 60% declararam ser frequentadores da região central e, na questão de nº 7, 64% revelaram desconhecer o MLA.

(SANTOS, 2008). Diante desta lacuna, retomo a afirmação de Marta Soares: “uma das tarefas do movimento, inclusive, é essa de dizer, de ganhar espaço na mídia, de ir pra uma entrevista” (entrevista de pesquisa).

A visibilidade, considerada elemento essencial aos movimentos sociais, remete às suas formas de inscrição no espaço público, efetivadas de modos diversos, quais sejam, por debates, encontros, comemoração de datas, entre outros — como tem feito o MLA, especialmente através do desfile. Este evento pode ser metaforicamente considerado como a vitrine do movimento, momento em que ele pode ser visto pela população, aumentando suas chances de alcançar a mídia e, conseqüentemente, comunicar sua causa à sociedade (FERNANDES, 2001). Mas a relação com a mídia é um dos principais entraves da militância, pois, segundo Vinadé e Guareschi (2007), esta relação é marcada pelo conflito visibilidade *versus* captura. Os autores comentam, que embora a televisão e o rádio sejam meios de comunicação de significativa difusão em todas as camadas sociais, seu controle fica a cargo de uma minoria — algumas famílias e políticos poderosos. Por este motivo:

Os movimentos temem o modo como a mídia possibilita a produção de realidades, pois acreditam que os interesses da grande mídia nem sempre estão em consonância aos dos movimentos sociais. É nessa relação paradoxal, entre a visibilidade e a captura, que os militantes cambaleiam, sem ainda saberem qual a estratégia mais interessante para conseguirem seus objetivos. (*Idem*, p. 72)

Este trecho corrobora o comentário da entrevistada Marta Soares. Ela afirmou que o movimento esteve na primeira página dos jornais no dia seguinte ao desfile, por vários anos consecutivos, mas devido às críticas que o movimento fez à mídia, nos últimos três anos não tem sido mais assim. Diante desta relação problemática, à qual os militantes não devem se furtar, outras formas alternativas de divulgação devem ser consideradas, como as mencionadas por dois dos espectadores entrevistados, que sugeriram a confecção de cartilha informativa sobre o MLA e divulgação do movimento e do desfile no jornal do ônibus,⁴⁹ registradas nos seguintes trechos:

⁴⁹ O jornal do ônibus é o veículo de comunicação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte com os usuários do transporte coletivo da cidade. Foi criado em 1994 com intuito de ser um dos meios mais importantes de interagir e estreitar o relacionamento com a sociedade. “Em cada edição do jornal são veiculadas notícias de trânsito e transporte, projetos executados pela Prefeitura, campanhas de saúde, a exemplo das relacionadas à vacinação, concursos públicos, eventos culturais, manifestações religiosas e diversos serviços prestados à população por instituições públicas, privadas e não-governamentais”

Ricardo: Uma coisa que pode ser feita (...) e que ela não tem que ser feita necessariamente no 18 de maio, talvez seria a feitura de uma cartilha bonitinha assim, bem pequenininha, com português o mais simples possível, com desenhos pra tentar mostrar e ilustrar esse tipo de coisa (...) Talvez uma cartilha falando sobre a luta antimanicomial: o que é, quando surgiu. Com um português bem simples, acessível a todas as classes (...). Começa a distribuir um mês antes, distribui nas faculdades: você pega um “bolinho” e vai dando pra quem você acha que quer receber (...), que aí acaba que você pode trazer mais pessoas, né?! Você pode entregar essas cartilhas pros próprios usuários da saúde mental, pra eles mesmos, de uma maneira ou de outra, fazer uma campanha pra quem está ao redor deles. (entrevista de pesquisa)

Márcia: (...) quantos anos eu moro em Belo Horizonte! Eu nunca ouvi falar que tinha isso, que dia 18 tem essa manifestação lá na Praça Sete (...). Nesse jornal do ônibus sempre tem alguma coisa da prefeitura, tudo que tem um evento. Por que não coloca? (entrevista de pesquisa)

Considerando que apenas 9 espectadores (4%) foram para assistir ao desfile, entende-se que agregar ao movimento estas formas diversas de divulgação, caracterizadas como um convite mais formalizado e antecipado à população, pode ter um impacto interessante para sua visibilidade.

O segundo aspecto relaciona-se às significações dadas pelos espectadores às pessoas com sofrimento mental. Percebeu-se que estes significados sociais apontaram para a continuidade e atualidade das significações instituídas pelo discurso médico, ao inscrever a loucura no domínio da doença, o que pôde ser observado não só pelo frequente uso do termo “doente” e suas variações, como também por sua oposição no par normal *versus* doente. No intuito de apontar uma das formas de compreensão deste fenômeno, retomei o conceito de estigmatização, elaborado por Goffman (1975), e recorri à noção de desvio social (BECKER, 2008; VELHO, 1985). Na análise dos significados dados pelos espectadores, observou-se que o atributo depreciativo “doença mental” se impôs, evidenciando o efeito da estigmatização. Quanto à oposição normal *versus* doente, Velho (1985, p. 30) acrescenta:

O conceito de desvio social, da mesma forma que o de estigma, implica necessariamente um quadro relacional, uma vez que qualquer daquelas categorias [desviantes e normais] não pode ser pensada isoladamente, mas apenas dentro de um sistema de oposições sociais: neste caso, “desviantes” e “normais” emergem como tipos que se afirmam contrastivamente, constituindo assim, essencialmente, uma manifestação de categorização social.

(BELO HORIZONTE, n.d.). Segundo dados da própria prefeitura, circulam por dia, em todo sistema de transporte coletivo, 1,5 milhão de usuários, o que pode transformar este jornal num meio efetivo de divulgação do desfile.

Mas, se por um lado detectou-se a predominância do discurso médico, por outro percebeu-se que o desfile tem impacto positivo, mesmo que quantitativamente ainda pouco expressivo, no processo de mudança dos significados sociais dados ao louco e à loucura, merecendo destaque o conteúdo de duas respostas de espectadores. Numa delas, já mencionada, o desfile foi identificado como encontro que objetiva mostrar à sociedade “as coisas bonitas” que as pessoas “deficientes” têm a oferecer, apontando para a visibilidade de seus outros atributos. Na outra, o espectador afirmou que o evento mostrou que estas pessoas não são perigosas, que podem ser livres e conviver na sociedade, apontando para outro dos objetivos do desfile, que é “mostrar de uma maneira festiva e alegre que os portadores de sofrimento mental, embora diferentes, podem conviver em sociedade” (SANTOS, 2008).

Fecho este capítulo com um emblemático trecho de entrevista:

Ricardo: Aquele desfile mostra inclusive que não é porque a pessoa é chamada de louca que ela necessariamente é perigosa e faz mal à sociedade. Lá no desfile a gente percebe que essas pessoas só são diferentes um pouco da gente, mas não deixam de ser igual a gente e têm total direito de exercer a sua cidadania e a sua liberdade.(...) [o desfile] Contribui no sentido de mostrar pra sociedade que aquelas pessoas estão ali, elas fazem parte da sociedade. (entrevista de pesquisa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “LUTA EM FORMA DE CARNAVAL”

Esse estudo teve por objetivo investigar o potencial de transformação dos significados da loucura através do desfile do 18 de maio. Para tanto, foram utilizados procedimentos qualitativos e quantitativos na coleta e análise dos dados, através da triangulação de métodos. A coleta foi realizada em três fases concatenadas aos objetivos específicos do estudo, sendo o processo de análise e interpretação operado através de análise de conteúdo de tipo temática e de estatística descritiva.

Na primeira fase, realizou-se a observação participante, através da imersão nas oito reuniões de organização do desfile, cujos sujeitos foram seus organizadores, tendo como objetivo conhecer detalhadamente o processo de construção. Para mapear os dados foram utilizadas categorias teórico-conceituais, a partir das quatro dimensões da Reforma Psiquiátrica propostas por Amarante (2003). Percebeu-se que os temas emergentes nessas reuniões apresentaram diferenças de forma e/ou conteúdo em relação ao segmento ao qual pertenciam os sujeitos. Na categoria teórico-conceitual destacaram-se, em todas as categorias de participantes, a polêmica discussão sobre o ato médico e a atualidade do impacto produzido pela vinculação entre loucura e desrazão, periculosidade e doença.

Na categoria técnico-assistencial os usuários ressaltaram a positividade dos impactos produzidos a partir da implantação dos serviços substitutivos, como trabalhadores e gestores eles alertaram, com veemência, sobre o papel do movimento no combate às formas diversas e ainda atuais de apresentação da cultura manicomial. Em todas as categorias de participantes observou-se a negação do manicômio como dispositivo assistencial.

Na categoria jurídico-política foram usadas subcategorias para mapear os temas emergentes e, neste processo, evidenciou-se a distinção de conteúdo e forma, mencionada anteriormente. Enquanto os usuários elencaram temas vinculados aos direitos civis e sociais, como o direito à liberdade e a pobreza, gerada pelas desigualdades sociais, trabalhadores e gestores também elencaram temas no mesmo rol de direitos, porém trazendo à discussão críticas à organização social capitalista, o papel da militância e a importância da resistência frente aos ataques sofridos pelo movimento. Neste debate, foram mencionados personagens, obras literárias e eventos político-

sociais, evidenciando a riqueza de informações e argumentos destas duas últimas categorias de participantes, em detrimento do discurso menos eloquente dos usuários. Uma das explicações para o fato seria a adesão do movimento por uma concepção de cidadania pautada pela igualdade universal dos indivíduos, em vez de uma cidadania especial.

A categoria sociocultural, última delas, destacou-se pelo fato de as temáticas a ela relacionadas terem sido discutidas em todas as reuniões. Outro destaque foi o protagonismo dos usuários com suas inúmeras e criativas contribuições, uma delas bastante explorada: o uso da arte vinculada à possibilidade de construção de novos significados sociais para a loucura, propósito coerente com os princípios da luta.

Quanto às peculiaridades do movimento, apontou-se que a pluralidade de sua constituição identitária pode ser um elemento potencializador, apesar da polarização que vem dividindo o movimento na atualidade. Outro ponto peculiar constatado foi o aparelhamento do movimento através do Estado, caracterizado pelo trânsito entre a gestão e a militância, fato recorrente que já ocorrera em formas e momentos diversos do movimento. Notou-se que, se por um lado o aparelhamento pode garantir o entrelace entre as políticas públicas e os princípios antimanicomiais, por outro exige perspicácia e atenção na distinção entre as funções de cada uma das posições. Por último, observaram-se alguns recursos usados pelo movimento que buscam dar visibilidade às suas ações, tais como, o concurso de samba enredo e a criação de um *blog* para divulgar informações sobre o desfile.

Por fim, percebeu-se que a construção artesanal do desfile traz contribuições em todas as dimensões da reforma psiquiátrica — conceitual, técnico-assistencial, político-jurídica e sociocultural, caracterizando-se como processo social complexo, visto a articulação e simultaneidade das dimensões e pela existência de “atores sociais envolvidos e, enquanto tal, que existem interesses e formulações em conflitos, em negociações” (AMARANTE, 2003, p. 49). Por este motivo, o desfile pode ser considerado um desdobramento fundamental do Movimento da Luta Antimanicomial em Minas Gerais, devendo os militantes, diante desta conclusão, se atentarem para a potencialização da capacidade de capilarização deste movimento na sociedade.

Na segunda fase da pesquisa procedeu-se à aplicação de questionário, durante o desfile, ocasião em que os sujeitos passaram a ser espectadores, cujo objetivo foi investigar a identificação e os significados dados ao desfile. Estreitamente articulada

a esta, a terceira e última fase foi operada através da realização de entrevistas com uma militante do movimento e com cinco espectadores que identificaram a finalidade do desfile. Os objetivos foram, respectivamente, conhecer o processo histórico que deu origem ao desfile e aprofundar na compreensão acerca dos significados dados a este. Do histórico do desfile notou-se que sua transformação em desfile carnavalesco aconteceu a partir da inserção do samba como parte da manifestação. Considerada no primeiro momento não intencional, a continuidade do seu formato evidencia um uso estratégico do carnaval para a luta, e sua ocorrência fora do carnaval oficial da cidade é uma forma de dar maior visibilidade ao propósito do movimento — o que não subtrai a possibilidade dos impactos positivos ao desfilar na data oficial.

Percebeu-se que o fato de a maioria dos espectadores serem frequentadores da região central de Belo Horizonte não colaborou para que estes identificassem o evento que acontece, há treze anos, no mesmo trajeto, pois a maioria dos espectadores declarou não saber de, antemão, do que se tratava. Mesmo assim, um número expressivo identificou, de alguma forma, a finalidade do evento, mostrando sua eloquência, capacidade comunicativa expressa, basicamente, pelo uso de recursos áudio-visuais, em sua maioria ligados ao carnaval, e devido à sua mobilidade, chamando a atenção dos espectadores durante seu trajeto. Esta forma de comunicação é eficiente, mas não suficiente, pois apesar de identificarem a finalidade, os espectadores mostraram desconhecer as nuances do processo da Reforma Psiquiátrica e da Luta, o que foi constatado pelos seguintes dados: a maioria dos espectadores declarou não conhecer o MLA e muitos pronunciaram a palavra manicômio e suas variações em detrimento das ações e serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, mostrando escasso conhecimento destes. Detectou-se, ainda, que os poucos espectadores que foram para assistir, e os dados coletados no intuito de averiguar os espectadores que conheciam o MLA podem ser um indicador de insuficiência na divulgação do movimento, tendo como hipótese para o fato a conflituosa relação entre a militância e a mídia — sem subtrair a importância desta para a visibilidade do movimento, este deve considerar formas alternativas, como as mencionadas por espectadores, para publicizar sua causa e envolver a sociedade.

O último aspecto, mas não menos importante, foram as significações dadas, ao dito louco, pelos espectadores. O que se observou foi a redução da loucura ao estatuto de doença, uma atualização da interpretação médica que tem como efeito a

estigmatização — contaminação da identidade da pessoa em relação ao seu atributo considerado depreciativo. Apesar desta constatação, algumas respostas, qualitativamente interessantes ao propósito desse trabalho, evidenciaram o impacto positivo do desfile, ao apontarem que através deste evento outros atributos dos considerados loucos se impuseram. O desejo dos usuários por serem reconhecidos pela beleza, e não pelo horror, encontrou abrigo nas palavras de espectadores que comentaram sobre a beleza das produções artísticas/artesanais dos usuários. Na busca incessante por um novo lugar social para o louco, o desfile, com todas as nuances que o inserem entre a luta e o carnaval, conseguiu comunicar a alguns espectadores que a loucura não se associa ao temor e ao perigo, devendo os ditos loucos viverem em liberdade e conviverem na sociedade. Ancorada nesta afirmação, e sem o objetivo de esgotar o assunto, proponho uma discussão mais teórica acerca da cultura e do carnaval e suas articulações possíveis, na busca pela transformação dos significados sociais dados ao louco e à loucura.

Em revisão de literatura sobre as relações entre loucura e cultura, percebeu-se que esta tem sido concebida, de forma privilegiada e estratégica, como objetivo e efeito na construção de novos sentidos para a loucura. Sabendo que o termo cultura adquire significações as mais diversas, conforme o referencial teórico em que se insere, opto pela abordagem de Geertz (1989, p. 4), que defende um conceito de cultura “essencialmente semiótico”. O autor assume cultura enquanto teias de significação tecidas pelo próprio homem e a sua análise na perspectiva de uma ciência interpretativa que busca o significado.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível (...) (GEERTZ, 1989, p. 10)

Geertz (1989) esclarece que símbolo é tudo aquilo que pode ser usado para vincular-se a uma concepção, seja objeto, acontecimento ou relação, e que o significado é a concepção que se vincula ao símbolo. De maneira sucinta, esclarece que os elementos simbólicos são “formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças (*idem*, 1989, p. 68) que encontram articulação através do comportamento humano, que também é caracterizado como ação simbólica.

Concatenada a esta interpretação, DaMatta (1986, p. 123) afirma que a cultura é “um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas”.

É ancorada nesta concepção que introduzo em minhas considerações finais o papel estratégico que o carnaval, como elemento da cultura, pode ter no sentido de viabilizar novas formulações e abstrações acerca da experiência da loucura. Dentre as múltiplas festividades existentes na cultura popular, o carnaval é a festividade mais peculiar, posto que sua origem se deu a partir da reunião de inúmeras festas de origens e datas diferentes, mas com características comuns. O desaparecimento de muitas dessas festas, como fenômenos isolados, emprestou ao carnaval um caráter de “reservatório onde se guardavam as formas que não tinham mais existência própria” (Bakhtin, 1987, p. 190).

Segundo Bakhtin (1987), o carnaval é considerado como elemento fortemente enraizado nas diversas culturas, visto que ocupa um lugar de destaque na vida do homem desde a época medieval. Para o autor, a carnavalização está ligada mais ao mundo das festas do povo que a uma data comemorativa específica, ao que Felipe Ferreira (2004) alerta quanto às imbricações entre os conceitos de carnavalização e carnaval, apontando Martine Grimberg, o qual afirmou que, antes de ser uma festa, o carnaval é uma data. O autor menciona, ainda, que a invenção do carnaval foi um desdobramento desprezioso a partir do advento da Quaresma pela igreja, e que a palavra era uma alusão ao “adeus à carne”.

De importância singular para esta pesquisa, cabe registrar um fato histórico: a festa dos loucos na Idade Média. Ao retomar a identificação feita por Foucault dos sistemas de exclusão negativos a que foram submetidos os loucos, Passos (2009) menciona que uma das formas de excluir estes sujeitos era impedindo sua interação lúdica e ritualística, sendo a festa dos loucos uma exceção. Foucault (1994, p. 62) comenta que nesta ocasião os pacientes dos hospitais psiquiátricos saíam fantasiados pela cidade.

(...) eles faziam um carnaval ao qual a população assistia por vezes com distância e medo, e era, finalmente, bastante cruel que o único dia onde se permitia aos loucos saírem em massa, era o dia onde eles deviam se fantasiar e literalmente se fazerem de loucos, como os não-loucos se fazem de loucos (...)

Este uso do carnaval como forma de exposição da loucura e violência contra os sujeitos operava em sentido oposto ao que é desvelado por DaMatta (1973) como sentido fundamental do carnaval, que é o de inversão do comportamento cotidiano, visto que opera temporariamente a partir da mudança de posições e da suspensão das regras sociais em vigor. Segundo (DaMatta 1973, p. 130), “no Carnaval todas as oposições podem ser, de um lado, dissolvidas ou neutralizadas; de outro, acentuadas porque são invertidas”.

O caráter estratégico do carnaval reside tanto no fato de pertencer ao domínio do ritual quanto em suas características festivas peculiares. Como ritual, ele é imbuído de uma atmosfera privilegiada que permite sua penetração no “coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores” (DaMatta, 1997, p. 29), mas não só — a um só tempo o ritual coloca em foco algum aspecto da realidade, viabilizando a reconstrução e lapidação dos significados em torno deste e do sistema de valores da sociedade, como tem operado o MLA através do desfile.

Enquanto peculiaridade festiva, outro aspecto lhe empresta um valor estratégico, historicamente o carnaval é uma forma de expressão do povo em oposição aos aspectos sérios, sagrados ou “oficiais” socialmente estabelecidos (BAKHTIN, 1987).

DaMatta (1997) sustenta, também, que uma das características mais importantes da resposta social e coletiva é a que permite congregar o ritual com os atos, manifestações populares e movimentos de mudança social que objetivam libertar o homem, rompendo com determinadas formas de funcionamento social. Congregação perfeitamente visualizada no desfile do 18 de Maio em sua combinação de rito carnavalesco com movimento social.

Um último aspecto fundamental é a característica espacial do carnaval de rua,⁵⁰ que traz em si a possibilidade de um encontro aberto que escapa à hierarquização cotidiana. Neste sentido, DaMatta (1980, p. 43) aponta que “o universo espacial próprio do carnaval são as praças, as avenidas e, sobretudo, o “centro da cidade” que, no período ritual, deixa de ser o local desumano das decisões impessoais para se tornar o ponto de encontro da população”. Neste ponto, encontra articulação nas palavras de

⁵⁰ DaMatta (1980) faz uma diferenciação entre carnaval fechado ou “carnaval de clube” e carnaval aberto ou “carnaval de rua” utilizando os termos *casa* e *rua* como categorias sociológicas que estão numa relação de oposição.

Bakhtin (1987, p. 9) ao afirmar que a eliminação das barreiras e hierarquias, no desdobramento desse encontro, “criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais (...) abolia a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência”.

Uma luta política e uma festa carnavalesca, é assim que o Movimento da Luta Antimanicomial de Minas vem comemorando o 18 de maio. Ao desfilar pelas ruas de sua capital, numa forma parodiada da festa dos loucos, o movimento leva, para o coração da cidade, loucos e não loucos fantasiados e livres, que apesar de ainda serem identificados pelo atributo “doença” parecem não serem mais tão temidos ou perigosos na atmosfera criada pelo carnaval. Desta forma, o uso do elemento carnavalesco, tão enraizado na cultura brasileira, parece potencializar o processo de desconstrução/desmontagem dos antigos sentidos dados à loucura, mostrando que sua inscrição na cultura é a direção certa.

A cultura também se movimenta como um polvo — não ao mesmo tempo, como uma sinergia de partes perfeitamente coordenadas, como uma compulsão maciça de todo, mas através de movimentos desarticulados desta parte, depois daquela, e depois ainda da outra, que de alguma forma se acumulam para uma mudança direcional. (GEERTZ, 1989, p. 181)

O desfile do 18 de maio em Belo Horizonte é apenas uma de tantas outras iniciativas culturais fomentadas no campo da saúde mental, como aponta o relatório da “Oficina Nacional de indicação de políticas públicas culturais para pessoas em sofrimento mental e em situações de risco social” (AMARANTE e LIMA, 2008). Esta oficina é um marco na interlocução entre Ministério da Saúde e Ministério da Cultura, reafirmando a relevância do elemento cultural como forma de inscrição social da loucura. Considerando que o ciclo de pesquisa não se fecha, a partir do estudo do desfile surgem novas indagações acerca do impacto que têm gerado as diversas ações culturais da saúde mental no território brasileiro. Nesta direção, um aprofundamento desta temática, através de estudo comparativo das iniciativas existentes, poderia trazer novas contribuições para o processo de transformação da relação entre loucura e sociedade.

REFERÊNCIAS

- Abou-Yd, M. & Silva, R. (2003). A lógica dos mapas: marcando diferenças. In: Conselho Federal de Psicologia (CFP) (Org.), *Loucura, ética e política: escritos militantes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Amarante (2000). *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz. (Obra original publicada em 1996)
- Amarante, P. & Lima, R. (Coords.). (2008). *Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura*. Oficina nacional de indicação de políticas públicas culturais para pessoas em sofrimento mental e em situações de risco social (Relatório final/2007). Rio de Janeiro, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental/Fiocruz: [s.n.]
- Amarante, P. (1997). Loucura, cultura e subjetividade: conceitos e estratégias, percursos e atores da Reforma Psiquiátrica Brasileira. In: Fleury, S. (Org.), *Saúde e Democracia: a luta do CEBES*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.
- Amarante, P. (2003). A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. In: Scliar, M... [et al.], Amarante (Coord.), *Archivos de Saúde Mental*. RJ: NAU Editora.
- Amarante, P. (Coord.). (1995). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil* (2a ed.). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Bakhtin, M. M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. (Y. F. Vieira, trad.). São Paulo: HUCITEC; Universidade de Brasília. (Obra original publicada em 1970)
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, trads.). (3ª ed.). Lisboa, Portugal: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- Barreto, F. P.(1999). *Reforma Psiquiátrica & Movimento Lacaniano*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Becker, H. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Belo Horizonte (janeiro/maio 2008). Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte/Coordenação de Saúde Mental. *Sirimim*, 7(1), pp. 1-4.
- Belo Horizonte (n.d). *Jornal do Ônibus*. Acesso em 18 de abril de 2011.
<http://bhtrans.pbh.gov.br/portal/page/portal/portalpublico/Imprensa/Jornal%20do%20%C3%94nibus>

- Botti, N. C. L. & Sangiovanni, A. G. (2008 janeiro/março). Significados dos desfiles do dia nacional da Luta Antimanicomial em Belo Horizonte, 1998-2007. *Cogitare Enfermagem*, 13(1), pp. 25-32.
- Brasil (2005). *Saúde mental e economia solidária: inclusão social pelo trabalho*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Brasil (2005a). *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas, Brasília.
- Brasil (2005b) PORTARIA 396, de 07 de julho de 2005. Diretrizes gerais para o Programa de Centros de Convivência e Cultura na rede de atenção em saúde mental do SUS.
- Brasil (2007). *Relatório de gestão 2003-2006: saúde mental no SUS: acesso ao tratamento e mudança do modelo de atenção*. Brasília: Ed. do Ministério da Saúde.
- Cadernos da Rede Nacional Internúcleos da Luta Antimanicomial-RENILA. Relatórios e outros documentos. 2007.
- Campici, C. P. F., Fonseca, C. G., Peixoto, D. A. & Gonzaga, M. M. (2006). Interações cotidianas e produção de sentidos no hipercentro de Belo Horizonte. Trabalho apresentado no II ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/ UFBA, Salvador, Bahia, Brasil.
- Campos, C. J. G. (2004, setembro/outubro). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), pp. 611-614.
- Castro, A. M. (2008). Fórum Mineiro de Saúde Mental: a alegria e a coragem de se fazer política. In: Nilo, K., Moraes, M. A. B., Guimarães, M. B. L., Vasconcelos, M. E., Nogueira, M. T. G. & Abou-Yd, M. (Orgs.), *Política de Saúde Mental de Belo Horizonte: o cotidiano de uma utopia*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte.
- Costa, M. N. (2003). Por uma sociedade sem manicômios: buscando a direção. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Loucura, ética e política: escritos militantes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa-Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (L. O. Rocha trad.) (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.
- DaMatta, R. (1973). *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- DaMatta, R. (1980). *Carnavais, malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1978)
- DaMatta, R. (1986). *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro* (6a ed.). Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1978)
- Delgado, P. (1989). *Projeto de Lei nº 3.657/89*. Brasília: Câmara dos Deputados.
- Fernandes, A. B. (2001). Jornalismo e cidadania: configurações da luta por direitos legais dos doentes mentais nos espaços públicos. Palestra apresentada no Núcleo de Pesquisa 2 - Jornalismo, evento componente do XXIV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Campo Grande, MS, 07.setembro.2001.
- Ferreira, F. (2004). *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Ferreira, S. M. S.; Lopes, M. R.; Sena, R. S.; Magalhães, A. M.; Carvalho, V. R. & Braga, P. R. (2008). Loucura e cidadania. In: Nilo, K. et al. *Política de Saúde Mental de Belo Horizonte: o cotidiano de uma utopia*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 2008.
- Foucault, Michel (1994). Sur "Histoire de Paul". Entretien avec R. Féret, *Cahiers du cinéma*, n.262-263, janvier 1976, pp.63-65. In: *Dits et écrits* (Vol III) (1976-1979). Paris: Gallimard, 1994, p.58-62.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. (Obra original publicada em 1973).
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (5a ed.). São Paulo: Atlas, 1999.
- Goffman, E. (1975). *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. RJ/SP: Editora Record.
- Goulart, M. S. B. (jun. 2006). A Construção da Mudança nas Instituições Sociais: A Reforma Psiquiátrica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 1(1) São João Del Rei.
- Kazi, G., Passos, I. F., Silva, J., AMARANTE, P. (2008). Lucha antimanicomial: práxis insurgentes, lãs multiplicidades libertarias. In: Kazi, G. & Ajerez, M. (Orgs.). *Salud Mental: experiencias y practicas*. Buenos Aires: Espacio Editorial-Ediciones Madres de Plaza de Mayo.

- Koda, M. Y. (2002). *Da negação do manicômio à construção de um modelo substitutivo em saúde mental: discurso de usuários e trabalhadores de um núcleo de atenção psicossocial*. Dissertação de Mestrado USP, São Paulo.
- Lobosque, A. M. & Abou-Yd, M. (1998). A cidade e a loucura: entrelaces. In C. R. Campos, D. C. Malta, A. T. Reis, A. F. Santos & E. E. Merhy (Orgs.), *Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte: reescrevendo o público* (pp. 243-264). São Paulo: Xamã.
- Lobosque, A. M. (2001). *Experiências da loucura*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Lobosque, A. M. (2003). Loucura, ética e política: algumas questões de ordem da luta antimanicomial. In: Loucura, ética e política: escritos militantes. Conselho Federal de Psicologia (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- Lobosque, A. M. (2007). A reforma psiquiátrica que queremos: por uma clínica antimanicomial. *Caderno Saúde Mental, 1*. Caderno Saúde Mental. (A. M. Lobosque Org.). Encontro Nacional de Saúde Mental, Belo Horizonte, 2006. Belo Horizonte: ESP-MG. 2007.v. 1.
- Lüchmann, L., Rodrigues, J. (março/abril 2007). O movimento antimanicomial no Brasil. *Ciênc. Saúde Coletiva, 12(2)* Rio de Janeiro, 2007.
- Maia, R. C. M. & Fernandes, A. B. (fevereiro, 2002). O movimento antimanicomial como agente discursivo na esfera pública política. *Revista Brasileira De Ciências Sociais* (pp.157-171) 17(48). Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
- Minas Gerais (2006). *Atenção em Saúde Mental*. Marta Elizabeth de Souza. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Saúde.
- Minas Gerais (2010). Atas das reuniões de organização 18 de maio 2010. Coordenação Estadual de Saúde Mental.
- Minas Gerais (n.d.). FHEMIG. Retirado do site em 09 de abril de 2011. <http://www.fhemig.mg.gov.br/pt/institucional/missao-e-valores>
- Minas Gerais (n.d.). Fica Vivo. Retirado do site em 12 de abril de 2011. https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=283&Itemid=117
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (8a ed.). (269 p.). São Paulo: Hucitec.

- Minayo, M. C. S. (Org.). Deslandes, S. F. (2007). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). (25a ed. revista e atualizada). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nilo, K., Morais, M. A. B., Guimarães, M. B. L., Vasconcelos, M. E., Nogueira, M. T. G. & Abou-Yd, M. (Orgs.) (2008). *Política de Saúde Mental de Belo Horizonte: o cotidiano de uma utopia*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte.
- Passos, I. C. F. (2008). Lucha antimanicomial: práxis insurgentes, lãs multiplicidades libertarias. In: *Salud Mental: Experiencias y prácticas*. Kazi, G., Ajerez, M. (Orgs.). Buenos Aires (2008): Espacio Editorial.
- Passos, I. C. F. (2009). *Loucura e Sociedade: discursos, práticas e significações sociais*. (Maristela et al. Colabo.). Belo Horizonte: Argumentum.
- Passos, I. C. F. (2010). Violência e relações de poder. *Rev Med Minas Gerais* (pp. 234-241) 20(2)
- Passos, I. C. F. (setembro/dezembro 2003). Cartografia da publicação brasileira em saúde mental: 1980-1996. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3).
- Passos, I. C. F. & Beato, M. S. F. (julho/dezembro 2003). Concepções e práticas sociais em torno da loucura: alcance e atualidade da História da Loucura de Foucault para investigações etnográficas. *Psyquê* [versão eletrônica], (pp. 137-15) 87(12).
- Ramos (2004). O papel das ONGs na construção de políticas de saúde: a AIDS, a saúde da mulher e a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva* (1067-1078) 9(4).
- Rodrigues, J. & Cunha, G. (2007). Movimento Nacional da Luta Antimanicomial. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia- 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil. Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais.
- Rotelli, F., Amarante, P. (1992). Reformas psiquiátricas na Itália e no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. In: *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Bezerra Jr., Amarante, P. (Orgs.). Rio de Janeiro (1992): Relume Dumará.
- Rotelli, F., Leonadis, O., Mauri, D., Risio, C. (1990). *Desinstitucionalização*. São Paulo: HUCITEC.
- Santos (janeiro/maio 2008). 18 de maio: luta em forma de carnaval. In: Belo Horizonte (2008). Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, Coordenação de saúde mental/ Minas Gerais. *Sirimim*, 7(1).

- Saraceno, B. (1999). *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Te Corá/Instituto Franco Basaglia, BH/RJ.
- Serapioni, Mauro (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciênc. Saúde Coletiva* [online]. (pp. 187-192) (5)1. ISSN 1413-8123.
- Silva, M. V. O. (2003). O movimento da luta antimanicomial e o movimento dos usuários e familiares. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Loucura, ética e política: escritos militantes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- Silva, R. (janeiro/maio 2008). Mostra de Arte insensata: “a gente quer saída para qualquer parte”. In: Belo Horizonte (2008). Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte- Coordenação de saúde mental/Minas Gerais. Sirimim, v.7(01).
- Tenório, F. (janeiro/abril 2002). A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9(1) pp. 25-59.
- Vasconcelos, E. M. (2000). Reinvenção da cidadania, *empowerment* no campo da saúde mental e estratégia política no movimento de usuários. In: *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Amarante (Org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Vasconcelos, E. M. (Org.). (2008). *Abordagens psicossociais, volume II: reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares*. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- Velho, G. (Org.). (1985). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social* (5a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Vinadé, T. F.; Guareschi, P. A. (2007). Inventando a contra-mola que resiste: um estudo sobre a militância na contemporaneidade. *Revista Psicologia e Sociedade*, (pp. 68-75) 19(3).

ANEXO 1 – MODELO QUESTIONÁRIO



Universidade Federal de Minas Gerais
FAFICH- Programa de Pós Graduação em Psicologia

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Aplicado por: _____

1) Você sabe o que está acontecendo?

() Sim. O que é? _____

() Não. O que lhe parece? _____

2) Já havia presenciado este mesmo evento outras vezes?

() Sim. Quantas? _____

() Não.

3) Você está nesta região por quê?

Trabalha/ estuda/ mora/ veio visitar alguém/ está de passagem/ outro:

4) O que o fez parar para assistir?

5) Que tipo de evento você acha que é este que está acontecendo?

6) Que tipo de pessoas são essas? Que grupo de pessoas está participando?

7) Você já ouviu falar no Movimento da Luta Antimanicomial?

() Não.

() Sim. Como? _____

CONTATO PARA ENTREVISTA

NOME COMPLETO:

CONTATO: tel fixo _____ celular _____

Orientações básicas

- 1- OBJETIVO: Saber se relacionam o desfile com a questão da loucura, da saúde mental, da reforma psiquiátrica, luta antimanicomial, doença mental ou questões correlatas.
- 2- Se apresentar como estudante da UFMG (levar identificação como carteira da biblioteca) e dizer que gostaria de fazer algumas perguntas rápidas sobre o evento.
- 3- Caso a pessoa identifique o desfile **LEMBRAR DE CONVIDÁ-LA PARA ENTREVISTA E ANOTAR DADOS COMO NOME E CONTATO** (telefone fixo e/ou celular), esclarecendo que sua participação é voluntária e que será muito importante conhecermos melhor sua impressão a respeito deste evento.


ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO FMSM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na reunião do dia 05 de dezembro de 2009 do Fórum Mineiro de Saúde Mental, eu, **Rúbia Mara Barbosa Moura**, solicitei **AUTORIZAÇÃO** para realização da pesquisa de mestrado intitulada “DESFILÉ DO 18 DE MAIO- DIA NACIONAL DA LUTA ANTIMANICOMIAL. A BUSCA DO ELEMENTO CULTURAL COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E LOUCURA”, sob a orientação da Profª Drª Izabel Christina Friche Passos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG.

A proposta de participação nas reuniões de organização do desfile do 18 de Maio foi votada e aprovada por unanimidade.

Autorização com nome legível e assinatura do(a) coordenador(a) do Fórum Mineiro de Saúde Mental



Belo Horizonte, 18 de Dezembro de 2009.

Belo Horizonte, 15 de maio de 2010

ANEXO 3 – MANIFESTO DE BAURU

Um desafio radicalmente novo se coloca agora para o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental. Ao ocuparmos as ruas de Bauru, na primeira manifestação pública organizada no Brasil pela extinção dos manicômios, os 350 trabalhadores de saúde mental presentes ao II Congresso Nacional dão um passo adiante na história do Movimento, marcando um novo momento na luta contra a exclusão e a discriminação.

Nossa atitude marca uma ruptura. Ao recusarmos o papel de agente da exclusão e da violência institucionalizadas, que desrespeitam os mínimos direitos da pessoa humana, inauguramos um novo compromisso. Temos claro que não basta racionalizar e modernizar os serviços nos quais trabalhamos.

O Estado que gerencia tais serviços é o mesmo que impõe e sustenta os mecanismos de exploração e de produção social da loucura e da violência. O compromisso estabelecido pela luta antimanicomial impõe uma aliança com o movimento popular e a classe trabalhadora organizada.

O manicômio é expressão de uma estrutura, presente nos diversos mecanismos de opressão desse tipo de sociedade. A opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres. Lutar pelos direitos de cidadania dos doentes mentais significa incorporar-se à luta de todos os trabalhadores por seus direitos mínimos à saúde, justiça e melhores condições de vida.

Organizado em vários estados, o Movimento caminha agora para uma articulação nacional. Tal articulação buscará dar conta da Organização dos Trabalhadores em Saúde Mental, aliados efetiva e sistematicamente ao movimento popular e sindical.

Contra a mercantilização da doença!

Contra a mercantilização da doença; contra uma reforma sanitária privatizante e autoritária; por uma reforma sanitária democrática e popular; pela reforma agrária e urbana; pela organização livre e independente dos trabalhadores; pelo direito à sindicalização dos serviços públicos; pelo Dia Nacional de Luta Antimanicomial em 1988!

Por uma sociedade sem manicômios!

Bauru, dezembro de 1987 - II Congresso Nacional de Trabalhadores em Saúde
Mental

ANEXO 4 – ATA DE REUNIÃO DO FMSM

Iniciou-se às Dez Horas do dia Cinco de Dezembro de Dois Mil e Nove, no Décimo Oitavo andar do prédio ???? a reunião do Fórum Mineiro de Saúde Mental. Iniciou-se com as apresentações dos membros presentes. Logo após passou-se para os informes. Maria do Rosário (ASUSSAM – MG/ Fórum Mineiro) informou sobre a Associação de usuários de Ouro Preto e a defasagem de serviços. Colocou que gostou do Italiano que veio de Trieste – Giancarlo Carena (Trieste/Itália) para o evento promovido pelo Município de Belo Horizonte intitulado “Direito ao trabalho e Política de Saúde Mental: diálogo de BH com Trieste” ocorrido em 4 de dezembro , às 9 horas no Auditório da Secretaria Municipal de Saúde. Clarismundo (Suricato/Fórum Mineiro) informou que fez uma apresentação em Ribeirão das Neves sobre a Suricato. Também deu uma palestra para alunos de Ciências Econômicas da Faculdade ????. Após seus informes prestou uma homenagem a Marta Soares (Gerente do Centro de Convivência São Paulo/Referência da Incubadora Empreendimentos Econômicos Solidários da Saúde Mental/ Fórum Mineiro). Marta agradeceu e colocou que a festa era ver aquele coletivo organizado apesar da chuva. Rogério Carvalho (Fórum Mineiro) ressaltou o final de ano e lembrou dos eventos que ocorrerão. Rosário(Fórum Mineiro) informou sobre um artigo do dia Dois de Dezembro de Dois Mil e Nove do Jornal “O Tempo” onde relatava a morte de um usuário de drogas e as declarações da família dizendo que o problema era a droga e não o transtorno mental. Ressaltou a importância de ajudar a todos os independente do diagnóstico. Ressaltou também a importância de entender a pessoa. Sílvia (ASUSSAM/Fórum Mineiro) informou sobre as reuniões no CRP(Conselho Regional de Psicologia) com representantes dos usuários, trabalhadores e todos os interessados para se posicionar contra o Ato Médico. Informou que Rogério Sena propôs que os usuários fizessem uma movimentação dos usuários e assim construíram uma carta. Sílvia leu a carta “ Considerando o substitutivo, em tramitação no Senado Federal, ao Projeto de Lei 7.703B, de 2006, conhecido como “ato médico”, que dispõe sobre o exercício da Medicina, vimos, como usuários dos serviços de saúde, apresentar veemente protesto devido à desconsideração, expressa nessa pretensa lei, de nossa liberdade de escolha no processo de reabilitação a que temos direito e necessidade

enquanto sujeitos deste mesmo processo e não objetos da medicina. Uma grande preocupação nossa quanto aos cursos de medicina é a sua super especialização voltada para um modelo, cada vez mais, biológico e cientificista. Reprovamos esse olhar reducionista e vimos reafirmar a necessidade de uma equipe multi ou transdisciplinar que tenha o sujeito como centro dos cuidados, sendo abordado em suas diversas dimensões: psicológica, existencial, social e política. Tendo a certeza de uma solução rápida, eficaz e eficiente para todos, subscrevemo-nos: Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Minas Gerais – ASUSSAM-MG; Associação dos Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental do IPSEMG – Associação Verdesperança; Associação dos Diabéticos de Belo Horizonte Federação das Associações de Diabéticos do Estado de Minas Gerais; Associação dos Transplantados de Minas Gerais; Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Betim-MG - Associação Vida que te quero Vida; Associação dos Usuários da Saúde Mental de João Monlevade – ASSUME; Associação de apoio aos portadores de sofrimento e seus familiares de Ipatinga - Associação Loucos por Você; Fórum Mineiro de Saúde Mental; SURICATO; Associação Mente Especial/Ribeirão das Neves-MG. Rogério Sena (Fórum Mineiro) falou sobre o evento “ Loucos pela Diversidade” que não foi inscrito devido a falhas na comunicação do local de onde iria se inscrever. Paulo Reis (SURICATO) convidou para um evento que iria ocorrer “ Roda de Conversa” e a teria a ASUSSAM como convidada, no dia Quatorze de Dezembro de Dois Mil e Nove na Escola Pública de Saúde. Informou que foi palestrante no dia Dois de Dezembro no Seminário Internacional Cooperativas Solidárias e que apresentarão a Rede de Saúde Mental de Belo Horizonte a Giancarlo Carena (Trieste/Itália). Marta Soares (Gerente do Centro de Convivência São Paulo/Referência da Incubadora Empreendimentos Econômicos Solidários da Saúde Mental/ Fórum Mineiro) convidou também para o evento “ Roda de Conversa” colocando a importância desta iniciativa para politizar o movimento. Manoel (Betim/Fórum Mineiro) agradeceu ao Fórum por esta vivo e informou sobre uma possível verba que foi liberada para Saúde Mental, mas não sabia de detalhes. Mércia (Brumadinho) informou a movimentação para a associação de Brumadinho se registrar e o diálogo com a gestão para fazerem a IV Conferência de Saúde Mental. Valmir falou sobre sua participação em um movimento que estuda a experiências com extra-terrestre e ressaltou como é importante a aproximação com o movimento da Saúde Mental. Sócrates (Fórum Mineiro) ressaltou que para tratar dos

portadores de sofrimento mental, além de amor precisa “ escutar também”. Davi (Centro de Convivência Venda Nova) convidou para a formatura dos alunos do EJA (Educação para Jovens Adultos) que ocorrerá dia Dezoito de Dezembro de Dois Mil e Nove às Nove Horas no Centro de Convivência Venda Nova e ele é um dos alunos que receberão o diploma. Rose (João Monlevade) convidou para a confraternização de Natal que ocorrerá Dezoito de Dezembro de Dois Mil e Nove e informou do aniversário de Joselito dia Seis de Dezembro de Dois Mil e Nove. Celina informou que Adriana (Fórum Mineiro/ Rede de Saúde Mental de Brumadinho e Belo Horizonte) está com labirintite e Miriam Aboy-Yd está viajando. Agda (Associação Verdesperança/Fórum Mineiro)) queixou-se do IPSEMG e as negligências desta instituição. Ana Maria(Associação Verdesperança/Fórum Mineiro) informou sobre a ida dela e Agda até à promotoria de Saúde e lá foram informadas de uma audiência pública sobre a Saúde Mental. Ana Maria participou e informou sobre as falas. Justificou que não foi possível incluir a questão do IPSEMG devido ao fato de não haver tempo hábil para inscrição. Relatou sua caminhada na Saúde Mental sem sair das “...redes sociais...”. Ailton (Sabará/Fórum Mineiro) informou que foi ao Rio de Janeiro com os outros ganhadores do Prêmio “ Loucos pela Diversidade”. Sócrates (Fórum Mineiro) colocou que tentará agendar com Durval Angelo para um diálogo. Eliene (São Joaquim de Bicas) convidou para a festa de Natal que ocorrerá dia Quinze de Dezembro de Dois Mil e Nove às Quatorze Horas em São Joaquim de Bicas. Deu início à pauta do dia: 1) Conferência Estadual de Saúde Mental; 2) Conferência Nacional de Saúde Mental; 3) ASUSSAM; 4) Formação da comissão para organização do 18 de Maio de 2010. 5) Outros. Sobre o primeiro ponto de pauta, Paulo Reis (Comissão Municipal de Reforma Psiquiátrica/SURICATO/Fórum Mineiro) informou que formaram uma comissão e fizeram reuniões preparatórias. Estão esperando deliberações de Brasília para darem continuidade às discussões. Repassou o calendário das conferências: Municipais devem ocorrer até Abril, as Estaduais devem ocorrer até Maio e a Nacional até Junho de Dois Mil e Dez. Marta Soares (Gerente do Centro de Convivência São Paulo/Referência da Incubadora Empreendimentos Econômicos Solidários da Saúde Mental/ Fórum Mineiro) lembrou que a IV Conferência de Saúde Mental foi uma conquista da Iª Marcha dos Usuários à Brasília e propôs dos municípios já iniciarem as discussões, considerando que Ana Maria (Associação Verdesperança/Fórum Mineiro) ressaltou que o presidente necessita convocar as Conferências Estaduais e Ana Maria sugeriu mandar

um e-mail para o presidente para que ele convoque as conferências estaduais. Paulo Reis (Comissão Municipal de Reforma Psiquiátrica/SURICATO/Fórum Mineiro) informou que a proposta é de que as conferências sejam intersetoriais e novamente informou que a comissão está de pausa aguardando as deliberações do Conselho Nacional de Saúde. Como a ASUSSAM já havia dado seus informes através de seus representantes, não houve informes sobre atividades da mesma. Edson (Betim) informou sobre uma audiência que ocorreu relativo ao portador de Deficiência Física. **Rúbia (C.C. Estação dos Sonhos) informou que está fazendo uma pesquisa de mestrado pela UFMG sobre as possibilidades de transformação da relação entre sociedade e loucura que o 18 de Maio, enquanto elemento cultural, pode ter. Pediu autorização do Fórum para participar das reuniões de organização também como pesquisadora (observação participante) e por unanimidade foi aprovada a proposta de Rúbia.** Neste momento montou a comissão para a comissão que irá iniciar as discussões sobre o 18 de Maio de 2010. A comissão formada foi: Rose (João Molevade; Rogério Sena/ Fórum Mineiro); Clarismundo (SURICATO/Fórum Mineiro); Rogério Carvalho (Fórum Mineiro); Emília (Fórum Mineiro); Mércia (Brumadinho/Fórum Mineiro); Agda (Associação Verdesperança/ Fórum Mineiro); Valmir (Fórum Mineiro); Bianca (Betim/ Fórum Mineiro); Leonardo (Fórum Mineiro); Fernanda (Fórum Mineiro); Isaías (Fórum Mineiro); Sílvia (ASUSSAM/ Fórum Mineiro); Eliana (Fórum Mineiro); Marta Soares (Fórum Mineiro); Adriana (Itaúna); Celina (Brumadinho/Fórum Mineiro); Marilza (Fórum Mineiro). A reunião já ficou agendada pela comissão para o dia (13/01/10) Treze de Janeiro de Dois Mil e Dez às Dezenove Horas e o local será definido pela coordenação do Fórum que avisará aos integrantes da comissão em tempo hábil. Sem mais a tratar encerramos a reunião e seguimos para a confraternização do Fórum Mineiro que ocorreria no Sexto andar do mesmo prédio onde estava ocorrendo a reunião.

ANEXO 5 – 18 DE MAIO: DIA NACIONAL DA LUTA ANTIMANICOMIAL - 2010

Muita história pra contar

E passaram voando os quase 365 dias depois do último Dezoito de Maio quando, mais uma vez, com graça e beleza, o movimento antimanicomial de Minas Gerais marcou o ápice da luta *Por uma Sociedade sem Manicômios*.

Em meio às manifestações do “dezoitão” de 2009, num evento no Senado, em Brasília, correntes conservadoras pediram e propuseram o retrocesso dos avanços da Reforma Psiquiátrica, considerando apenas as dificuldades, sem levar em conta as nossas conquistas e os avanços históricos da política pública de saúde mental no país.

E prá balançar as estruturas, textos do Ferreira Goulart, através de veículos de comunicação de circulação nacional, colocaram em xeque o que construímos e vivenciamos todos os dias nos serviços substitutivos. Críticas que destituíam de maneira leviana anos de conquistas de usuários, familiares, trabalhadores e militantes.

A nossa resposta veio à altura. Partimos em defesa do que acreditamos. O fizemos através dos blogs, e-mails e das cartas não publicadas pela mídia. E fomos mais longe. Minas levou a Brasília 23 ônibus para a “Marcha dos Usuários por uma Reforma Psiquiátrica Antimanicomial”. Retomamos os princípios da luta, a mobilização pelo país afora e o protagonismo dos usuários, herdeiros daquilo que começou com os especialistas, seus porta-vozes, até a construção da condição para que esses mesmos usuários-cidadãos pudessem falar de si e por si mesmos.

Essa é a luta por delicadeza que fazemos, uma luta que não é fácil, e muito menos simples. É vanguardeira e corajosa, porque desafia o conforto dos saberes, balança a acomodação dos conservadores e propõe uma outra sociedade, aquela onde não existam manicômios simbólicos, mentais, virtuais e tampouco os concretos, feitos de pedra e cimento.

E 2010 promete! A IV Conferência Nacional de Saúde Mental, uma das reivindicações da Marcha a Brasília, acontecerá, ainda no 1º semestre, em meio à construção e a realização do Dezoito de Maio. Por isso iniciamos mais cedo. E a manifestação pelo Dia Nacional da Luta Antimanicomial do ano de 2010 em Belo Horizonte já tem forma e conteúdo, construídos democrática e coletivamente pelos membros da comissão organizadora. Aqui o tom é a diversidade e as cores são as da liberdade de se expressar em cena, dizer o que se sente, desconsertando o previsível.

Esquentando os tamborins, vamos colocar nosso bloco na rua. Já temos a data para a realização dos **concursos de samba de enredo e escolha da rainha de bateria. Serão no dia 17 de abril.** Já está disparado o processo! Lembramos também que é chegada a hora de cada serviço, grupo de usuários, parceiros de militância, e todos que como nós animam este “18 de maio”, escolher em qual ala desejam ficar.

E pra iniciar o processo criativo, estimular as pesquisas, convidar os compositores e animar as alas, preparamos este breve texto que fala um pouquinho do processo de concepção do desfile deste ano. Boa leitura a todos(as)!

Há em ti, Há em mim

Milton Santos foi um brilhante geógrafo, intelectual e pensador das grandes questões da humanidade. Ele era baiano, de lá saiu e, contra todas as previsões da dura realidade de nosso país, dado ser ele negro e nordestino, desbravou o mundo, inovou o pensamento da geografia e das próprias ciências humanas, e, principalmente nos fez a todos um convite ao pensamento crítico sobre a nossa realidade. Em uma de suas últimas entrevistas diz que escolheu a geografia por sua opção pelo movimento e por sua paixão pela história e seus processos contraditórios. Milton Santos era um sujeito que sabia que nada se move por acaso e que não somos barco sem leme, soltos ao sabor do vento.

Das temáticas que tratou, uma que tomamos aqui emprestada é a idéia de território. Milton tratou os territórios como a matriz da vida social, econômica e política dos povos. Quanto olhava para um lugar não via apenas a geografia das formações geológicas e topográficas, das faunas e floras, do clima e dos fenômenos naturais. Via também sobre este lugar um povo e sua história, suas contradições, suas disputas, as relações de poder, via aqueles que oprimem e aqueles que lutam em sinal de resistência.

A construção do “18 de maio” começou neste ano de 2010 com uma bela reflexão sobre nossa realidade, uma análise de nossa conjuntura. Em nosso primeiro encontro, dia 20 de janeiro de 2010, estarecidos estávamos todos com uma tragédia em um país caribenho, latino-americano, o Haiti, em que mais de 300 mil pessoas morreram, além de toda a devastação ocorrida e o desespero dos sobreviventes. Falávamos acometidos por todo o horror deste terremoto noticiado 24 horas por todos os veículos de informação a que temos acesso habitualmente. Nas televisões, rádios, jornais, internet, cenas de desespero de um país em ruínas. E ficamos todos a nos sentir meio impotentes diante do movimento natural da terra, que não controlamos,

movimento de placas tectônicas que o tempo todo se esbarram, soltas que estão no imenso mar de lava das regiões mais centrais do planeta.

Mas como aprendemos geografia com Milton Santos, sabemos que o abalo sísmico atingiu um território, o Haitiano, seu povo, sua cultura, sua história. Mas que país é este e o que ele nos faz pensar? O que causa em nós, tão próximos e tão distantes deste território? E assim como Milton Santos, novamente, nos interessamos por tudo aquilo que é movimento. O movimentar das placas tectônicas não nos deixou boquiabertos diante do imponderável. Nos fez lembrar que tudo está em movimento e tais quais placas que se atacam e que causam terremotos é feito o curso da história. Muitas vezes algo tem que se chocar para que uma nova realidade se produza. Tomamos o movimento das placas tectônicas e os abalos que elas produzem como uma metáfora de toda contradição que se produz no encontro das diferentes formas de se entender a humanidade e a civilização. E que depende fundamentalmente de nós decidirmos o que faremos com os destroços que ficam destes terremotos.

Ficou exposta a insensibilidade dos governos no mundo globalizado. Um terremoto teve que acontecer no Haiti para “balançar” a sociedade mundial e que a mesma demonstrasse um pouco de solidariedade a um povo que já se encontrava de joelhos. Neste momento estão prostrados e ainda assim lutam pela vida. E o que neste momento se faz mais necessário é a solidariedade e o cuidado de um humano com o outro. As bases em que se organiza a sociedade humana têm aprofundado as desigualdades e apenas um chamado à união entre os homens poderá alterar esta realidade.

As diversas reações que esta tragédia provoca nos fazem pensar no sentido desta solidariedade. A dor do outro que também me dói, aquilo que existe em mim como gérmen de humanidade e de coletividade. Em meio às diversas manifestações de piedade e indulgências, aparece o imperativo da solidariedade. Ser solidário ao Haiti é tratá-lo não como um pedaço de coisa que desmoronou, mas como um país que tem história, que há anos é ocupado e expropriado, como tantos outros Haitis mundo afora.

Na luta por uma sociedade sem manicômios, muitos são os nossos terremotos, muitas são as nossas lutas de resistência. Somos um movimento solidário, buscamos o direito de existir em liberdade, ainda que tam tam! E neste ano de 2010 reafirmaremos a solidariedade como nossa bandeira. Só poderemos ter um mundo sem manicômios se

entendermos que esta é uma luta de todos e que também se articula com tantas outras lutas. Apoiamos-nos e nos reconhecemos uns nos outros.

Solidariedade, um imperativo humano. Não temos tempo a perder, sejamos solidários já! Resgatemos todas as lutas dos povos contra aquilo que os oprime. Sejamos solidários com um simples gesto, lutar ao lado de quem resiste. A solidariedade, enquanto uma novíssima forma de organizar as relações, os coletivos, a produção, a economia. Apostamos no ser humano. Lembramos a todos: **Solidariedade:Há em ti, há em mim.**

18 de maio – Dia Nacional da Luta Antimanicomial

Tema: Solidariedade: Há em ti, Há em mim

- **1ª ala (Comissão de Frente) – Ala da Solidariedade: “Me empresta tudo que resta que lhe devolvo sonhos de sobra”**

A solidariedade é o nosso eixo condutor para conceber o “18 de maio” - 2010. E abriremos o desfile falando justamente sobre esta idéia. A frase-tema surge ao resgatarmos um belo dizer que figurou em um cartaz de divulgação do “18 de maio” de anos anteriores. Ela é precisa ao definir, com delicada poesia, o que entendemos por solidariedade. Podemos imaginar a possibilidade de um encontro quando aquele que pode ajudar pede como empréstimo os fiapos de esperança, o pouco ou quase nada que o outro ainda tem, para devolver sonhos e perspectivas para seguirem em frente, ambos agora agigantados pelo que trocaram entre si.

Esta será uma ala que fará a todos o convite a isto que, não nos resta dúvida, é um imperativo humano. É o momento de convidar a cidade a participar deste nosso chamado à união e solidariedade para transformar este cenário de exclusão, que atinge a todos nós, loucos ou não. E dizer que só existe solidariedade em liberdade: *“a liberdade não pira, transpira, para assim podermos respirar os ares do respeito, da dignidade, do convívio com a diferença, da circulação e intervenção na cidade”*.

- **2ª ala – Ala da experiência da loucura: “Libertar-te da dor, encontrar-te com a cor”**

A ala da loucura já é tradição nos desfiles da escola de samba *Liberdade Ainda que Tam Tam*.

Este ano, além de explorar toda a experiência dos delírios e alucinações, seu lugar para os sujeitos e acolhimento necessário para as singularidades, queremos explorar as relações desta experiência da loucura nos encontros com a arte.

Longe de querermos cair nos clichês do "artista doidão" ou mesmo da "arte-passatempo", apontamos a arte como o encontro do ser humano com a possibilidade de expressão, de transformação de si e do mundo.

Pensamos aqui uma homenagem e uma interlocução entre a experiência da loucura, que é inerente à condição humana, e a Semana da Arte Moderna de 1922, quando através da liberdade, marcou-se o fim das regras em um novo conceito estético. Esse movimento possibilitou a criatividade não subordinada às regras; com ele foi possível dizer o que pensamos e pensar no que dizemos. A obra se manifesta pela singularidade e não pela semelhança a modelos prévios, permitindo assim o extravasamento da subjetividade.

Outro ponto importante na construção desta ala é o desejo deste coletivo há um bom tempo de levar de alguma maneira para o desfile, as obras dos usuários dos serviços de saúde mental. Valorizar o que se produz nos centros de convivência, grupos, oficinas, CERSAMs, CAPS, NAPS, associações de usuários, etc.

• **3ª ala – Ala das crianças e dos adolescentes: “Todas elas cabem no nosso balão”**

Falar de solidariedade para crianças e adolescentes nos trouxe a uma discussão sobre a própria condição em que eles se encontram em nossa sociedade. Vivemos um mundo em que a competição entre os seres humanos tornou-se regra, e este mantra é levado ao limite de introduzirem esta lógica para todos desde os primeiros anos de todos nós. Desde a cobrança por desempenho escolar, por habilidades esportivas extraordinárias, a preparação para o vestibular que já se inicia antes mesmo da alfabetização, as agendas de uma vida adulta, são todos exemplos de como se cobra que as crianças e adolescentes se adequem a um padrão burguês de estilo de vida. E junto disso, quem não cabe neste rol de exigências, seja por que enlouquecem, seja por que são pobres, ou negros, ou gordos, ou lentos, ou hiperativos, ou por possuírem qualquer outro rótulo, acabam excluídos do processo e condenados a periferia da sociedade.

São os que não deram certo. Será? Qual é a responsabilidade todos nós para virar esse jogo? Como trazer para a cena a diferença como virtude e a solidariedade como valor? Então, caminhamos pelas cantigas de roda, pela canção infantil, para buscar uma

simpática afirmação do Balão Mágico: “Todas elas cabem no nosso balão”. Essa frase vem reafirmar que toda criança tem direito à infância enquanto um tempo para experimentar, criar, fantasiar, brincar e ser feliz. Todas têm direito a uma vida digna, direito a se desenvolver plenamente e todas cabem no mundo com suas diferenças. Queremos uma sociedade que cuide de suas crianças, que construa os valores da solidariedade a partir da educação, do cuidado e do afeto: *Todas elas cabem no nosso balão*.

4ª ala – Ala dos movimentos sociais: “O balanço da loucura aterremota a ditadura da razão”

Os movimentos sociais são entendidos aqui como as placas tectônicas que se movimentam e nesse balanço é possível desconstruir algo para provocar o novo. Frutos de uma vontade coletiva, os movimentos sociais são ações de caráter sociopolítico, e na luta antimanicomial eles têm o importante papel na construção de outra sociabilidade.

Com o título “**O balanço da loucura aterremota a ditadura da razão**”, os movimentos sociais representam aquilo que com força e energia abalam as estruturas estabelecidas, denunciando, protestando e lutando por um mundo diferente. Muitas há que se provocar terremotos nas estruturas e fazer de seu movimento algo transformador. Os movimentos representam a resistência em favor da vida ao longo da história. São tenazes em seus objetivos e solidários na sua construção. Apesar de muitas vezes duramente atacados, covardemente perseguidos, resistem na sua luta por um mundo melhor para todos.

É o nosso convite para que se juntem a nós todos aqueles com os quais construímos laços de solidariedade. As comunidades de resistência, as mulheres, aos negros, aos sem-terra, aos estudantes, aos que lutam pelo direito a moradia, etc. O nosso balanço é o movimento da vida que se contrapõem ao movimento da morte que o capitalismo produz. Nossa luta é pelo imperativo da solidariedade.

- **5ª ala – Ala da denúncia: “Que mentira é essa? Quem me tira dessa?”**

Denunciar as mentiras travestidas de verdade, este é o fio condutor desta ala. As discussões sobre este tema surgiram a partir de uma análise crítica de usuários e trabalhadores ao projeto de lei do ato médico, que pretende fixar em lei que ficará ao médico a posição de decidir sobre todos os rumos de um tratamento de saúde. A alguns olhares menos atentos, passa despercebido o retrocesso que tal lei poderia causar a

bandeiras importantíssimas defendidas pelos que lutam por uma saúde integral para todos e por uma sociedade sem manicômios. Defendemos a integralidade como princípio do SUS e condição para um tratamento que respeite o vínculo e multiplicidade dos saberes.

Mas não será esta, nossa única denúncia. Tantas são elas: "Seja feliz comprando Xiiss", ou que hospício é um bom lugar, cheio de paz para morar. A mentira de que a gente só vale pelo que tem; que psicocirurgia, eletrochoque e a hipermedicalização em moda hoje, só fazem mal ao bolso de quem paga, mas que vale o investimento. A mentira de que a vida humana resume-se a questão biológica. Denunciar a falácia de que os governos estão caminhando para a construção da paz no mundo e que estão deveras preocupados com a pobreza da grande maioria, e que irão, de verdade, implementar políticas de preservação ambiental. Desmascarar a fantasia colorida da eterna juventude e também os atos interesseiros que querem passar por solidariedade.

• **6ª ala – Ala das conquistas da Luta Antimanicomial: “Basaglia viu e anunciou, Bispo luziu quando endoidou”**

E para o *grand finale*, a última ala contará a história da Reforma Psiquiátrica, seus avanços e desafios até os dias de hoje, começando com um feliz encontro, quando rompemos fronteiras para dialogar com a experiência mais radical até então - Trieste na Itália.

A vinda de Basaglia a Minas Gerais no 3º Congresso Mineiro de Psiquiatria quando, naquele momento, anunciou para todos nós a possibilidade de uma nova ordem no sentido da ruptura com a estrutura iatrogênica, violadora dos direitos, violenta e segregadora em sua essência: o manicômio.

A experiência de Trieste, a vinda de Basaglia ao Brasil, as denúncias da situação do Hospital Psiquiátrico de Barbacena, foram um grande terremoto para nós. Fez colocar abaixo uma fachada de suposto tratamento para expor o horror que a segregação da loucura produz. E diante dos escombros, a luta antimanicomial ganha corpo e forma para dizer de sua luta.

"*Basaglia viu e anunciou, Bispo luziu quando endoidou!*" é o nome dessa última ala que vai dizer da conexão Brasil – Itália, cujo resultado propiciou o tom e forneceu a medida para a concepção do modelo no qual propomos a superação da escuridão dos porões da loucura.

E tomando emprestado mais um dos versos do compositor Airton Meireles, afirmamos que "*Tá aí, saiu, a loucura tá nas ruas, tá na noite do Brasil!*" E estaremos lá, em pleno centro da capital de Minas, para dar "mil vivas pelo que nos aviva!".

Saudações antimanicomiais!!!

Comissão Organizadora do 18 de Maio de 2010

TEC TEC TEC

Criação coletiva dos usuários da Oficina de Música do Centro de Convivência São Paulo

Tec tec tectônica
Parece uma bomba atômica
Todo abalo à sociedade
Que vive sem a solidariedade

O Haiti também é aqui
Há em ti, Há em mim a solidariedade
Com a loucura contagiando essa cidade
A liberdade ainda que tan tan
Tira da dor a felicidade

Nossa arte tá na rua
De mãos dadas à loucura
Ela é minha também sua
Aterremota a ditadura
Então venha nessa entrar no nosso balão
Traga com você a criança do seu coração

(REFRÃO)

Basília viu e também anunciou
O bispo piou e sua arte iluminou
Salve o terremoto a favor da liberdade
Cantemos com toda energia
O manicômio vá prá rima que o pariu

Nem todo remédio cura nem toda receita é pura
Vamos quebrar a mureta da indústria tarja preta
Desce a marreta chutar o pau da barraca
Quero ver agora quem fecha a minha matraca

REALIZAÇÃO:
FÓRUM MINEIRO DE SAÚDE MENTAL E
ASSOCIAÇÃO DOS USUÁRIOS DOS SERVIÇOS DE
SAÚDE MENTAL DE MINAS GERAIS
(ASUSSAM)

APOIO:
SEC. MUNICIPAL DE SAÚDE DE BH
SEC. DE ESTADO DA SAÚDE/AMG
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA
BELOTUR

VEREADOR ARNALDO GODOY
DEP. ESTADUAL MARIA TEREZA LARA
PARQUE FAZENDA LAGOA DO NADO
SINDICATO DOS PSICÓLOGOS/AMG
SINDICATO DOS FARMACÊUTICOS/AMG
CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA
GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA
DE SAMBA CIDADE JARDIM

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
A TODOS OS SERVIÇOS SUBSTITUTIVOS
DE MINAS GERAIS



SOLIDARIEDADE: HÁ EM TI, HÁ EM MIM

Dia Nacional da **18**denaio
Luta Antimanicomial

18 DE MAIO — Dia Nacional da Luta Antimanicomial - 2010

Mais uma vez, usuários, familiares e trabalhadores da saúde mental, parceiros e amigos da luta antimanicomial, ocupam as ruas centrais de Belo Horizonte para o desfile da ESCOLA DE SAMBA LIBERDADE AINDA QUE TAN TAN. Neste ano, com a tragédia que se abateu sobre o Haiti, ficou evidente que a solidariedade também “balançou” a sociedade mundial. Só poderemos ter um mundo sem manicômios se entendermos que esta é uma luta de todos e que também se articula com tantas outras lutas. Apoiar-nos e nos reconhecermos uns nos outros. Com o tema **Solidariedade: Há em ti, Há em mim**, a Escola de Samba Liberdade Ainda Que Tan Tan evolui com as seguintes alas:

1ª ALA:

“Me empresta tudo que resta que lhe devolvo sonhos de sobra”

É a ala da solidariedade. Podemos imaginar a possibilidade de um encontro quando aquele que pode ajudar pede como empréstimo os flaps de esperança, o pouco ou quase nada que o outro ainda tem, para devolver sonhos e perspectivas para seguirem em frente, ambos agora agigantados pelo que trocaram entre si. Convidamos a cidade a participar deste nosso chamado à união e solidariedade para transformar este cenário de exclusão, que atinge a todos nós, loucos ou não.

2ª ALA:

“Libertrar-te da dor, encontrar-te com a cor”

Esta ala, além de explorar toda a experiência dos delírios e alucinações, seu lugar para os sujeitos e acolhimento necessário para as singularidades, aponta a arte como o encontro do ser humano com a possibilidade de expressão, de transformação de si e do mundo. Pensamos aqui uma homenagem à Semana da Arte Moderna de 1922, quando através da liberdade, marcou-se o fim das regras em um novo conceito estético, onde a obra se manifesta pela singularidade e não pela semelhança a modelos prévios.

3ª ALA:

“Todas elas cabem no nosso balão”

A ala das crianças e adolescentes denuncia que vivemos um mundo em que a competição entre os seres humanos tornou-se regra e quem não cabe neste rol de excluídos, acabam excluídos do processo e condenados à periferia da sociedade. O nome desta ala vem reafirmar que toda criança tem direito à infância enquanto um tempo para experimentar, criar, fantasiar, brincar e ser feliz. Todas têm direito a uma vida digna, direito a se desenvolver plenamente e todas cabem no mundo com suas diferenças.

4ª ALA:

“O balanço da loucura aterremota a ditadura da razão”

É a ala dos movimentos sociais, entendidos aqui como as placas tectônicas que se movimentam, e nesse balanço é possível desconstruir algo para provocar o novo; representam aquilo que com força e energia abalam as estruturas estabelecidas, denunciando, protestando e lutando por um mundo diferente: são tenazes em seus objetivos e solidários na sua construção.

5ª ALA:

“Que mentira é essa? Quem me tira dessa?”

Denunciar as mentiras travestidas de verdade, este é o fio condutor desta ala. Denunciar o Projeto de Lei do Ato Médico, que pretende delegar exclusivamente ao médico a decisão sobre todos os rumos de um tratamento de saúde; denunciar a falácia de que hospício é um bom lugar de tratamento; denunciar a mentira da psicocirurgia e do eletrochoque e de que a vida resume-se a uma questão biológica.

6ª ALA:

“Basaglia viu e anunciou, Bispo luziu quando endoioiu”

A última ala contará a história da Reforma Psiquiátrica, seus avanços e desafios até os dias de hoje, começando com um feliz encontro, quando rompemos fronteiras para dialogar com a experiência mais radical até então, a da Itália. A vinda, em 1979, do psiquiatra italiano Franco Basaglia a Minas Gerais, como um terremoto, fez colocar abaixo uma fachada de suposto tratamento para expor o horror que a segregação da loucura produz. E diante dos escumbros, a luta antimanicomial ganha corpo e forma para dizer de sua luta e propor a superação da escuridão dos chamados porões da loucura.



ANEXO 7 – FOTOS



Estandarte: lema de ordem do Movimento da Luta Antimanicomial



Sob os muros do Hospício de Barbacena- anos 1960
Assim como esta, todas as fotos em preto e branco foram retiradas do livro “Colônia: uma tragédia silenciosa”, organizado por Jairo Toledo (MINAS GERAIS, 2008).



Pré carnaval no Concurso de Samba Enredo- abril de 2010: música, fantasia e liberdade



Campo de Concentração em Barbacena



Concentração Desfile do 18 de maio, Praça Sete, coração de Belo Horizonte



Dormitório do Hospício de Barbacena: qualquer semelhança com os campos de concentração de Auschwitz não é mera coincidência



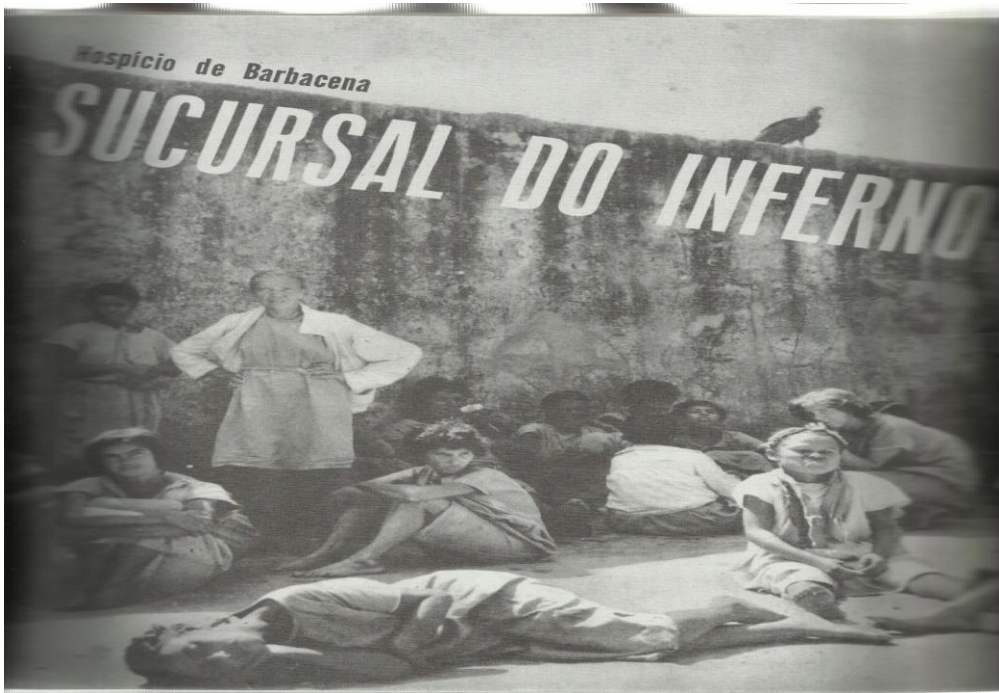
Aquecendo os tambores para o desfile do 18: luta pela liberdade



Nua, presa e sem nome no Hospício de Barbacena



Fantasiados, livres e culturalmente reconhecidos como Mestre Sala e Porta Bandeira, nas ruas de Belo Horizonte



A loucura sob os muros



A loucura invadindo a cidade



Ala das crianças e adolescentes- Hospital Colônia de Barbacena: vozes do silêncio



Ala das crianças e adolescentes- Desfile 18 de maio: “Todas elas cabem no nosso balão!”



Carro da morte em Barbacena- anos 1960: de 100 a 200 mortes por mês!



Carro da vida e da liberdade: um dos trios elétricos, com a presença de Franco Rotelli (de blusa branca); estimativa de 2500 pessoas desfilando



Alunos de uma escola pública durante o desfile: “Aqueles meninos e nós, nunca mais seremos os mesmos! Agora somos encantados!” (Marta Soares, blog 18 de maio)



Outros espectadores



Chuva de papéis dos prédios do entorno durante o desfile



A dispersão do desfile. Reencontro marcado para o próximo ano!